



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS

**AMANDA OLIVEIRA LIMA**

***UMBRA E O CAÇADOR DE ANDROIDES***: Uma análise das relações ecológicas e tecnológicas na literatura distópica

São Luís  
2019

**AMANDA OLIVEIRA LIMA**

***UMBRA E O CAÇADOR DE ANDROIDES***: Uma análise das relações ecológicas e tecnológicas na literatura distópica

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Linha de Pesquisa: Discurso, Literatura e Memória.

Orientadora: Profa. Dra. Naiara Sales Araújo Santos

São Luís  
2019

## FOLHA DE APROVAÇÃO

***UMBRA E O CAÇADOR DE ANDROIDES***: Uma análise das relações ecológicas e tecnológicas na literatura distópica

Dissertação apresentada ao Programa de PósGraduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão, como requisito para obtenção do título de Mestre em Letras.

Aprovado em: \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

### BANCA EXAMINADORA

---

**Profa. Dra. Naiara Sales Araújo Santos** (Orientadora)

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

---

**Profa. Dra. Rita de Cássia Oliveira**

Universidade Federal do Maranhão - UFMA

---

**Prof. Dr. Feliciano José Bezerra Filho**

Universidade Estadual do Piauí - UESPI

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Núcleo Integrado de Bibliotecas/UFMA

Oliveira Lima, Amanda. UMBRA E O CAÇADOR DE ANDROIDES : Uma análise das relações ecológicas e tecnológicas na literatura distópica / Amanda Oliveira Lima. - 2019.

89 f.

Orientador(a): Naiara Sales Araújo Santos.

Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Letras/cch, Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2019.

1. Distopia. 2. Ecologia. 3. O caçador de Androides.

4. Tecnologia. 5. Umbra. I. Sales Araújo Santos, Naiara. II. Título.

## AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por ter me dado forças e condições de ter sido aprovada no mestrado.

A minha mãe, Mari Pessoa Oliveira, que sempre esteve ao meu lado durante toda a minha vida.

A meu pai, Boaz Tavares Lima, que contribuiu sempre para minha formação acadêmica.

A minha irmã, Bruna Maria Oliveira Lima, que muitas vezes me ajudou a praticar as apresentações que precisava fazer nos eventos vinculados ao mestrado.

A minha orientadora, Profa. Dra. Naiara Sales Araújo Santos, pela paciência e, principalmente, pela sabedoria que partilhou comigo não só durante o mestrado, mas também durante a graduação.

A minhas tias, Lucia Pessoa Oliveira, Antônia Berenice Pessoa Oliveira, Maria Lindalva Pessoa Oliveira, Marli Passos Cutrim e Francisca Pessoa Oliveira, por sempre se preocuparem em dar suporte a mim, quando necessário.

A meu namorado, Vinicius Soares de Carvalho, por participar dessa jornada árdua junto a mim.

A minha colega Juliana Lavra, que me ajudou com a correção do meu pré-projeto. Ao PGLetras, que viabilizou a oportunidade do mestrado em que, com muito esforço, consegui ser aprovada.

A todos que tenham contribuído de algum modo para com o meu desempenho acadêmico.

## ***UMBRA E O CAÇADOR DE ANDROIDES***: Uma análise das relações ecológicas e tecnológicas na literatura distópica

O presente estudo tem como objetivo analisar as narrativas distópicas *Umbra* (1977), de Plínio Cabrale, e *O Caçador de Androides* (1968), de Philip K. Dick, à luz dos estudos da Ecocrítica e Ecofeminismo e também da Geografia Humanista e perspectiva de lugar. Com este propósito, será analisada a presença da natureza nas obras e a maneira como ela é descrita, enfatizando, sobretudo, um item comum às duas narrativas: a destruição do meioambiente. Com base nas ideias da ecologia, do feminismo e do socialismo, a premissa básica do ecofeminismo é de que a ideologia que autoriza opressões, como aquelas baseadas em raça, classe, gênero, sexualidade, habilidades físicas e espécies, é a mesma ideologia que sanciona a opressão da natureza (GAARD, 1993). A semelhança entre a mulher e a natureza se deve tanto ao fato de ambas serem geradoras de vida quanto pela exploração a que são submetidas ao longo da história. As distopias de Plínio Cabral e Dick são construídas com base na ação subversiva e desregrada do homem sobre a natureza, ao passo que a sociedade descrita nas obras sofre com as consequências de seus atos. As narrativas em questão, portanto, causam desconforto e estimulam a reflexão. Com o propósito de propiciar a discussão deste estudo, traremos à baila críticos da ficção científica e distopia, como Marek Oziewicz (2017), Adriana Amaral (2008) e Marcella Giglioli Stoppa Baldessin (2006); teóricos do ecofeminismo, a exemplo de Greta Gaard (1993), Ivone Gebara (1997), Laura Hobgood-oster (2002), além de estudiosos da geografia humanista, como Werther Holzer (1998), Edward Relph (2014) e Alexandre Samir Rocha (2007). Os resultados alcançados com o trabalho ora apresentado apontam para uma importante contribuição da literatura distópica enquanto meio capaz de dialogar com diversas áreas de estudo, de modo a viabilizar tão importantes quanto necessárias reflexões ao meio social.

**Palavras-chave:** *Umbra*. *O caçador de Androides*. Distopia. Ecologia. Tecnologia.

***UMBRA AND O CAÇADOR DE ANDROIDES*: An analysis of the ecological and technological relations in the dystopic literature**

This study aims to analyze the dystopic narratives *Umbra* (1977), by Plínio Cabrale, and *O Caçador de Androides* (1968), by Philip K. Dick, using the studies of Ecocriticism and Ecofeminism and also of the Humanistic Geography and perspective of place. Aiming to achieve this objective, the presence of the nature in the aforementioned works and the way such presence is described are both analyzed, emphasizing, above all, an item which is mutual to both narratives: the destruction of the environment. Based on the ideas of ecology, feminism, and socialism, the basic premise of ecofeminism is that the ideology which authorizes oppressions, such as the ones based on race, class, gender, sexuality, physical abilities, and species, is the same ideology which sanctions the oppression of the nature (GAARD, 1993). The similarity between woman and nature lies in the fact that both are generators of life and in the exploration through which they are put throughout history. Plínio Cabral and Dick's dystopias are based on man's subversive and unruly action towards nature, while the society described on the works suffers with the consequences of its actions. The narratives on hand, thus, cause discomfort and stimulate reflection. Aiming to provide a discussion on this study, we will mention critics of science fiction and dystopia, such as Marek Oziewicz (2017), Adriana Amaral (2008), and Marcella Giglioli Stoppa Baldessin (2006); theorists of ecofeminism, such as Greta Gaard (1993), Ivone Gebara (1997), Laura Hobgood-oster (2002), besides scholars of humanistic geography, such as Werther Holzer (1998), Edward Relph (2014), and Alexandre Samir Rocha (2007). The results achieved with the presented work suggest a major contribution of the dystopic literature as a way that is capable of dialoguing with many areas of study, facilitating reflections both important and necessary to the social environment.

**Keywords:** *Umbra*. *O Caçador de Androides*. Dystopia. Ecology. Technology.

## SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO .....	9
2 LITERATURA ESPECULATIVA E FICÇÃO CIENTÍFICA: BREVE .....	12
PERCURSO HISTÓRICO.....	12
2.1 Um olhar sobre Ficção Científica .....	13
2.2 A Ficção Científica Brasileira: Breve histórico .....	17
2.3 Distopia: Considerações gerais .....	21
2.4 Distopia como literatura engajada.....	24
3 ECOCRÍTICA: ECOLOGIA, LUGAR E HOMEM.....	27
3.1 Ecocrítica e Ecofeminismo: Natureza e Mulher em foco .....	33
3.2 Ecocrítica e Geografia Humanista .....	41
3.2.1 A perspectiva de Lugar .....	43
3.2.2 Topofilia: Homem, lugar e emoções.....	46
4. REVISITANDO UMBRA E O CAÇADOR DE ANDROIDES.....	50
4.1 Descobrimo o universo de <i>Umbra</i> .....	51
4.1.1 Desequilíbrio Ecológico: A Cidade que mata e morre .....	52
4.1.2 Mulher, Natureza e Lugar .....	58
4.2. A narrativa de Philip K. Dick.....	65
4.2.1 Mulheres andróides, mulheres humanas e o planeta Terra .....	67
4.2.2 Lugar sem Lugaridade em <i>O Caçador de Andróides</i> .....	72
4.3 <i>Umbra e o Caçador de Andróides</i> , convergências e divergências: a essência das distopias.....	66
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	79
REFERÊNCIAS .....	84

## 1 INTRODUÇÃO

Dentre tantas outras finalidades, a literatura também objetiva refletir sobre situações cotidianas e problemas sociais, tendo em vista que muito do que é posto se pauta em costumes que revelam os detalhes da época em que a obra foi escrita.

Considerando essa realidade, as distopias – objeto deste estudo – surgem como subgênero da ficção científica e são apontadas como ferramentas de reflexão social, sobretudo no tocante aos efeitos gerados pelo desenvolvimento tecnológico e sofridos pelo homem enquanto ser social. Frequentemente, autores que lidam com essa temática embasam suas narrativas a partir de observações presentes, considerando os impactos das ações do homem para o futuro.

Assim, as distopias tomam para si a missão de alertar e, por vezes, influenciar as pessoas em suas decisões e, por essa razão, a produção de narrativas diatópicas se tornaram uma tendência frequente no meio artístico-cultural, sobretudo pela sua popularização no cinema. Desse modo, torna-se imprescindível um olhar ainda mais atento sobre suas temáticas e estruturas semânticas.

Partindo desse pressuposto, o presente estudo emana de uma percepção decorrente da leitura das seguintes obras literárias: *Umbral* (1977), de Plínio Cabral, e *O caçador de androides* (1968), de Philip K. Dick. Tais narrativas têm notáveis semelhanças e ambas são consideradas distopias, o que propicia o desenvolvimento de várias reflexões a respeito da sociedade em que vivemos.

Tanto *Umbral* quanto *O caçador de androides* trazem em si uma matéria que é preocupante no mundo inteiro: a destruição do meio ambiente devido à ação desregrada do homem. Certamente, não há como remediar totalmente um problema que se agrava há séculos, além de que as ações irresponsáveis de exploração da natureza continuam aumentando, à medida em que as cidades se desenvolvem.

Assim, optou-se por fazer uma analogia entre a natureza e o ser feminino. A representação de “mãe terra/mãe natureza” revela a proximidade que a mulher tem com a natureza e, historicamente, sabe-se que a mulher vem sendo explorada e desrespeitada tal qual a natureza.

Como arcabouço teórico para este estudo, lançamos mão da teoria ecofeminista, a fim de se buscar respostas para as seguintes indagações: Como as distopias são

importantes para gerar reflexão sobre os problemas sociais? Há semelhanças entre as narrativas? Como isso ocorre? Por que o espaço geográfico nas distopias remete à destruição do mundo e como a teoria ecofeminista pode explicar essa constatação? Como a teoria ecofeminista pode se relacionar com a geografia humanística e a perspectiva de *lugar*?

Considerando tais questionamentos, esta pesquisa tem como principal objetivo analisar comparativamente as obras *Umbra* (1977), de Plínio Cabral, uma distopia brasileira, e *O caçador de Androides* (1968), de Philip K. Dick, distopia americana, com o intuito de constatar a ampla reflexão que essas obras propiciam no tocante à destruição da natureza pela ação do homem, à luz da teoria ecofeminista e da geografia humanista, sobretudo no que se refere à perspectiva de lugar.

Como objetivos específicos, buscamos encontrar pontos de aproximação entre as narrativas citadas, assim como analisar a estrutura das obras e discorrer sobre a reflexão social de ambas, à luz da teoria ecofeminista e da perspectiva de lugar. Procuramos refletir, ainda, sobre o porquê de essas obras terem como espaço geográfico cidades devastadas, levando em consideração o contexto social e político em que elas foram escritas.

Para o pleno desenvolvimento do estudo que nos propusemos a realizar, o presente trabalho foi dividido em cinco capítulos, sendo este o primeiro. O segundo capítulo, intitulado “Literatura Especulativa e Ficção Científica: breve percurso histórico”, traz um breve histórico sobre a trajetória do gênero ficção científica, apresentando informações desde a sua origem até as fases atuais, apontando, inclusive, seus autores mais expressivos. Ainda nesse capítulo, é feita uma abordagem histórica da ficção científica brasileira, levando em conta suas primeiras manifestações e o modo como o gênero foi moldado.

Ainda nesse tópico do trabalho uma ênfase especial é dada ao subgênero distopia, em razão do seu caráter reflexivo e emblemático. Obras como *1984*, de George Orwell, *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, e *Fahrenheit 451*, de Ray Bradbury, por exemplo, certamente ajudaram a popularizar esse subgênero da Ficção Científica e, ao mesmo tempo, promoveram reflexões polêmicas sobre os novos modos de agir e pensar do homem pós-moderno.

Dando continuidade ao estudo, o terceiro capítulo, intitulado “Ecocrítica: Ecologia, Lugar e Homem”, discorrerá sobre a relação entre as categorias críticas literárias e a ecologia. Tal interrelação é explicada por Cheryl Glotfelty (1996), que também mostra

como essa correspondência foi estabelecida entre outros campos de estudo, para então resultar na interligação entre meio ambiente e teoria literária.

Além da ecocrítica, também se discutirá sobre a ecofeminismo, que, como dito anteriormente, é o fundamento teórico desta pesquisa. Para tanto, traremos à baila importantes críticos que contribuíram para a formação da teoria como um todo: Greta Gaard (1993), Karren J. Warren (1997), Ivone Gebara (1997), Susan Buckingham (2004), Rosemary Redford Ruether (2005) e Maximiliano Torres (2009). Neste capítulo, portanto, será analisada a relação que o ecofeminismo tem com o misticismo e também com diferentes religiões ao redor do mundo, além do modo como essas relações se estabeleceram no Brasil.

Por considerarmos que a Geografia Humanista similarmente tem uma estreita relação com as temáticas exploradas pela ecocrítica, abriremos espaço para uma reflexão no âmbito das discussões da Geografia Humanista, sobretudo no tocante à perspectiva de lugar. Nesse sentido, buscamos engajamento nos apontamentos de Yi Fu Tuan (1980), Eric Dardel (1990) e Eduard Relph (2014), dentre outros.

No capítulo seguinte, por sua vez designado “*Revisitando Umbra e O Caçador de Androides*”, serão analisadas as obras *Umbra* e *O Caçador de Androides*. Por meio dessas análises, será possível conhecer o enredo de ambas as obras, bem como relacioná-las com o contexto histórico em que os autores Plínio Cabral e Philip K. Dick viveram, além de verificar como esse contexto influenciou na idealização de suas distopias. A análise de ambas as obras será feita com base na teoria ecofeminista em convergência com a perspectiva de lugar, apresentada nos estudos da geografia humanista.

Por fim, no quinto capítulo, serão apresentados os resultados e as considerações finais erigidas a partir das análises e discussões propostas. Por oportuno, é relevante esclarecer que esta pesquisa não tem a pretensão de levar as discussões à exaustão, mas sim de contribuir com as reflexões já existentes no Brasil, tanto no âmbito dos estudos de distopia quanto dos estudos de ecofeminismo.

No que tange aos procedimentos metodológicos, é válido destacar que essa é uma pesquisa qualitativa, baseada na identificação e interpretação de elementos presentes nas obras literárias distópicas que dialogam com a Teoria Ecocrítica e com a Geografia Humanista.

## **2 LITERATURA ESPECULATIVA E FICÇÃO CIENTÍFICA: BREVE PERCURSO HISTÓRICO**

Literatura especulativa e ficção especulativa são termos utilizados para descrever um tipo de literatura que especula sobre universos irrealis. Geralmente, essas narrativas são ambientadas em lugares imaginários, onde se é possível narrar acontecimentos utópicos resultantes da criatividade humana, a fim de exagerar o real ou simplesmente criar ilusões completas.

Segundo Marek Oziewicz (2017), literatura especulativa ou ficção especulativa corresponde a uma supra categoria que engloba todos os outros gêneros literários – fantasia, ficção científica e horror, mas também seus derivados, híbridos e gêneros cognatos como o gótico, a distopia, a ficção estranha, a ficção pós-apocalíptica, as histórias de fantasmas, os contos de super-heróis, as histórias alternativas, steampunk, slipstream, o realismo mágico, os contos de fadas fraturados, dentre outros –, oriundos da premissa de copiar uma noção da realidade – aprovada pela humanidade – que é correspondente à representação de uma experiência cotidiana.

Inicialmente, o termo literatura especulativa foi criado para ser um subgênero da ficção científica, mas como a sua carga semântica foi ampliada, esse termo passou a ser definido como um campo de produtividade cultural. Entretanto, é importante ressaltar que esse campo não está relacionado apenas à criação de textos, mas também à sua receptividade. A ficção especulativa, nesse sentido, se opõe às narrativas realistas – que apenas imitam a realidade –, uma vez que criam mundos fictícios e personagens fantasiosos. Para Marek Oziewicz (2017, p. 2), a literatura especulativa “emerges as a tool to dismantle the traditional Western cultural bias in favor of literature imitating reality and as a quest for the recovery of the sense of awe and wonder”.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> [...] emerge como uma ferramenta para dismantlar o viés da cultura ocidental em favor da literatura que imita a realidade e como uma busca pela recuperação do sentimento de respeito e admiração. [Tradução nossa]

Com a aceitação mais ampla de gêneros não miméticos e mudanças na sociedade, como a quebra das ideias do real promovidas pelas culturas dominantes, ficou evidente a insuficiência das categorias conceituais para os gêneros literários. A partir daí, tornou-se imprescindível a criação de novas categorias que acolhessem as novas formas de narrativa e que abrigassem uma visão diferente da realidade imposta pelo sistema de exploração capitalista, como assevera Oziewicz (2017, p. 2):

Speculative fiction is a mode of thought-experimenting that includes narratives addressed to young people and adults and operates in a variety of formats. The term accommodates the non-mimetic genres of Western but also non-Western and indigenous literatures—especially stories narrated from the minority or alternative perspective. In all these ways, speculative fiction represents a global reaction of human creative imagination struggling to envision a possible future at the time of a major transition from local to global humanity.<sup>2</sup>

Tendo em vista que ficção científica e distopia são tipos de literatura especulativa, que usam representações de realidade consensual, e não apenas imitam as experiências humanas reais do dia-a-dia, discussões mais aprofundadas acerca desses tipos de literatura são pertinentes, haja vista a relação dialógica que estabelecem com problemas sociais resultantes do processo de desenvolvimento tecnológico.

Nessa perspectiva, no tópico a seguir serão abordadas as discussões já existentes sobre o gênero “ficção científica”, considerando suas características e especificidades, além de se fazer um breve histórico sobre o assunto, destacando, inclusive, os autores representantes do gênero em foco.

## **2.1 Um olhar sobre Ficção Científica**

Quando pensamos em ficção científica, nossa mente tende a ser dominada por ideias que envolvem tecnologia avançada, robôs que se comportam como pessoas, extraterrestres que possuem uma figura humanoide (mas que ainda diferem bastante dos seres terráqueos), aventuras no espaço e tantos outros elementos que são facilmente

---

<sup>2</sup> [...]A ficção especulativa é um modo de experimentar os pensamentos que inclui narrativas dirigidas a jovens e adultos e opera em uma variedade de formatos. O termo acomoda os gêneros não-miméticos das literaturas ocidentais, mas também não-ocidentais e indígenas – especialmente histórias narradas a partir da perspectiva minoritária ou alternativa. De todas essas maneiras, a ficção especulativa representa uma reação global da imaginação criativa humana, lutando para vislumbrar um possível futuro na época de uma grande transição da humanidade local para a global. [Tradução nossa]

identificáveis como sendo desse gênero. Segundo a crítica Fátima Regis de Oliveira (2003, p. 183):

A ficção científica exercita a tarefa filosófica de interrogar os modos do homem ser e atuar sobre o mundo por meio de duas práticas científicas – a curiosidade e o experimentalismo. A ficção científica cria as condições de produção de sentido entre subjetividade, tecnociência e espaço-tempo, tornando-se campo propício para interrogar o humano por meio da comunicação fecunda entre filosofia e ciência. (OLIVEIRA, 2003, p. 183)

O gênero ficção científica é, por si só, uma mistura de outros gêneros literários, como o fantástico e a epopeia. As epopeias narram feitos heroicos de personagens que tinham, muitas vezes, um vigor físico acima da média e possuíam o desejo de se aventurar, por vezes, para salvar alguém ou até mesmo uma nação inteira. O fantástico, por seu turno, existe desde os contos de fadas, quando monstros e fadas se entrelaçam em uma mesma narrativa, o que é um produto da imaginação humana.

Entretanto, é importante esclarecer que, ao contrário de fantasia, a ficção científica lança mão da ciência para criar ficção, de conceitos cientificamente comprovados, ou, ainda, de estudos que embasam a criação dessas narrativas. Como o próprio nome sugere, trata-se de ficção, embora por diversas vezes os autores modifiquem tais conceitos de modo a exagerá-los ou a desenvolver ideias que talvez nunca sejam executadas ou experimentos que provavelmente só serão viáveis daqui a muitos anos.

Nas obras de ficção científica é possível perceber também grandes feitos heroicos em aventuras verdadeiramente épicas. Todavia, ao contrário das epopeias, as narrativas de ficção científica são, por diversas vezes, ambientadas em um futuro próspero. Além disso, a ficção científica está diretamente vinculada ao desenvolvimento tecnológico e ao desejo da humanidade de criar ferramentas cada vez mais avançadas, a fim de facilitar a vida humana.

Neste universo literário, muitas obras podem ser ambientadas em uma espécie de paraíso, em outro planeta onde a sociedade é bastante evoluída. Outra característica da ficção científica é que nela frequentemente são encontrados elementos do fantástico, geralmente quando a imaginação dos autores aflora e criaturas imaginárias se juntam à raça humana em relações de harmonia ou de conflito.

Em se tratando da origem exata do gênero ficção científica, há ainda muitas controversas. No entanto, é possível afirmar que essas narrativas, constantemente, relatam

uma espécie de paraíso tecnológico, que pode ser interpretado como um lugar à frente de seu tempo e que, por essa razão, muitas vezes leva o leitor à trajetória utópica.

É importante destacar que as narrativas utópicas são frequentemente associadas à obra *Utopia* (1478-1535), de Thomas Morus, que descreve um país imaginário onde tudo era perfeito, inclusive o governo, que fazia tudo para agradar o seu povo. Todavia, para que tal perfeição fosse alcançada, todos deveriam obedecer a um contrato social, respeitando regras e vivendo sob um regime igualitário e justo. Por outro lado, a liberdade do indivíduo nesse país ainda era uma questão polêmica, já que este poderia perder a sua subjetividade ao se doar ao sistema proposto.

Decerto a liberdade individual dos sujeitos parece um ponto em aberto nas utopias. A perfeição dos sistemas exige controle estrito e respeito às regras. Desobedecê-las neste sentido não corresponde apenas a descumprir leis, mas a ameaçar toda o sistema. Direta ou indiretamente esta preocupação aparece nos utopistas do século XIX e, uma vez que não é capaz de ser completamente solucionada, vai dar margem para o surgimento das distopias já em inícios do século XX. (FIGUEIREDO, 2009, p. 343)

Outra característica das narrativas utópicas são as descrições de paraísos semelhantes aos encontrados em livros sagrados (como a Bíblia), onde o homem goza da felicidade plena. Em algumas vertentes do gênero, a ficção científica também apresenta a ideia de perfeição, que tem o poder de proporcionar a felicidade da humanidade por meio da evolução da ciência e do conhecimento tecnológico.

A capacidade de sonhar, de fantasiar e de especular sobre o próprio futuro parece ser uma das características definidoras da humanidade. A criação de mundos perfeitos, de paraísos alcança um passado remoto e pode ser encontrada em diferentes civilizações e grupos sociais ao longo da história. Através do tempo as narrativas sobre estes mundos ideais alcançaram diferentes formas: se num primeiro momento eram marcadas pela influência ou domínio de diferentes divindades e entidades sobrenaturais, as utopias passaram a ser *locus* da ação humana. Perfeitas não por serem atribuídas a um regimento metafísico qualquer, mas por serem produzidas pelos homens e para os homens. (FIGUEIREDO, 2009, p. 325)

A ficção científica do século XX, em razão da diversidade de temáticas, engloba duas principais grandes eras: a *Golden Age* e a *New Wave*. A *Golden Age*, que vai dos anos 1930 aos anos 1950, contou com um sentimento otimista e utópico sobre o avanço tecnológico. Os autores entusiastas responsáveis por obras que fizeram parte dessa era são: Isaac Azimov, James Blish, Frederik Pohl, Cyril M. Kornbluth e Judith Meril.

Em 1939, no contexto científico, acontece a fissão do urânio que gera a bomba nuclear. Com esse avanço, os escritores de FC necessitam de uma maior especificidade técnica e surge um amplo número de revistas populares como forma de entretenimento: *Astounding Stories*, *Astounding Science Fiction*, entre outras. Os escritores deixam de ser apenas adolescentes seduzidos por estórias de aventura e tecnologia e começam então a profissionalizar-se em assuntos técnicos e científicos como física, química, eletricidade, biologia, etc. Novamente instaurada a fé no progresso científico, muitos são os escritores que atingem a fama com suas obras. (AMARAL, 2008, p. 8)

Muitas obras da *Golden Age* foram publicadas em revistas de ficção científica que distribuíam positividade a respeito da tecnologia, que corresponderia a sonhos realizados de uma vida prática e próspera, como afirma Araújo (2014, p. 28): “(...) *the contribution of science and technology to humanity tend to eulogise the scientist as social progress and economic stability*”<sup>3</sup>. Nesse contexto, o capitalismo contribuiu sobremaneira com a propagação de tal ideia, uma vez que a tecnologia, além de propiciar grandes lucros para as nações, seria sinônimo de status, prosperidade e evolução.

No final da década de 50 e início de 60, surge uma nova tendência estéticoliterária entre os escritores de ficção científica: a *New Wave* da ficção científica, que corresponde ao período em que o gênero se preocupou com as questões humanas mais profundas, mostrando o lado mais sombrio e devastador da evolução tecnológica. Nesse período, as guerras e os impactos da destruição ecológica gerados pela evolução tecnológica fizeram com que um grupo de escritores criassem narrativas mais realistas, revelando os aspectos negativos da tecnologia.

Os representantes da *New Wave* são: Brian Andiss, J.G. Ballard e Michael Moorcockna Grã-Bretânia, Samuel Delany, Harlan Ellison, Robert Silverberg, Tomas Dish, Roger Zelazny, Pamela Zoline e Philip K. Dick. Este último teve grande influência sobre muitos escritores, devido a seu estilo de escrita, que enfatizou o lado obscuro e desprezível do progresso tecnológico, além de tantos outros infortúnios gerados pela ideia de desenvolvimento tecnocientífico.

Ao comentar sobre as características da *New Wave*, a crítica e escritora brasileira Adriana Amaral (2008) elucida:

[...] os autores da *New Wave*, apesar do pessimismo, estavam mais preocupados com um pensamento tecnológico em relação à existência humana. Os heróis da NW, ao contrário dos mocinhos intrépidos da era dourada, possuem um perfil de herói solitário, paranóico e angustiado por questões existenciais. A questão da

---

<sup>3</sup> A contribuição da ciência e tecnologia para a humanidade tende a eleger o cientista como um agente do progresso social e estabilidade econômica. [Tradução nossa]

subjetividade do indivíduo é resgatada das cinzas góticas e ressurge em uma nova forma de contar as histórias futuristas de FC. O pessimismo e a paranóia em relação às fronteiras do que é realidade, assim como as relações de poder e os elementos tidos como constitutivos do ser humano, reaparecem na forma de histórias violentas e sexualizadas, integradas à tecnologia, não como máquinas para viagens às estrelas, mas inseridos no cotidiano do indivíduo. A máquina e/ou os elementos não-humanos entram novamente em cena, reincorporados como os fantasmas de nosso imaginário (AMARAL, 2008, p. 8).

Acerca da literatura de ficção científica da América Latina, pode-se afirmar que, muitas vezes, foi rotulada como derivação do realismo mágico ou do fantástico literário, já que nem sempre os textos desse território se enquadravam nos padrões austeros da FC característicos da produção inicial nos Estados Unidos, embora os latino-americanos se vissem como frutos da já conhecida tradição da FC no hemisfério norte.

Anos depois, a América Latina concebeu a ficção científica como um gênero global e os latino-americanos, por esse motivo, participaram da constituição desse gênero utilizando apenas elementos locais e adequando as características da FC à sua própria cultura, além de contribuírem com novas perspectivas e criarem outras possibilidades de se fazer ficção científica como um todo.

Em países como o Brasil, embora mais tardiamente, esse gênero também se fez presente por meio das obras de vários autores, mas com características culturais próprias, como veremos a seguir.

## **2.2 A Ficção Científica Brasileira: breve histórico**

O gênero ficção científica é identificado como fruto da globalização e da tecnologia. Na América Latina, chegou tardiamente, o que se justifica pelo fato de países de primeiro mundo terem maior acesso à grande evolução tecnológica do que países com menor desenvolvimento. O crítico Daniel Iturvides Dutra, em seu artigo *Ficção científica brasileira: um gênero invisível* (2009), trata da trajetória da ficção científica no Brasil, que percorreu um longo caminho até chegar a ser efetivamente percebida pela sociedade brasileira.

Dutra (2009) também ressalta que esse gênero apareceu de maneira esparsa no final do século XIX e início do século XX e cita muitos autores que, por meio de obras menores, já produziam ensaios sobre o gênero em questão, como, por exemplo, Machado de Assis, com o conto *O imortal* (1882), Monteiro Lobato, com *O presidente Negro* e, ainda, Albino José Ferreira, com *A Amazônia Misteriosa* (1925).

No início do século XX, o modelo seguido por autores brasileiros de ficção científica era o europeu, e embora a tecnologia fosse apresentada de modo negativo, a urbanização futurística era vista como um avanço para civilização e fomento para uma identidade nacional. M. Elisabeth Ginway e Roberto de Sousa Causo, no artigo *Discovering and Re-discovering Brazilian Science Fiction: An Overview* (2010), citam duas obras desse período que apresentam essa visão: *Os Visitantes do Espaço* (1963), de Jerônimo Monteiro, e *Universidade Marciana* (1960), de Dinah Silveira de Queiroz.

Os críticos Yolanda Molina-Gavilan, Andrea Bell, Miguel Angel FernandezDelgado, M. Elisabeth Ginway, Luis Pestarini e Juan Carlos Toledano Redondo, no estudo intitulado *Chronology of Latin American Science Fiction, 1775-2005* (2007) revelam que no Brasil, primeiramente, se tinha uma corrente mais utópica e otimista acerca da modernização das cidades. Depois, mais temas controversos foram discutidos, como, por exemplo, a batalha dos sexos, um feminismo iniciante e as mazelas da sociedade moderna, que são tratados nas obras *A costela de Adão*, de Berilo Neves (1930), e *Novelas Fantásticas* (1934), de Gomes Neto.

Dutra (2009) ainda ressalta que uma maior visibilidade foi dada ao movimento com Jerônimo Monteiro, que fundou, de fato, uma tradição literária de ficção científica, com a criação da *Sociedade Brasileira de Ficção Científica*.

Seguido de Jerônimo Monteiro, surge nos anos 60 e 70 um novo movimento de ficção científica brasileira. Este movimento ficou conhecido como “primeira onda” ou “Geração GRD”. A sigla GRD vêm das primeiras letras do nome do editor baiano Gumercindo Rocha Dorea. O editor foi responsável tanto pela divulgação de nomes de autores de ficção-científica estrangeiros consagrados (Robert A. Heinlein, Ray Bradbury, Walter M. Miller Jr., Fredric Brown, entre outros) como pela divulgação de trabalhos de autores brasileiros. Dorea passou a publicar autores que já tinham certa experiência no gênero, como Rubens Teixeira Scavone, autor de *O Homem Que Viu O Disco Voador* (1960) e o já citado Jerônimo Monteiro, além de também publicar trabalhos de autores já consagrados na literatura *mainstream* brasileira que desejassem se aventurar no gênero ficção-científica e, principalmente, dar a primeira chance a autores brasileiros iniciantes. (DUTRA, 2009, p. 225)

É possível observar alguns sinais de aversão à ideia de o Brasil ser sempre uma colônia, no sentido de a ficção brasileira também depender de um modelo importado. Na obra *A Amazônia Misteriosa* (1925), de Gastão Cruls, Ginway e Causo (2010) revelam que apesar de ter sofrido influência da obra *Island of Doctor Moreau* (1896), de H. G. Wells, o protagonista da obra de Cruls, ao final, rejeita as demandas científicas europeias, que não passavam de outro avanço cruel e explorador de conquistadores e colonizadores. Isso,

portanto, deixa claro que a literatura de ficção científica brasileira está seguindo seu curso sem necessariamente copiar tudo o que tem procedência europeia.

A originalidade nas obras dessa geração ficou ainda mais evidente quando elementos conhecidos, como naves espaciais, robôs e outras generalidades pertencentes ao gênero ficção científica foram recriados, mas com um detalhe: contendo traços da cultura brasileira. Um dos grandes representantes dessa época foi André Carneiro, atualmente membro da *Science Fiction & Fantasy Writers of America*, um grupo de escritores internacionais renomados de ficção científica.

Lighting Works from this period make reference to Rio's carnival and street hustlers (malandros), as in "Missão T-935" [Mission T935, 1963] by Wilmar Guido Sassi and "Ukk" (1965) by Levy Meneses, or to affectionate robots, as in "O menino e o robô" [The boy and the robot, 1961] by Rubens Teixeira Scanove, "Zinga o robô" (1963) by André Carneiro. (MOLINA-GAVILÁN et al., 2007)<sup>4</sup>

Depois de ultrapassar sua fase mais efusiva e utópica, a partir de 1970, os grandes autores já se manifestavam contra o desenvolvimento desenfreado da economia pregado pelo sistema ditatorial brasileiro. Além disso, criticavam o domínio da mídia, torturas, mortes e desaparecimentos de pessoas, peculiares aos regimes militares. As obras diatópicas brasileiras possuíam um teor saudoso em relação ao passado, quando civilizações que viviam na natureza eram harmônicas e a relação da natureza com a mulher era bem evidente.

Recurrent themes include governmental regulation of reproduction and sexual behavior, policies of modernization, the destruction of natural environments, and control of the media and the minds of citizens. In the dystopian novels *Umbra* [Shadow, 1977] by Plínio Cabral and *Não verás pais nenhum* [And Still the Earth, 1981] by Ignacio de Loyola Brandão, environmental degradation goes hand in hand with eroding personal freedoms as Brazil faces the ecological and political consequences of military rule. (MOLINA-GAVILÁN et al., 2007)<sup>5</sup>

---

<sup>4</sup> Obras que brilharam deste período fazem referência aos carnavalescos do Rio e aos malandros (malandros), como em "Missão T-935" [Missão T935, 1963] de Wilmar Guido Sassi e "Ukk" (1965) de Levy Meneses, ou a robôs carinhosos, como em "O menino e o robô" (The boy and the robot, 1961) de Rubens Teixeira Scanove, "Zinga o robô" (1963) de André Carneiro. [Tradução nossa]

<sup>5</sup> Temas recorrentes incluem regulação governamental da reprodução e comportamento sexual, políticas de modernização, destruição de ambientes naturais e controle da mídia e da mente dos cidadãos. Nas novelas distópicas, *Umbra* [Shadow, 1977] de Plínio Cabral e *Não verás pais nenhum* [Ignacio de Loyola Brandão], a degradação ambiental vai de mãos dadas com a destruição das liberdades pessoais, já que o Brasil enfrenta as consequências ecológicas e políticas de regime militar. [Tradução nossa]

*Umbra* (1977), de Plínio Cabral, demonstra essa perspectiva mais negativa do desenvolvimento tecnológico, focando, principalmente, na devastação da natureza como um preço a pagar pela suposta civilização e modernização das cidades. Além disso, por meio da obra o autor critica a ditadura militar no Brasil, que retirou a liberdade do cidadão e limitou sua vida a apenas apoiar o governo e viver sob suas regras.

Depois das publicações dos autores pertencentes ao movimento *A primeira onda*, em 1985 houve autores responsáveis por corroborar com a criação do que ficou conhecido como *A segunda Onda*:

Finally, in 1985, we have the publication Jorge Luiz Calife's *Padrões de contato* [Patterns of Contact] (1985), the seminovel of the new generation, also called the Second Wave (The First Wave being the GRD generation, including Jorge Luiz Calife's first story, published in the fanzine *Boletim Antares*. In 1985, Calife becomes a celebrity among fans upon receiving recognition from none other than Arthur C. Clarke, who thanks him for providing him with the inspiration for the long awaited sequel to *2001: A Space Odyssey* (1968). After this success, Calife publishes his aforementioned first novel, followed by *Horizonte de Eventos* [Event Horizon] (1986), and *Linha Terminal* [Terminal Line] (1991), there by completing Brazil's first trilogy of hard sf (GINWAY; CAUSO, 2010 p. 21)<sup>6</sup>

Além de Calife, outros autores fizeram parte da Segunda Onda, como Bráulio Tavares, Gerson Lodi-Robeiro, Ivan Carlos Regina, José dos Santos Fernandes, Carlos Orsi e Roberto Schima.

A partir dessa breve trajetória do gênero ficção científica no Brasil, é possível depreender que embora esse gênero seja “marginalizado”, no sentido de não ter um grande reconhecimento (como obras do movimento realista, por exemplo), ainda assim teve (e ainda tem) uma passagem bem enriquecedora e vibrante pelo país.

Ainda no contexto brasileiro, surgem também as distopias, que serão apresentadas neste estudo como um subgênero da ficção científica. Além disso, se discutirá sobre suas particularidades e obras mais famosas, o que será abordado a seguir.

---

<sup>6</sup> Finalmente, em 1985, temos a publicação *Padrões de contato* de Jorge Luiz Calife (1985), a seminovela da nova geração, também chamada de *Second Wave* (The First Wave, sendo a geração GRD, incluindo a primeira história de Jorge Luiz Calife publicada no fanzine *Boletim Antares*. Em 1985, Calife se torna uma celebridade entre os fãs ao receber o reconhecimento de ninguém menos que Arthur C. Clarke, que o agradece por fornecer-lhe a inspiração para a tão aguardada *sequel to 2001: A Space Odyssey*. Depois desse sucesso, Calife publica seu primeiro romance, seguido de *Horizonte de Eventos* [Event Horizon] (1986) e *Linha Terminal* [Terminal Line] (1991), completando a primeira trilogia de ficção científica pura [Tradução nossa].

### 2.3 Distopia: Considerações gerais

Como asseverado anteriormente, obras como *Utopia* (1905) e *Men Like Gods* (1923), de Wells, *Brave New World* (1932), de Aldous Huxley, *Nineteen Eighty-Four* (1949), de George Orwell, e *The Dispossessed* (1974), de Ursula K. LeGuin, mostram a trajetória do gênero e sua relação de otimismo ou pessimismo diante dos avanços tecnológicos e de sua utilização desenfreada. Assim, é apropriado adentrarmos na discussão sobre ficção científica utópica e distópica, já que isso fornecerá uma visão mais detida sobre a dinâmica histórica da relação estabelecida entre o homem e a tecnologia, a partir da percepção de escritores de ficção científica de diferentes contextos históricos.

Em linhas gerais, a distopia é um subgênero da ficção científica, conhecida por estabelecer uma relação de oposição com a utopia, pois ao invés de simplesmente descrever um paraíso, apresenta um ambiente imaginário aparentemente perfeito, mas onde a liberdade de expressão e o livre arbítrio inexistem. O propósito dessas obras é provocar desconforto e inquietação no leitor, para que ele, então, reflita sobre ações da humanidade.

Uma característica marcante da distopia é a presença de um governo totalitário, capaz de manipular mentes e de promover uma aceitação coletiva de seus atos e barbáries. Paradoxalmente, há também um discurso pessimista (que se camufla com a esperança) e a partir de uma narrativa especulativa a distopia se apropria de fatos presentes para projetar o futuro que decorre desses atos. Para Araújo (2018), as distopias são:

Narrativas especulativas, cujos cenários futurísticos apresentam sociedades, aparentemente perfeitas, moldadas pelo discurso manipulador de seus governantes, onde o progresso é fator essencial e necessário para a harmonia do homem com o espaço em que habita. Assim, vive-se o presente sem questionar o passado e o futuro será sempre um espelho do presente, perpetuado pelo discurso de opressão. (ARAÚJO, 2018, p. 5)

Historicamente, a literatura e a humanidade percorreram um longo caminho para chegar às reflexões que as distopias apresentam hoje. Na literatura, o homem demonstra o desejo de ter a organização de uma sociedade perfeita por meio das utopias, que eram projeções de mundos edênicos, mas:

Com a proibição do erro pelas utopias, as sociedades perfeitas se corrompem em função da negação da individualidade, e de outras condições básicas humanas,

aparecendo as distopias: sociedades massificadas e infelizes. A ficção científica funciona como um alerta para as conseqüências advindas dos excessos tecnológicos, como exemplo, cidades super-populosas, catástrofes naturais, e o enfraquecimento das noções éticas. Enquanto a técnica e a ciência deram suporte ao homem, o mundo esteve equilibrado. A partir do momento que o homem se corrompe pelo poder do conhecimento, situações grotescas invadem as narrativas de ficção científica. (BALDESSIN, p. 3, 2006)

As distopias, mesmo com suas peculiaridades, têm alguma semelhança com as utopias: ambas remetem à busca pela perfeição. Nesse sentido, o crítico Evanir Pavlovski se refere às distopias como utopias negativas e discorre sobre a grande reflexão que estas proporcionam:

(...) as utopias positivas e negativas apresentam uma “consangüinidade” ideológica que as torna extensões de um mesmo posicionamento crítico e de um semelhante processo criativo. Nos dois tipos de produção ocorre a contraposição da realidade a alguma forma de ideal social com o objetivo de promover, no mínimo, uma reflexão sobre os elementos do universo experimental tidos como falhos. Tanto o idílio dos utopistas quanto o pesadelo dos distopistas insere o leitor num contexto de reavaliação conceitual. (PAVLOVSKI, 2005, p. 43)

Assim, percebe-se que as distopias são narrativas ricas em interpretabilidade, pois diversos temas são explorados, como o totalitarismo dos governos, as guerras, a manipulação, a destruição da natureza, os resultados negativos do avanço tecnológico – agora em sua máxima maleficência –, entre outros. Porém, nas obras distópicas, normalmente, as pessoas que habitam o planeta – uma espécie de futuro apocalíptico – realmente acreditam ter encontrado o ideal de felicidade (ou são forçadas a isso), a ponto de nem mesmo perceberem os problemas que as cercam.

Nessas obras, a manipulação de governos, que gozam de poder absoluto, começa pela mente, a partir de uma doutrinação que impõe aos personagens – que realmente creem que vivem em um lugar ideal – desde uma nova linguagem até um estilo de vida completamente manipulado.

O espaço onde ocorrem as narrativas distópicas se manifesta em sua pior forma. Na maioria das vezes, ele é descrito pelos autores em tons escuros. O verde da natureza, não há; o ar parece estar corroendo as pessoas por dentro, apesar de dependerem dele para sobreviver; água e comida são racionadas e continuamente negadas aos cidadãos comuns.

A tecnologia se impõe como grande realização ou simplesmente como sinônimo de modernidade e progresso. Contudo, ferramentas como câmeras de vigilância e armas

servem apenas para reprimir as pessoas e reduzir sua liberdade, fazendo com que o grupo que detém tais ferramentas continue no poder, por meio do controle absoluto.

Outro aspecto importante é a destruição da natureza resultante do desenvolvimento das tecnologias e do progresso. Nesse sentido, a natureza é tão sacrificada a ponto de ser possível enxergar o porquê de as distopias serem descritas como obras pós-apocalípticas, aquelas que retratam a destruição do mundo. Mesmo diante desse cenário, as pessoas, ludibriadas, tendem a pensar que a tecnologia realmente transformaria a vida em um paraíso.

É inegável que o progresso tecnológico trouxe grandes mudanças, mas é pertinente reconhecer que nem todas as mudanças são positivas, já que muitas delas camuflam uma realidade completamente distorcida aos olhos das relações humanas, como aponta o crítico Diogo Cesar Nunes:

Trata-se de um mundo perfeito, ou seja, sem desejos irrealizados, vontades não consumadas, pulsões reprimidas e líderes a quem amaldiçoar. Um mundo onde os indivíduos experimentam a felicidade justamente por serem subtraídos de subjetividade. (NUNES, 2012, p. 127-128)

Grandes distopias oferecerem temáticas como essas mais conhecidas: *Brave New World* (1931), de Aldous Huxley, *1984* (1948) e *Animal Farm* (1945), de George Orwell, *Fahrenheit 451* (1953), de Ray Bradbury, e *Do androids dream of eletricsheep?* (1968), de Philip K. Dick. Acerca do cenário dessas obras, Nunes ressalta:

O mundo total e sem saídas, universo tanto de *Admirável Mundo Novo* quanto de *1984*, potencializa a ‘vocação’, como chamou Fredric Jameson, da Utopia para o fracasso. No Mundo Novo de Aldous Huxley, os seres humanos são fabricados em laboratórios e sofrem um longo processo de condicionamento, substituto da nossa falha pedagogia, centrado no projeto de fazer com que cada um seja, subjetivamente, o que precisa ser, objetivamente, na relação com o trabalho. O operário não precisa ter um vocabulário complexo, portanto, não carece de ser ‘instrumentalizado’ para tal. Em resumo, ‘esse é o segredo da felicidade e da verdade: amarmos o que somos obrigados a fazer. Tal é a finalidade de todo condicionamento: fazer as pessoas amarem o destino social qual não podem escapar. (NUNES, 2012, p. 127)

Ou seja, as distopias parecem exagerar os acontecimentos que já fazem parte do nosso cotidiano, mas, na realidade, alertam sobre os problemas sociais e tentam revelar, ainda que de maneira fictícia, adversidades que a sociedade mundial já enfrentou e que ainda enfrentará. (...) “Paradise is replaced by hell, happiness by unhappiness;

achievements as a result of human effort are replaced by human social degeneration and life is worsened by technical development”<sup>7</sup>(ARAÚJO, 2014, p. 50).

Os autores das distopias podem ser comparados a viajantes do tempo capazes de ver e observar tudo que estava acontecendo em sua época; parecem estar sempre à frente de seu tempo, pois projetam em suas obras acontecimentos que hoje são parte da nossa realidade, mas que no passado eram considerados imprevisíveis.

Recentemente, as distopias ganharam visibilidade a partir de obras cinematográficas, como *Jogos Vorazes* e *Divergente*, baseadas nas distopias mais representativas do universo literário. *Jogos Vorazes* (2012), de Suzanne Collins, foi inspirada em *1984* (1949), de George Orwell. *Divergente* (2014), por conseguinte, em *Brave New world* (1932), de Aldous Huxley. Ambas as narrativas foram construídas com uma nova roupagem e personagens jovens assumiram o comando das revoluções. *Jogos Vorazes*, por exemplo, que fez grande sucesso entre jovens, crianças e adultos, traz uma protagonista feminina, o que também revela as mudanças relacionadas às lutas feministas.

Diante do exposto, é possível compreender que a ficção científica é bem marcante em nações de primeiro mundo, pois os países mais desenvolvidos provavelmente vivenciavam mais intensamente tanto os benefícios quanto os malefícios da evolução tecnológica. Porém, ficou também claro que a ficção científica brasileira, embora muitas vezes esquecida, também produziu grandes obras, dentre elas *Umbra* (1977), de Plínio Cabral.

## 2.4 Distopia como literatura engajada

Após a Segunda Guerra Mundial, Jean Paul Sartre e alguns intelectuais franceses criaram a revista *Les Temps Modernes*, o que influenciou Sartre a decidir por ser um líder de jovens. Em sua revista, era possível perceber suas inclinações para a produção de uma literatura engajada.

Na ‘Présentation’ de *Les Temps Modernes*, o leitor encontra uma tomada de posição em prol da literatura engajada. ‘O escritor está em situação em sua época: cada palavra tem ressonâncias’. E acrescenta: ‘Cada silêncio também’. Não importa se a época é boa ou má. Importa que o escritor não perca a oportunidade – ‘sa chance unique’ – de

---

<sup>7</sup> Paraíso é substituído por inferno, felicidade por infelicidade: conquista como resultado do esforço humano são substituídas pela degradação humana e social e a vida é piorada graças ao desenvolvimento tecnológico. [Tradução nossa]

combater apaixonadamente pela sua época. Para Sartre, a literatura só se justifica se tiver uma função social (FIGURELLI, 2010, p. 89). Se, para Sartre, a literatura precisa de uma função social, a distopia, também, já que esse subgênero se encarrega de chamar atenção para os problemas sociais e busca fazer reflexões sobre os mais variados assuntos. A atualidade é um dos atributos mais fascinantes das obras distópicas, tendo em vista que mesmo sendo tais obras escritas em um determinado contexto, elas ainda refletem o presente, pois as situações de ambos os tempos são similares.

Ao explorar as narrativas utópicas e distópicas, o crítico Diogo Nunes (2012) faz menção à literatura moderna e comenta sobre a importância de uma literatura engajada:

(...) a literatura moderna a insere na urbe, o ‘lugar onde os homens, por seus atos, salvam-se ou perdem-se, fazendo dela porta-voz dos perigos e dos dilemas do mundo moderno – em constantes e abruptas transformações –, como das expectativas, temores e frustrações que constituem a vida na cidade moderna. Em especial, as relações conflituosas e nunca resolvidas entre o mundo e o eu, a máquina e o homem, a burocracia e a iniciativa, a multidão e a individualidade. (NUNES, 2012, p. 117)

A literatura, então, tem como missão descrever essa vida moderna, cheia de infortúnios e perturbações, exatamente na cidade, que assume o núcleo das narrativas de ficção científica e distopia porque é lá que as histórias, de fato, se desenvolvem. Como a ficção científica traz à tona geralmente sociedades evoluídas, constrói-se também um ideal de urbanismo e civilização, demonstrando, porém, que nem tão civilizadas são as sociedades, quando estas não mais valorizam uma relação harmoniosa com a natureza, por exemplo. Considerando esses fatores, as narrativas distópicas mostram como o homem destrói seu próprio ambiente para se adequar à ideia de um lugar desenvolvido e de progresso.

Se no mundo distópico o protagonista fracassa na tentativa de romper com o Poder, se suas habilidades e estratégias são insuficientes para pular os muros da totalização do sistema, ainda assim ela é projeção, e se fala sobre o agora, o faz através do depois, em ficção, textualidade. Por outro lado, na medida em que participa, intervém, age no mundo, a obra é sempre algo agora: este amanhã do qual e com o qual se narra, é presente. Um agora que é histórico: aquele do autor, do contexto da escrita, que se atualiza/transforma, sem-tempo, através do tempo, ou seja, através da leitura. Presente que foi, é e será agora. (NUNES, 2012, p. 130)

Nessa perspectiva, as distopias não atuam como uma literatura negativa e sem esperanças, pelo contrário, levam o leitor a refletir e a buscar soluções para os problemas

presentes e futuros. Assim, as distopias podem ser consideradas literatura engajada, pois provocam nos leitores o desejo de mudança.

Os autores das distopias pretendem retirar a sociedade da sua “zona de conforto”, já que, ao apreenderem o que ocorre de errado em seu ambiente, as pessoas não mais serão alienadas e poderão lutar por aquilo que acreditam. Ao perceberem que os protagonistas das distopias, na maioria das vezes, não conseguem se libertar do sistema opressor, os leitores sentem que podem encontrar soluções aos problemas apresentados.

Como se sabe, a literatura sempre teve o poder de mexer com a mente das pessoas, utilizando-se de ideias inovadoras e inteligentes. A literatura engajada, por sua vez, deve estar a serviço da liberdade do homem, e a distopia consegue fazer isso, quando revela que a humanidade está ideologicamente presa e cega para perceber aquilo que a oprime.

Nas distopias, a subjetividade é quase nula, os sistemas opressores buscam uma sociedade que seja igual, não em um sentido positivo, mas sim no sentido de que todos devem se comportar igualmente, e, assim, não trarão problemas para quem está no poder. Em outros termos, há uma espécie de adestramento abordado nessas obras com muita propriedade, como em *1984*, de George Orwell e em *Admirável Mundo Novo*, de Huxley:

Igualdade de todos em todos os aspectos da vida, íntima e social: todos se vestem com igual uniforme cinza, e têm cabelos pretos; sóbrios, quietos, sem sofrimentos e tolices, sem paixões ou desvios. Abolida a beleza, para não haver arrogância e inveja. “São todos gêmeos!”, salta o homem anacrônico. Não, não gêmeos, como na obra de Huxley, mas iguais; iguais e racionais. O sonho igualitarista convertesse em pesadelo: o que resta de humano se pensamentos e emoções se planificam? (NUNES, 2012, p.130)

Como expressão artística, uma das funções da literatura é impelir o homem à subjetividade e às emoções antes perdidas, libertando-o daquilo que o torna menos humano, pois, segundo o crítico Dennis:

(...) o que está em causa no engajamento é fundamentalmente as relações entre o literário e o social, quer dizer a função que a sociedade atribui à literatura e o papel que esta última admite aí representar. (DENNIS, 2002, p. 31)

Mesmo que a literatura esteja a serviço da sociedade, no sentido de ponderar sobre as questões sociais, ela não deixa de ser arte, devido à grande criatividade desempenhada por aqueles que dela se ocupam. Nesse sentido, as distopias podem exprimir certo desconforto, mas ainda assim concebem narrativas ficcionais que aguçam a curiosidade do

leitor, o que se comprova com sucesso expressivo que trabalhos mais recentes dessa linha fizeram e fazem entre o público jovem e adulto.

Ao discorrer sobre a função social da arte, Antônio Cândido (2006) assevera:

(...) a arte é social nos dois sentidos: depende da ação de fatores do meio, que se exprimem na obra em graus diversos de sublimação; e produz sobre os indivíduos um efeito prático, modificando a sua conduta e concepção do mundo, ou reforçando neles o sentimento dos valores sociais. Isto decorre da própria natureza da obra e independe do grau de consciência que possam ter a respeito os artistas e os receptores de arte. (CANDIDO, 2006, p.06)

Assim, a condição de literatura como arte, que “modifica a sua conduta e concepção do mundo”, não deve ser esquecida, e as distopias cumprem esse propósito, pois elas demonstram um futuro, que é o presente agravado, e podem inspirar e insuflar uma sociedade alienada a clarear suas ideias e, quem sabe, encontrar as mais variadas soluções para os problemas atuais e futuros.

É a partir desse comportamento que uma sociedade evolui, quando indivíduos que a compõem adquirem consciência de suas limitações e tentam saná-las. Portanto, a literatura, nessa perspectiva, deve ter esse desdobramento e essa sagacidade.

Por serem a devastação da natureza e a subjugação da mulher temas recorrentes nas distopias, este estudo lançará mão das discussões levantadas em estudos sobre ecocrítica, ecofeminismo e geografia humanista, a fim de fundamentar teoricamente a análise ora proposta. Dessa maneira, no capítulo seguinte traremos à baila importantes reflexões que contribuirão para uma análise mais consistente das distopias aqui exploradas.

### **3 ECOCRÍTICA: ECOLOGIA, LUGAR E HOMEM**

Os estudos relacionados à ecocrítica surgiram quando as mudanças no planeta Terra se tornaram visíveis e perigosas para a vida humana. O estremecimento no equilíbrio ecológico fez a humanidade refletir sobre sua responsabilidade diante de tal desregramento. Essa preocupação fez com que a ecologia ultrapassasse suas fronteiras e

se tornasse objeto não só de pesquisas no âmbito das ciências biológicas ou da natureza, mas também das ciências humanas e sociais.

Os estudos da ecocrítica ganharam mais visibilidade a partir dos apontamentos de ambientalistas sociais e dos críticos norte-americanos Cheryl Glotfelty e Harold Fromm, expostos na antologia *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology* (1996). Os autores abordam a relação entre a literatura e o ambiente físico, adotando uma abordagem em estudos literários com enfoque na Terra, na Natureza e na relação desta última com o homem.

Cheryl Glotfelty (1996) faz uma breve retomada histórica de como a ecocrítica surgiu, e detecta que os estudos literários demoraram bastante a fazer uma teoria que envolvesse literatura e ecologia. Havia muitos autores que buscavam essa ligação, porém de modo isolado. A ecocrítica alavancou quando surgiram várias conferências e sessões sobre “environmental literature”, e uma das mais notáveis ocorreu em 1991, com Harold Fromm, intitulada “Ecocriticism: The Greening of Literary Studies”, ou seja, ao final do século XX, a ecocrítica já havia se tornado uma escola crítica e reconhecida de estudos literários ambientalistas.

Glotfelty (1996) descreve ecocrítica como o estudo da correlação entre a literatura e o meio ambiente. A ecocrítica, em outros termos, busca uma aproximação entre literatura e a natureza, pondo esta última em evidência. Segundo o mesmo autor, com a ecocrítica é possível fazer vários questionamentos, como: Qual a importância do meio ambiente para o enredo de tal narrativa? Assim como raça, classe e gênero, o *lugar* poderia também fazer parte da crítica literária?

Portanto, a ecocrítica é uma teoria que dá subsídios para que se analisem textos literários com foco ecológico, ou seja estudar como a natureza é retratada dentro das obras literárias. Além disso, é uma forma de se explorar a interação homem-natureza e os resultados catastróficos desse contato, frutos do não comprometimento do homem com a preservação do meio ambiente.

Glotfelty (1996) revela que a ecocrítica se baseia na asserção de que a cultura humana está associada ao mundo físico, influenciando-o e sendo influenciada por ele. Essa teoria tem como objeto de estudo as conexões entre natureza e cultura, mais precisamente os aspectos culturais que envolvem a linguagem e a literatura. Nesse sentido, a ecocrítica trabalha com o mundo humano e o mundo não humano.

Ecocriticism expands the notion of “the world” to include the entire ecosphere. If we agree with Barry Commoner's first law of ecology, “Everything is connected to everything else” we must conclude that literature does not float above the material world in some aesthetic ether, but, rather, plays a part in an immensely complex global system, in which energy, matter, and *ideas* interact. (GLOTFELTY, 1996, p. xix)<sup>8</sup>

Se tudo está conectado, a literatura também deve contribuir para essa reflexão ecológica, de maneira que seja possível uma reversão dos valores culturais errôneos de superioridade humana e subalternidade da natureza. Além disso, é importante lembrar, que literatura tem buscado imprimir cada vez mais a questão ambiental nas suas disciplinas, além de expandir os conhecimentos sobre tradições que inviabilizam uma mudança nas práticas antiecológicas.

Literary scholars specialize in questions of value, meaning, tradition, point of view, and language, and it is in these areas that they are making a substantial contribution to environmental thinking. Believing that the environmental crisis has been exacerbated by our fragmented, compartmentalized, and overly specialized way of knowing the world, humanities scholars are increasingly making an effort to educate themselves in the sciences and to adopt interdisciplinary approaches. (GLOTFELTY, 1996, p. xxii)<sup>9</sup>

Tendo em vista que a literatura, apesar de ser ficcional, é espelho da sociedade de uma determinada época, é bastante compreensivo que os autores se comprometam a demonstrar, através da linguagem literária, o pensamento da sociedade contemporânea, pensamentos estes que envolvem uma preocupação maior com o mundo natural. A missão das ciências humanas é mudar algumas ideias retrógradas que apenas causam prejuízos à integridade do meio ambiente e também ao mundo humano.

Answering the call to understanding, scholars, throughout the humanities are finding ways to add an environmental dimension to their respective disciplines (...) considering nature not just as the stage upon which the human story is acted out, but as an actor in the drama. They trace the connections among

---

<sup>8</sup> A ecocrítica expande a noção de “mundo” para incluir toda a ecosfera. Se concordarmos com a primeira lei ecológica de Barry Commoner, “Tudo está ligado a tudo”, devemos concluir que a literatura não flutua acima do mundo material em algum éter estético, mas desempenha um papel em um sistema global imensamente complexo, em que energia, matéria e idéias interagem [ Tradução nossa].

<sup>9</sup> Estudiosos de literatura são especializados em questões de valor, significado, tradição, ponto de vista e linguagem, e são nessas áreas que eles estão contribuindo substancialmente para o pensamento ambiental. Acreditando que a crise ambiental foi exacerbada pela nossa maneira fragmentada, compartimentada e excessivamente especializada de conhecer o mundo, os estudiosos das humanidades estão cada vez mais se esforçando para se educar nas ciências e adotar abordagens interdisciplinares [Tradução nossa].

environmental conditions, economic modes of production, and cultural ideas through time. (GLODFELTY, 1996, p. xxi)<sup>10</sup>

A escrita acadêmica baseada na ecocrítica tem evoluído dentro de vários campos de estudo, dentre eles a psicologia, a teologia, a história, o feminismo etc. Apesar de a ideia de “progresso” ainda estar em alta – ideia essa disseminada por meio de construções de cidades cada vez mais urbanas, que modificam completamente o cenário natural dos lugares –, a escrita acadêmica ganha força no que tange ao estímulo para uma educação que contemple a sustentabilidade, e, portanto, a valorização do mundo natural.

Os ecocríticos, tais como Glodfelty (1996), chamam a atenção para a necessidade da interdisciplinaridade ante as questões que envolvem o meio ambiente, considerando a natureza não apenas como o palco sobre o qual a história humana é representada, mas como um personagem central para a toda narrativa. Nesse sentido, estudiosos das ciências humanas estão traçando conexões entre condições ambientais, modos econômicos de produção e idéias culturais através do tempo.

O futuro da ecocrítica, assim, é se expandir pelos mais diferentes campos das humanidades, já que não só trata de problemas exclusivamente ambientais, mas também interpreta as relações humanas e empenha-se em buscar desde os primórdios a conexão do ser humano com os animais, plantas, rios, montanhas etc., além de explorar aspectos do mundo moderno que modificam esse vínculo entre natureza e ser humano, como a tecnologia, as questões étnicas, a produção do lixo urbano, dentre outros.

Em seu caráter multidisciplinar, a ecocrítica tem dialogado de forma particular como os movimentos feministas, dando origem à teoria ecofeminista. Assim, o ecofeminismo surge como uma vertente da ecocrítica e:

Simboliza síntese do ambientalismo atrelado ao feminismo e propõe que a luta pelos direitos da mulher não seja separada da luta pela reparação dos ecossistemas que sustentam a vida. (TORRES, 2009).

---

<sup>10</sup> Respondendo ao chamado da premissa ambientalista, estudiosos, em todas as humanidades estão encontrando maneiras de adicionar uma dimensão ambiental às suas respectivas disciplinas. Worster e outros historiadores estão escrevendo histórias ambientais, estudando as relações recíprocas entre humanos e terra, considerando a natureza não apenas como o palco sobre o qual a história humana é representada, mas como um ator no drama. Os estudiosos das ciências humanas estão traçando conexões entre condições ambientais, modos econômicos de produção e idéias culturais através do tempo. [Tradução nossa]

Enquanto a ecocrítica se baseia na ideia de que a superioridade humana perante a natureza seja a razão da conduta antiecológica, o ecofeminismo se baseia também na concepção de que existe uma proeminência do homem em relação à mulher, ou seja, da mesma forma que o antropocentrismo seria a causa da exploração desenfreada do meio ambiente, o androcentrismo seria o motivo pelo qual a mulher seria posta em segundo plano na história.

Historicamente, o ecofeminismo é um movimento que surgiu na França, em 1974, idealizado a partir da inquietação gerada pelos efeitos da destruição do meio ambiente, bem como a subjugação das mulheres perante os homens, ambos frutos de uma sociedade patriarcal.

Assim, acreditava-se que as mulheres seriam de grande ajuda na proteção do meio ambiente, e dar voz a elas – de forma a participarem das grandes decisões de como administrar os ecossistemas – seria, de fato, uma solução para os problemas ambientais. Ademais, proporcionar um equilíbrio entre as ações do homem e a preservação do ambiente dependia de grandes mudanças.

Nesse sentido, a teoria ecofeminista se propõe a fomentar importantes discussões em torno das temáticas inerentes aos movimentos ecológicos e das transformações sociais advindas da relação homem-natureza. Segundo a crítica Greta Gaard:

Ecofeminism is a theory that has evolved from various fields of feminist inquiry and activism: peace movements, labor movements, women's health care, and the anti-nuclear, environmental, and animal liberation movements. Drawing on the insights of ecology, feminism, and socialism, ecofeminism's basic premise is that the ideology which authorizes oppressions such as those based on race, class, gender, sexuality, physical abilities, and species is the same ideology which sanctions the oppression of nature.<sup>11</sup>(GAARD et al., 1993).

O ecofeminismo contempla uma discussão antiga que não se originou da literatura. No entanto, buscar os princípios dessa teoria para a análise literária contribui de forma de enriquecer a reflexão sobre as distopias, haja vista que essas narrativas trazem em si críticas sociais que são, de uma forma ou de outra, exploradas nos movimentos

---

<sup>11</sup> Ecofeminismo é a teoria que tem envolvido vários campos de investigação e ativismo feminista: movimentos da paz, movimentos relacionados ao trabalho, cuidado e saúde da mulher, e movimentos antinucleares, ambientais e liberação de animais. Adentrando na percepção de ecologia, feminismo e socialismo, a premissa básica do ecofeminismo é que a ideologia que autoriza opressões como aquelas baseadas em raça, classe, gênero, sexualidade, habilidades físicas e espécies é a mesma ideologia que sanciona a opressão da natureza. [Tradução nossa]

ecofeministas, tais como a opressão das minorias e as discussões ecológicas. De acordo com a pesquisadora Susan Buckingham (2004):

In teasing out the possible relationship between women's position, gender relations, feminism, and the way in which Western society is seeking to control or manage the environment, eco-feminist writers in the 1970s and 1980s explored the relative importance of essentialism and social construction in these relationships.<sup>12</sup>(BUCKINGHAM, 2004, p. 2)

Pode-se dizer que o ecofeminismo traz também um tipo de reflexão voltada para as comunidades rurais, em que as pessoas dependem diretamente da terra, praticam agricultura e se alimentam de seu próprio plantio. As mulheres, nessas comunidades, são chefes de família, sendo responsáveis, portanto, pelo sustento de seus filhos.

O ecofeminismo possui um papel importante na luta por direitos dessas mulheres, que, por diversas vezes, não são ouvidas em decisões que envolvem a utilização dos recursos naturais, e tais decisões impactam diretamente na qualidade de vida delas e de seus filhos. A ecofeminista Karren J. Warren (1997) também discorre sobre o assunto, como se pode verificar a seguir:

Often the Technologies exported from northern to southern countries only exacerbate the problem of tree, water and food shortages for women. In forestry, men are the primary recipients of training in urban pulp and commodity production plants, and are the major decision makers about forest management, even though local women often know more about trees than local men or outsiders (WARREN, 1997, p.09).<sup>13</sup>

Daí, é possível depreender o quanto as mulheres são indispensáveis para a melhoria de seus próprios lares, pois elas conhecem a terra, a água, as árvores e são dotadas de habilidades que as deixam mais próximas dos elementos naturais. Os homens, por uma

---

<sup>12</sup> Ao descobrir a possível relação entre a posição das mulheres, relações de gênero, feminismo, e o modo como a sociedade ocidental está em busca de controlar e administrar o meio ambiente, escritores ecofeministas nos anos 1970 e 1980 exploraram a importância relativa do essencialismo e construção social nessas relações. [Tradução nossa]

<sup>13</sup> Geralmente as tecnologias exportadas de países do norte para o sul só exacerbam o problema das árvores, da água e a carência de comida para as mulheres. Em matéria florestal, os homens são os recipientes primários de treinamentos sobre a retirada da polpa dos frutos e produção de plantas como mercadorias, e os homens também são os maiores tomadores de decisão sobre a administração das florestas, mesmo que as mulheres locais geralmente saibam mais sobre árvores que os homens locais ou pessoas de fora. [Tradução nossa]

questão hegemônica, acabam por ser os porta-vozes dessas mulheres, sem, contudo, suprirem as verdadeiras necessidades dessas famílias.

Ao longo da história, por diversas vezes, uma voz feminina poderia ter feito a diferença, mas a condição de subalterna tem calado sua voz. Segundo a crítica Gayatri Spivak: (2010, p.12), subalterno é aquele que faz parte das “(...) camadas mais baixas da sociedade constituídas pelos modos específicos de exclusão dos mercados, da representação política e legal, e da possibilidade de se tornarem membros plenos no estrato social dominante”. Nesse sentido, as mulheres podem ser consideradas seres subalternos silenciados por modos específicos de exclusão.

Outro ponto importante nessa discussão é a relação homem e animais. No passado, pouco se discutia essa relação, sobretudo em se tratando da ligação mais próxima das mulheres com os animais. Aqui, são visíveis efeitos do patriarcalismo mantidos desde as sociedades primitivas, em que a atividade de caça favorecia a figura do homem caçador que manipulava e matava os animais para sobrevivência. As mulheres, por serem consideradas mais frágeis e estarem ligadas à reprodução, ficavam afastadas dessa tarefa.

Outro aspecto que merece destaque é o elemento religiosidade. O homem sempre cultuou deuses ao longo da história, chegando, às vezes, a exercer um papel considerado divino. Sacerdotes, profetas e curandeiros exerciam a função de mensageiros dos deuses, consolidando, ainda mais, os princípios patriarcais. Dessa forma, a mulher e a natureza estavam sempre ao lado do homem, porém com uma função secundária, embora essencial. Ambas carregavam em si o rótulo de servil e explorável, além de inesgotável. Considerando essa realidade, a seguir serão tecidas algumas considerações acerca de como as religiões influenciaram o ecofeminismo, bem como influenciam o homem em suas decisões ao longo da história.

### **3.1 Ecocrítica e Ecofeminismo: natureza e mulher em foco**

Historicamente, a religião cristã concebe a natureza como ferramenta para a sobrevivência do homem, pregando, por exemplo, que os animais servem à humanidade como alimento. Em se tratando da mulher, durante muito tempo vista como mais sensível que o homem e desprovida de uma racionalidade superior, pode-se dizer que esta, muitas vezes, assume uma natureza servil, que possui grande importância para o homem, embora não seja autônoma.

A crítica Rosemary Redford Ruether (2005, p. 45) discorre sobre o forte antropocentrismo na religião cristã e como este imprimiu um papel importante na criação de um sentimento de indiferença perante a natureza, o que reflete na crise ecológica atualmente vista e vivida:

Specifically the passage in Genesis 1:26, 'Let us create man in our image, after our likeness and let them have dominion over the fish of the sea and over the birds of the air and over the cattle and over the earth', was the source of a claim to unbridled mastery of humanity over nature that is the root of the ecological crises.<sup>14</sup>

É importante esclarecer que não foi somente a religião cristã a responsável por disseminar a ideia de domínio sobre a natureza e também sobre a mulher. Outras religiões, como o hinduísmo, apesar de cultuarem deusas e pregarem que alguns elementos naturais são sagrados, tais características não impediram a devastação da natureza na Índia, que foi sucumbida pela “evolução” das cidades. Ademais, o hinduísmo reproduz práticas machistas e injustas, principalmente, no tocante às castas inferiores.

Essa contradição foi evidenciada por Ruether (2005, p. 51), ao analisar a “Grande Deusa”, que pode ser caracterizada como quaisquer divindades masculinas, mas que também exprimam a natureza feminina. Isso significa que a mulher é poderosa e criativa, mas quando age por si própria, pode se tornar perigosa e destrutiva, o que se deve controlar e pôr em ordem, a fim de que o ciclo da vida se mantenha pacífico e organizado. Para que isso aconteça, esse poder deve ser controlado, ativado e usado somente por seu mestre.

Essa ideia de mulher poderosa (mas também perigosa) foi possivelmente concebida em razão do receio dos homens diante da natureza, que por sua vez também possui uma força incontrolável. Assim, o medo do homem daquilo que é desconhecido e seu desejo de saciar o domínio sob todas as coisas reflete em muitas religiões que propagam seus dogmas como verdades absolutas, o que muitas vezes pode repercutir no descaso ao ambiente e uma crise ecológica de grandes proporções.

Entretanto, é válido considerar que não somente as religiões têm interesse por uma soberania antropocêntrica e androcêntrica, mas também os mitos, os fundamentos filosóficos, as leis e os preceitos que regem a vida em sociedade:

---

<sup>14</sup> Especificamente a passagem em Gênesis 1:26, 'Vamos criar o homem à nossa imagem, à nossa semelhança e deixá-los ter domínio sobre os peixes do mar e sobre as aves do ar e sobre o gado e sobre a terra', foi a fonte de uma reivindicação ao domínio desenfreado da humanidade sobre a natureza que é a raiz da crise ecológica. [Tradução nossa]

For Plato the divine Artisan fashioned human souls from remnants of the world soul and placed them first in the stars to contemplate the eternal ideas. Then they are placed in the bodies on earth and commanded to control the passions that flow from the body. If they succeed, they will discard the body and return to their star in the heavens. If they fail to do so they will be reincarnated as a woman or a “brute”. They must then work their way through successive reincarnations back to form of an elite male to finally win release from the cycle of rebirth. For Plato, the elite Greek male is the normative human. (RUETHER, 2005, p. 92)<sup>15</sup>

Se, para Platão, as mulheres são reencarnações daqueles homens que não conseguiram atingir seus objetivos de superioridade e que não tiveram ideias bem-sucedidas (e que por isso devem lutar para voltar às estrelas), isso significa que a civilização grega via a mulher como um ser imperfeito e incompleto. Além disso, Platão se refere à elite masculina Grega como seres humanos superiores que deveriam normatizar a humanidade, o que se propagou em diversas nações e que têm escopo na percepção da mulher como ser inferior.

Historicamente, percebe-se que tanto a religião quanto a filosofia propagam a ideia de que a mulher tem uma posição secundária na história. Indo na contramão desse entendimento, Ivone Gebara (1997) – freira católica, filósofa e teóloga feminista brasileira, considerada a grande precursora da teologia feminista na América Latina –, ao pesquisar na bíblia sobre a figura feminina e sua importância, chega à conclusão de que os homens que seguiram a Deus foram auxiliados e ensinados por suas mães. Além disso, suas irmãs e esposas também compartilhavam da fé divina e ensinaram seus filhos a agir corretamente diante de Deus. Atualmente, porém, o contexto pode ser diferente, pois a leitura e a interpretação bíblicas são feitas por mulheres que já possuem conhecimento e liberdade de expressão, como destaca a teóloga:

Hoje a situação é diferente. Há uma reversão do quadro patriarcal. Mulheres buscam expressar à sua maneira a fé e convicções e tal comportamento levanta sérias perguntas à dogmática tradicional. ‘Afinal Deus falou apenas pela boca de Moisés?’ Gritou a irada Miriam, no Livro dos Números, 12, 12. (GEBARA, 1997, p. 47).

---

<sup>15</sup> Para Platão, o Artesão Divino formou almas humanas a partir de remanescentes da alma do mundo e as colocou primeiro nas estrelas para contemplar as ideias eternas. Então eles são colocados nos corpos na terra e comandados para controlar as paixões que fluem do corpo. Se tiverem sucesso, descartarão o corpo e retornarão à sua estrela no céu. Se eles não o fizerem, eles serão reencarnados como uma mulher ou um “bruto”. Eles devem, então, percorrer reencarnações sucessivas de volta à forma de um homem de elite, para finalmente libertar-se do ciclo de renascimento. Para Platão, a elite masculina grega é o ser humano normativo [Tradução nossa].

A citação bíblica pode ser analisada como uma crítica das mulheres da época, afinal, Deus não poderia falar por intermédio das mulheres também? Ou seja, assim como os homens, as mulheres também poderiam transformar suas experiências em vontade de Deus e, desse modo, serem mais atuantes no projeto divino.

Gebara (1997) ainda se ocupa em explicitar a epistemologia ecofeminista, afirmando que esta ainda está em processo de elaboração. No entanto, a autora aborda sutilmente tais ideias ainda em construção, ao falar de uma “interdependência” que:

(...) significa acolher como fato básico que uma situação vital, comportamento ou crença é fruto de todas as interações que constituem nossa vida, história, realidade terrena e cósmica mais amplas. Não se trata apenas da interdependência e relação com os outros seres humanos, mas com a natureza, as forças da Terra e do Cosmos (GEBARA, 1997, p. 61).

Contudo, tais relações ainda são imperceptíveis à humanidade, que não se vê como parte de um todo complexo, como ressalta a estudiosa. Mas, se os homens realmente observassem que o simples ato de respirar os faz completamente dependentes da natureza, por exemplo, eles certamente seguiriam em direção a mudanças de atitudes.

Ao pensar de modo coletivo, como parte de um “corpo maior”, os seres humanos se adequarão aos sistemas simbióticos naturais. E embora para alguns uma atitude de mudança demonstre perda da individualidade, para outros representaria uma ampliação de conhecimentos. Assim, a sociedade teria a união de percepções de diferentes pessoas, que proporcionariam a solução para problemas ambientais.

A partir da interdependência delinea-se uma nova compreensão do conhecimento. Temos de abrir-nos para experiências mais amplas do que aquelas a que nos habituamos secularmente. Temos de introduzir nos processos educacionais a perspectiva de “comunhão com” e não a de conquista da Terra e do Cosmos. (GEBARA, 1997, p. 61)

Em termos socioeconômicos, as ações do imperialismo não recaíram somente entre culturas, mas também sobre o desejo de domínio da natureza, por meio da conquista e conhecimento dos recursos naturais. Muitas vezes, em razão das relações de poder, novas descobertas não são amplamente divulgadas e a competição mercadológica, por sua vez, poderia ser não apenas o fôlego da jornada científica, mas também um meio de se evitar muito mais desastres ecológicos e disfunções ambientais.

No Brasil, a preocupação com a ecologia surgiu na década de 70, juntamente com os movimentos sociais, quando veio à tona uma grande quantidade de movimentos

feministas e movimentos ecológicos que se posicionavam também contra o governo ditatorial. A esse respeito, Araújo (2014, p. 91) revela que:

(...) Feminist movements have had an important and distinctive role. While throughout the world women were united against sex discrimination and championed equal rights, in Brazil the feminist movement had something more to deal with: women had to take a stance against the dictatorship in favor of the country's redemocratization, and of better living conditions. In addition, the government's decisions on the process of technological modernization did not take into consideration any ecological measure that could affect the smooth running of the development policies thus generating indignation and activism among women.<sup>16</sup>

A partir disso, é possível perceber o engajamento e a participação de muitas mulheres brasileiras em movimentos sociais durante o regime militar. E apesar da política repressora da época, o cenário mundial favorecia muitas das mudanças de atitudes propostas, por consequência das visíveis manifestações e apelos por mudanças concernentes aos direitos das minorias e à preservação ambiental.

Em contrapartida, a crítica Emma Siliprandi (2000) entende que no Brasil ainda é pouca a visibilidade dos estudos da ecocrítica, pois os movimentos sociais e as entidades que trabalham com questões relacionadas à mulher e à natureza ainda são insuficientes. Os poucos que estudam essa teoria são bastante focados na natureza em si, na preservação do ecossistema e na produção sustentável de alimentos. Ou seja, muitos não se preocupam com as questões sociais propriamente ditas e com o papel que as pessoas têm nesse sistema, uma vez que percebem o mundo rural como subalterno, inclusive a mulher, que em diversos contextos ainda é submetida a uma escala de inferioridade em relação aos homens.

Assuntos como a divisão de tarefas que ocorre entre os membros das famílias rurais e os valores associados a cada uma dessas tarefas, a rígida hierarquia patriarcal, as formas de divisão dos bens por herança, por exemplo, que afetam diferentemente homens e mulheres, jovens e idosos, dificilmente são tratados como problema. Não é raro encontrarmos situações em que deliberadamente se jogam estas questões para o campo da 'ética cultural', como se, em nome de um suposto aos hábitos e culturas locais, não fosse lícito tocar em questões que dizem respeito às formas de organização social, e em particular, à família. (SILIBRANDI, 2000, p. 62)

---

<sup>16</sup> Os movimentos feministas tiveram um papel importante e distinto. Enquanto em todo o mundo as mulheres se uniam contra a discriminação sexual e defendiam a igualdade de direitos, no Brasil o movimento feminista tinha algo mais a lidar: as mulheres tinham que se posicionar contra a ditadura em favor da redemocratização do país e de melhores condições de vida. Além disso, as decisões do governo sobre o processo de modernização tecnológica não levaram em consideração nenhuma medida ecológica que pudesse afetar o bom andamento das políticas de desenvolvimento, gerando indignação e ativismo entre as mulheres [Tradução nossa].

Essa dificuldade não é exclusiva do Brasil; está presente em todo o mundo. Partindo desse pressuposto, os movimentos feministas se baseiam em reivindicações globais, trazendo discussões universais para se chegar ao contexto local. Ou seja, se há mudanças no papel da mulher no mundo industrializado, por exemplo, essas mudanças devem chegar também ao Brasil industrial, e, conseqüentemente ao Brasil rural. Assim, qualquer alteração nos regimes sociais impulsiona mudanças em outras esferas da sociedade, sobretudo nas relações interpessoais.

A teoria ecofeminista, pode-se dizer, tem sido a resposta para muitas questões complexas atuais. Emma Siliprandi (2000, p. 62) aponta que no Brasil:

O auge da visibilidade social e política dessas posições se deu no início da década de 90, com a realização da Conferência Meio Ambiente e Direitos Humanos no Rio de Janeiro – a Eco-92 (Castro e Abramovay, 1997), em que organizações como a REDEH (Rede de Defesa da Espécie Humana) e RME (Rede Mulher de Educação) fizeram parte da coordenação do Planeta Fêmea, no Fórum Global.

Essa conferência – que explorou temáticas sob a ótica feminina – foi um marco histórico da teoria ecofeminista no Brasil, pois buscou elencar os problemas sociais relacionados à luta das mulheres. O evento propiciou diversas discussões, dentre elas a relevância das ações locais para a preservação da natureza – que aparentemente podem ser pequenas, mas que produzem grande impacto social – e a saúde, constantemente ameaçada pela poluição do ar, dos rios, do acúmulo de lixo, dentre outros problemas que seriam sanados se houvesse um cuidado maior com o meio ambiente.

Além de relatar a trajetória da teoria ecofeminista no Brasil, Siliprandi (2000) discute os problemas locais que estão relacionados com o ecofeminismo, e elabora princípios gerais da teoria:

1. O modo como o sistema capitalista hegemônico do ocidente vê a mulher se assemelha ao modo como vê a natureza, na questão de gastar menos, e acumular mais, ou seja, os recursos naturais apenas devem ser usados para o consumo e não precisam ser repostos, isso custaria mais e os lucros seriam menores.
2. O pensamento ocidental relaciona mulher e natureza, assim como relaciona o homem à cultura. Sendo que a cultura se apropria e domina a natureza, logo se

mulher é natureza, essa dominação deve cessar para que as mulheres possam finalmente ser livres.

3. As práticas políticas e tecnológicas que fomentam o desenvolvimento econômico reforçam a visão de cultura/homem é maior que mulher/natureza. A história não se preocupou o suficiente em investigar o porquê de as mulheres terem sido excluídas do conhecimento científico e tampouco buscou alternativas para mudar isso.

Diante disso, é de extrema importância destacar que as mulheres brasileiras se empenham na luta contra as práticas antiecológicas por meio de movimentos sociais que, em sua maioria, possuem uma identidade rural (que embora pequena, tem importante visibilidade). A esse respeito, as ecofeministas Rosângela Angelim e Neura Schnorrenberguer (2017, p. 618) afirmam que:

A organização dessas mulheres tem sido dividida em grupos distintos por regiões e/ou por organizações sindicais, como o Movimento das Margaridas, o Movimento das Mulheres Trabalhadoras Rurais e, também o Movimento das Mulheres Camponesas (MMC) que, ligados a várias vertentes sindicais e políticas, construíram – e ainda constroem - identidades políticas e o seu reconhecimento público das camponesas. Por meio dessas conquistas e acessos a políticas públicas governamentais, elas passaram a ser sujeitas de direitos, fazendo com que sigam trabalhando em forma de organizações coletivas, não somente nos movimentos de mulheres, mas também envolvidas com outras organizações que tem a ver com o meio rural.

As autoras ainda destacam que o movimento que mais se sobressai na luta pelos direitos das mulheres camponesas é o Movimento de Mulheres Camponesas (MMC), pois ele se caracteriza por um misticismo que fomenta suas práticas (o misticismo mencionado diz respeito à veneração e ao cuidado com os elementos da natureza, associando esse cuidado à preocupação das pessoas com seus entes queridos).

Cuidado e preocupação para com as pessoas, é pertinente esclarecer, não necessariamente é um elemento distintivo das mulheres. Contudo, preocupar-se com a natureza como se fosse parte da sua “família” parece ser a força motriz do movimento, pois as mulheres do MMC acreditam que apenas por esse viés é possível reconstruir uma cultura mais humana, que preserve a vida e contemple a justiça social.

Nota-se que mesmo sem clamar pela teoria ecofeminista propriamente dita, é admissível perceber que ela existe dentro dos movimentos das camponesas, pois utilizam dos sentimentos ditos “mais femininos”, de cuidar e preservar aqueles que amam e

transferem tais sentimentos para as lutas sociais, para defesa dos direitos das mulheres e para a proteção da natureza.

Nos contextos até então apresentados, percebe-se a preocupação sempre presente dos movimentos de mulheres camponesas com o meio ambiente natural, que onde elas se encontram e onde vivem os seus familiares. Essas ações remetem a corrente espiritualista do ecofeminismo do terceiro mundo, onde o elemento da mística religiosa está presente nas lutas e nas demandas de proteção ambiental e, ao mesmo tempo, no combate da cultura patriarcal opressora. (ANGELIM E SCHNORREBERGUER, 2017, p. 620)

As mulheres camponesas possuem uma relação estreita com a agricultura, e sem o cultivo de alimentos, a humanidade perecerá. Observando o uso de agrotóxico no monocultivo, fica mais evidente que as mulheres agricultoras são mais preparadas para tomar decisões de como utilizar a terra, pois são elas as mais afetadas quando a saúde humana é acometida.

Diante da luta pela proteção ambiental e contra o monocultivo, houve uma ação das mulheres do movimento camponês do Rio Grande do Sul contra o monocultivo desenfreado de celulose. A ação é descrita por Isaura Izabel Conte e outras, e ocorreu no dia 08/03/2006, em Barra do Ribeiro/RS, denunciando assim a exploração praticada por empresas transnacionais de celulose, bem como a denúncia referente à Reforma Agrária estagnada pelo governo. (ANGELIM E SCHNORREBERGUER, 2017, p. 621)

Com a denúncia feita pelo MMC, a preocupação com o monocultivo teve reverberação nacional e internacional. E o Movimento das Mulheres Camponesas assumiu, então, o compromisso com a produção de diversos produtos, além de clamar por uma agricultura mais sustentável. Por causa de movimentos como esses, o Brasil elaborou a Lei nº 11.346, no dia 15 de setembro de 2006 (Lei Nacional da Segurança Alimentar e Nutricional - SISAN), que garante o direito do ser humano a uma alimentação saudável e apropriada.

Nessa perspectiva, Herrero *apud* Angelin e Schnorrenberger (2017, p. 622) resume algumas orientações com base ecofeminista que se assemelham com o que o MMC busca:

Uma oposição ao desenvolvimento maximizado de adições monetárias, em prejuízo da saúde de comunidades de pessoas e de ecossistemas; a incorporação e uma valorização de saberes e ofícios manuais femininos em prol da subsistência; uma maior concentração em organização econômica-política da vida e do trabalho feminino, apresentando alternativas viáveis à crise ecológica estabelecida e melhoria crescente nas condições de vida das mesmas, que quase

em sua totalidade são pobres; a construção de possibilidades concretas de autossuficiência, descentralização e uma auto-organização, sempre mediante um equilíbrio.

Por consequência dessas lutas no âmbito rural, o governo brasileiro tem adotado medidas na cultura de seus alimentos e criado programas que beneficiam as trabalhadoras rurais. No entanto, percebe-se que há ainda muito a avançar para que de fato haja uma mudança a nível global, uma vez que o Brasil ainda se enquadra em uma espécie de ecofeminismo primitivo. No âmbito acadêmico, o diálogo entre literatura e ecocrítica daria maior visibilidade a essas questões, de modo que até mesmo pensamentos hegemônicos ocidentais poderiam vir a ser desmistificados.

Nesse sentido, a ecocrítica e a geografia humanista estabelecem um diálogo bastante pertinente no tocante à relação homem e natureza. A partir dos estudos sobre espaço e lugar alavancados sobretudo com as discussões trazidas pelos teóricos da Geografia Humanista, é possível explorar tal relação sobre diferentes ângulos. No tópico seguinte, serão feitas algumas considerações a respeito do espaço como instância decisiva para a produção de sentido na narrativa literária.

### **3.4 Ecocrítica e Geografia Humanista**

Os estudos de geografia tiveram seu espaço já na antiguidade, quando se tornou essencial demarcar as coordenadas dos lugares para que pudessem identificá-los na extensão da Terra. Ou seja, o primeiro objetivo da geografia era a cartografia. Como a economia passou a depender das grandes navegações, isto é, expedições marítimas que buscavam riquezas em vários lugares do mundo, quem conhecia as melhores rotas eram os mais bem-sucedidos, o que se devia ao trabalho do geógrafo.

Com a forte identificação do geógrafo com a cartografia, a ciência geográfica foi questionada, pois parecia estar se ater a esse objetivo. Tendo em vista essa dificuldade, os geógrafos passaram a buscar influências das ciências naturais, a fim de descrever os espaços. A partir daí a geografia passa a trabalhar com a observação e a descrição da natureza (vegetação, clima, etc), e, então, divide-se em duas vertentes, como aponta o geógrafo Samir Alexandre Rocha:

[...] se destacam na Geografia: uma primeira, que buscava por meio de seus métodos o entendimento das relações entre a natureza e a sociedade, e uma segunda, que tinha como preocupação o papel dos espaços no funcionamento dos grupos, tendo as duas linhas em comum a convicção sobre a existência de uma realidade global. (ROCHA, 2007, p. 20)

Seguindo sua trajetória, a geografia começa a relacionar os seres humanos e o ambiente em que vivem, inicia os estudos dos grupos humanos e como eles se difundem nos diferentes espaços. Ao estudar os grupos humanos, vincula as pesquisas à cultura e à história, e assim surge a Geografia Cultural, que apesar de pertinente, entra em declínio após sofrer críticas rígidas por não possuir métodos nem conceitos bem definidos.

Depois do fracasso da geografia cultural, os estudos geográficos se voltam novamente para as ciências naturais e se concentram nas localizações (a ideia de espaço se torna pouco precisa, já que o espaço em si aparentemente não se organiza sozinho). É através de outros aspectos, como sociais, econômicos e de transporte, que o espaço se materializa. Portanto, não haveria necessidade de haver uma ciência para estudar especificamente o espaço. Nesse sentido, Rocha aponta que:

Com base nesse momento, surgem no mundo movimentos de discussão que ressaltam e alertam para o fato de que, enquanto área do conhecimento enquadrada nas ciências sociais, a Geografia pouco falava sobre os homens. Assim, já no início da década de 60, na busca de uma renovação da Geografia Cultural, a partir das discussões de John K. Wright, David Lowenthal lança trabalhos nos quais discute o fato de que a Geografia deveria abarcar os vários modos de observação, o consciente e o inconsciente, o objetivo e o subjetivo, o fortuito e o deliberado, o literal e o esquemático. (ROCHA, 2007, p. 21)

Assim, a Geografia cultural se torna novamente alvo dos estudos principais de tal ciência, entendendo que as experiências das pessoas se tornam parte integrante da geografia em si, pois a partir das experiências humanas é que são construídas as culturas e a própria sociedade.

Buscando uma maior compreensão dos ideais dessa linha de pensamento, a Geografia Humanista é definida por bases teóricas nas quais são ressaltadas e valorizadas as experiências, os sentimentos, a intuição, a intersubjetividade e a compreensão das pessoas sobre o meio ambiente que habitam, buscando compreender e valorizar esses aspectos. (ROCHA, 2007, p. 21).

É nesse princípio que a Geografia Humanista se fundamenta, tendo como objeto principal a relação do homem com o espaço, onde as experiências e as subjetividades são elementos fundamentais para a compreensão e construção do espaço habitado. A fenomenologia, é importante destacar, serve de embasamento para a Geografia humanista, e ambas buscam aumentar cada vez mais o entendimento da realidade por meio do pensamento construído a partir das experiências humanas diárias.

### 3.4.1 A perspectiva de Lugar

Durante décadas, o *lugar* foi definido a partir de um conceito espacial tido pelos geógrafos como algo que se referia apenas à localização de um determinado ponto. Com a evolução dos estudos da geografia de base fenomenológica, essa definição começou a ser entendida como algo que excedia os métodos positivistas científicos.

O crítico Edward Relph (2014) apontou que na antiguidade já havia essa preocupação mais filosófica com a perspectiva de lugar em Platão, que considerava “lugar como alimento do ser”. No entanto, o positivismo na ciência e as concepções cartesianas desconsideraram sentimentos, emoções e experiências que estariam diretamente ligadas a essa ideia de lugar, em uma perspectiva mais filosófica.

Somente a partir de 1990 é que as discussões sobre lugar se tornaram frutíferas. E o que antes era deixado em segundo plano, a exemplo das experiências, emoções e tudo o que é inerente à vida humana, passou a ser primordial nos estudos sobre lugar.

Importante também foram as contribuições do geógrafo Eric Dardel (1990) na evolução dos estudos sobre lugar, pois este não via a geografia como disciplina nos moldes positivistas e defendia que esta deveria lidar com a inserção do homem-no-mundo não apenas com o espaço geometrizado:

Ela pressupõe um campo de estudos próprio que se refere à existência humana na Terra, a partir de um objeto fenomenologicamente determinado: o “espaço geográfico”, que tem como elemento essencial a “geograficidade”, definida como uma “geografia vivida e matada” a partir da exploração do mundo e das ligações de cada homem com sua terra natal. (HOLZIER *apud* DARDEL, 2003)

A partir da década de 90, a concepção de lugar passa a ser analisada com base em outras disciplinas e teorias como perspectivas comportamentais, humanistas e fenomenológicas. No campo da crítica literária, também passa a haver a preocupação em contemplar e integrar essa discussão que até então havia sido pouco explorada. Segundo Relph (2014),

(...) lugar tem sido criticado por feministas, marxistas e por teóricos críticos; tem sido promovido por economistas neoliberais e empresas como um meio de comercializar seus produtos de forma eficaz; tornou-se inspiração para projetos de arquitetos e urbanistas; e numerosas organizações não governamentais e agências governamentais têm surgido para promover a construção do lugar (place marketing). (RELPH. p. 18, 2014)

Tal posicionamento mostra que é possível enriquecer a discussão de lugar por meio de diferentes concepções e áreas de estudo. Eduard Relph foi o responsável por essa abordagem fenomenológica, a qual poderia embasar os estudos dos geógrafos que se preocupavam com o aspecto subjetivo da espacialidade. A partir dessa abordagem mais humanística da geografia, foi possível viabilizar uma interação maior com a literatura, visto que os autores produzem suas narrativas baseadas em lugares e na influência anímica que eles exercem sobre os personagens.

Assim, torna-se perfeitamente pertinente estudar *lugar* na perspectiva do ecofeminismo e da literatura. Relph (2014, p. 19-20) descreve que houve muitas razões para a preocupação com o lugar vir à tona e o surgimento de uma geografia humanista acontecer. Uma dessas razões é que as paisagens da Europa e da América do Norte estavam sendo modificadas vigorosamente e perdendo sua diversidade, tornando-se padronizadas.

Muito dessa erosão ocorria por causa do uso de projetos da arquitetura moderna, os quais olhavam para o futuro sem nenhuma conexão com a história local, o ambiente ou as tradições. Os projetos modernistas, em suas formas mais triviais e uniformes, eram especialmente convenientes para corporações multinacionais porque tinham aparência de progresso e eram ao mesmo tempo baratos; as logomarcas poderiam distinguir os edifícios das diferentes empresas e nenhuma outra forma de identificação era necessária. Como resultado, os anos 1950 criaram paisagens sem-lugar, nas quais as diferenças foram relacionadas às marcas, não às localidades. (RELPH, 2014, p. 20)

Observa-se, então, uma preocupação com uma perda de identidade relacionada ao lugar, haja vista que este está intrinsecamente ligado às experiências e memórias de um povo. Edifícios e bairros antigos que carregam a história de um relacionamento sensível entre pessoas foram substituídos por novos lugares que não aglutinavam traços de uma memória, mas apenas sinalizavam uma logomarca que expressa uma padronização do que representa o progresso. Na citação a seguir, evidencia-se essa mesma crítica na teoria ecofeminista:

[...] some ecofeminists reference these historical reconstructions as alternatives to the commonly accepted patriarchal constructions that project historical progress. In other words, the idea of civilizations advancing from preagricultural to agricultural to industrial to postindustrial/technological might also be construed as a mythological projection. Applying feminist historical methodology, some academic ecofeminists reevaluate the patriarchal myth of

progress, particularly its detrimental effects on the human-nature relationship. (HOBGOODOSTER, 2002, p. 5)<sup>17</sup>

Como se pode perceber, os movimentos ecofeministas também lidam com fatores relacionados à história e às memórias humanas, o que nos faz vislumbrar um diálogo entre a crítica de Relph (2014) e a crítica ecofeminista. Para ambas as abordagens, a preservação dos recursos naturais gera uma relação de memória e identidade com um lugar, e essa memória pode ser perdida em decorrência das desenfreadas mudanças nos *lugares*, que se dão em prol do progresso.

Assim como a geografia humanista leva em consideração emoções e experiência humana, o ecofeminismo também valoriza essa interação entre lugar e ser humano e procura resgatar essa relação íntima entre seres humanos e natureza, para que futuramente os problemas ambientais já existentes não se tornem irreversíveis a ponto de acarretar a destruição do planeta. Gaard (1993) evidencia essa valorização da experiência humana e como ela pode nos conduzir para um futuro melhor:

Can an ecofeminist perspective, which attempts to integrate concepts of ecology with a feminist analysis of interconnected forms of domination, contribute insights that will bring history close enough to our personal and collective experience so that lessons from the past might guide decisions that we have to make now? I believe that an integrated ecological/social context for understanding history can help change the way we think about the past and the present in necessary ways, especially if we include ourselves in the stories embodied in a time and a place, with the past unfurling behind us and our hands and faces in the future. (GAARD et al., 1993, p. 92)<sup>18</sup>

Como já asseverado, as comunidades primitivas agregavam-se à natureza respeitando-a e, por vezes, temendo-a. A partir do momento em que o homem resolveu escravizá-la e modificá-la, em prol do progresso, com cidades, edifícios, arranha-céus e

---

<sup>17</sup> [...] alguns ecofeministas referem-se a essas reconstruções históricas como alternativas às construções patriarcais comumente aceitas que projetam o progresso histórico. Em outras palavras, a ideia de civilizações que passam de pré-agrícola para agrícola para industrial para pós-industrial / tecnológica também pode ser interpretada como uma projeção mitológica. Aplicando metodologia histórica feminista, alguns ecofeministas acadêmicos reavaliam o mito patriarcal do progresso, particularmente seus efeitos prejudiciais sobre a relação homem-natureza.

<sup>18</sup> Uma perspectiva ecofeminista, que tenta integrar conceitos de ecologia com uma análise feminista de formas de dominância interconectadas, contribui com informações que aproximarão a história da nossa experiência pessoal e coletiva, de modo que as lições do passado possam orientar as decisões que devemos fazer agora? Eu acredito que um contexto ecológico / social integrado para a compreensão da história pode ajudar a mudar a maneira como pensamos sobre o passado e o presente de maneiras necessárias, especialmente se nos incluirmos nas histórias - incorporadas em um momento e um lugar, com o desenrolar do passado atrás de nós e nossas mãos e caras no futuro.

automóveis, sua conexão com a natureza e também com a historicidade de determinados lugares tornou-se frágil e até mesmo inexistente.

Desse modo, não havendo mais a preocupação com a preservação da natureza e com os lugares, que são receptáculos de experiência e memória, há um desequilíbrio que poderá resultar na destruição completa do nosso “lugar global”, isto é, do nosso planeta. Partindo desta constatação, o geógrafo Yi-Fu Tuan (1974) instiga o homem a se questionar sobre os resultados dos avanços do progresso e sobre os ideais ambientais do homem tecnologicamente ambientado.

A partir de elucubrações em torno do espaço em que o homem vive, Tuan (1974) propõe uma reflexão que conduza o homem a examinar a percepção e os valores ambientais. Em sua obra *Topofilia: Um estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente* (1974), o geólogo explora temáticas alusivas à construção de valores, às mudanças de visão de mundo e a distinção entre diferentes experiências ambientais, como veremos no tópico seguinte.

#### 3.4.2 Topofilia: Homem, lugar e emoções

Refletir sobre as experiências e os sentimentos humanos e relacioná-los ao lugar, requer considerações bem mais amplas e complexas do que se pode pensar. Em seu estudo, Yi-Fu Tuan (1980) apresenta uma grande diversidade de apontamentos, à luz de diferentes áreas do conhecimento humano, envolvendo cultura, antropologia, história, psicologia, pedagogia, religião e estética e tantas outras subáreas de conhecimentos específicos.

Assim, o geógrafo define o termo topofilia como “o elo afetivo entre a pessoa e o lugar ou ambiente físico” (TUAN 1980, p. 5). Em seu estudo, ele faz uma análise de como determinados lugares do meio ambiente se tornam agradáveis aos sentidos do ser humano e, assim, discorre sobre a importância de cada espaço para que os seres humanos possam perceber o mundo ao seu redor.

Nessa relação, a visão, por exemplo, se encarrega de notar até os lugares mais distantes e de desenvolver sentimentos e hipóteses de como são, de fato, determinados lugares. Já a audição não é das mais aguçadas e, com efeito, tende a não ser tão confiável, já que várias expressões linguísticas nos levam a duvidar desse sentido, como “ouvir rumores”. Ora, quando falamos de rumores, tendemos a pensar em algo que não é verídico, pois rumores não são fatos.

O olfato, por sua vez, também não nos parece ter tamanha relevância, como tem para alguns animais que buscam alimento e captam o ambiente ao redor por meio desse sentido. Não obstante, muitos cheiros são responsáveis por caracterizar determinada coisa, pessoa ou lugar. Por fim, Yi-Fu Tuan (1980) parece classificar o tato como o mais importante de nossos sentidos, pois é por meio dele que acreditamos que algo existe.

É com o tato que comprovamos o que a visão acusa. Ao vermos, por exemplo, algo que nos parece repulsivo, às vezes não é o suficiente para nos afastarmos, mas a partir do momento em que tocamos a coisa repugnante, passamos a ter certeza de que aquilo não nos traz sentimentos agradáveis.

Tuan (1980), em seus estudos, discute primeiramente sobre os sentidos, já que é por intermédio deles que temos a capacidade de experienciar as coisas. Depois, ele aponta lugares considerados deleitantes para os seres humanos em geral, fazendo uma cativante descrição do que seria responsável provocar no homem os melhores sentimentos, ou seja, a topofilia.

Tais lugares seriam a praia, o vale e a ilha. Na praia, o mar, a areia e o ar, além de serem prazerosos para a visão, também são capazes de aguçar todos os outros sentidos, especialmente o tato, que, como já mencionado, é o principal gerador de experiências factuais. Além disso, a praia fornece alimento e ferramentas de sobrevivência.

A ilha corresponderia uma parte latente da imaginação humana; um lugar onde as maiores aventuras fantásticas podem acontecer, e em meio à imensidão do mar, se torna porto seguro e alento. Já o vale “promete uma subsistência fácil por ser um nicho ecológico altamente diversificado: há uma grande variedade de alimentos nos rios, nas planícies de inundação e nas encostas do vale”. (TUAN, 1980, p. 134)

Todos esses elementos corroboram para que o ser humano crie uma relação de afeto com os lugares, o que se denomina como topofilia, tema recorrente na obra de Tuan.

Adiante, o autor se motiva a pensar sobre qual lugar seria ideal para alguém ou para uma comunidade, o que aparentemente seria seu próprio lar ou o lugar onde a pessoa ou a comunidade se sentiriam suficientemente felizes. Todavia, ainda assim existe a ideia de um lugar platônico, como, por exemplo, um paraíso para onde vão os espíritos. Nesse lugar, os amantes da Literatura logo veem o ambiente propício para as utopias:

As pessoas sonham com lugares ideais. A Terra, devido aos seus vários efeitos, não é vista em todas as partes como a morada final da humanidade. Por outro lado, a nenhum meio ambiente falta poder para inspirar a devoção, pelo menos

de algumas pessoas. Em qualquer lugar onde haja seres humanos, haverá o lar de alguém - como todo o significado afetivo da palavra. (TUAN, 1980, p. 130)

Além da busca incessante do homem pelo lugar ideal, também é importante observar que desde sempre os elementos naturais, sobretudo aqueles que se revelam indecifráveis, são temidos pelo homem. Um exemplo disso é a montanha. Yi Fu Tuan (1980) estuda a percepção que o homem tem da montanha, sendo ela a junção entre terra e céu. Por ser tão alta, é capaz de tocar os céus e isso assusta o homem, porque algo que parece inalcançável, sempre se mostra perigoso e, por essa razão, este cria lendas e temores gerados pela não conquista ou não compreensão de uma determinada coisa (ou lugar).

Até bem entrado o século dezoito, a visão que prevalecia sobre as montanhas era insensível. A evidência na literatura mostra claramente esta aversão. Marjorie Nicolson se refere ao poema de Joshua Poole, *English Parnassus*, publicado em 1657, no qual o autor sugeriu aos aspirantes a poetas usar aproximadamente sessenta epítetos descritivos de montanha, uns poucos adjetivos. Eram neutros (rochosa, escarpada); alguns indicavam um sentimento superficial pelo grandioso (majestosa, roçando-estrela) e muitos expressavam desagrado: "insolente, rude, ambiciosa, árida, ameaçadora do céu, arrogante, deserta, rústica, inóspita, gelada, inútil, corcova, solitária, esquecida, melancólica, sem caminho. Além disso, as montanhas eram descritas como "Tetas da Terra, Abscessos, Tumores, Vesículas, Verrugas." (TUAN, 1980, p. 83)

Ao estabelecer relação entre o que foi disposto anteriormente e um dos preceitos do ecofeminismo, percebe-se que o medo que o homem sente da natureza (montanha) pode ser comparado ao medo que parece sentir da mulher, quando se nota que a montanha, enquanto "tetas da Terra", estabelece uma relação metafórica com o sexo feminino, por meio de suas curvas tão irregulares e retorcidas, o que insinua uma sedução e, ao mesmo tempo, uma aversão.

Essa resistência para com a montanha pode também estar relacionada com a obsessão do homem pela regularidade. Um lugar plano sugere uma certa segurança, uma plenitude que não se poderia sentir ao pisar em uma superfície tortuosa. Comparando a mulher que possui, naturalmente, mais curvas que o homem, com as montanhas observase o porquê da irritabilidade e temor impressos pelo homem em sua visão do ser feminino. Na antiguidade, acreditava-se que a Terra era plana. Galileu precisou ocultar sua descoberta da terra redonda para se salvar, pois era quase impossível para a sociedade da época se apegar a um ambiente não plano.

Os elementos montanha e água não têm o mesmo valor em religião e estética: a montanha tem precedência, a despeito da ênfase dada pelos taoístas à superioridade da água. As montanhas têm uma individualidade que falta aos rios e às terras planas. (TUAN, 1980, p. 146).

Novamente, comparando a mulher e as montanhas, a citação acima fala de uma individualidade, figurativamente falando, pertencente às montanhas. Tornou-se normal dizer que os homens são naturalmente mais racionais que as mulheres, e elas mais emocionais. Ora se as mulheres são ditas mais emocionais, graças a isso foi-lhes permitida uma individualidade maior; uma profundidade sentimental característica da personalidade feminina.

Os homens podem ser equiparados às terras planas, que são aparentemente mais seguras, porém não expressam individualidade e, tampouco, são livres para “tocar o céu”. Já as mulheres, embora sejam comparadas à natureza como seres inferiores (equivocadamente) estas podem, a partir da relação que estabelecem com o ambiente natural, fortalecer ideias de mudança, na concepção do meio ambiente enquanto lugar passageiro e, portanto, merecedor de defesa e salvaguarda.

Yi Fu Tuan (1980) revela, ainda, que o entendimento das pessoas a respeito de determinados lugares pode ser modificado em razão de novas descobertas, contextos diferenciados, épocas e pensamentos distintos e mais amplos.

As montanhas foram vistas de outro modo quando se pensou que elas possuíam um poder de recuperação. Eventualmente, esta crença levou à construção de sanatórios, hotéis e facilidades turísticas que se tornaram um êxito tão grande, que para os ricos, a Suíça era uma casa de repouso e um campo de esporte. Em meados do século dezenove ocorreu uma completa inversão da imagem da montanha: longe de ser um lugar que produzia calafrios de horror, compatível somente com as almas duras, era benigna e adequada às necessidades dos que tinham perdido a saúde. (TUAN, 1980, p. 85)

Todavia, visto que a topofilia remete à relação de afeto entre homem e lugar, o impacto da extinção dos ecossistemas atesta que esse tal afeto também pode ser impactado, já que, os homens também perdem a memória dos lugares por onde passaram ou viveram e pouco se importam com o meio ambiente.

Indo de encontro com a agressão ao meio ambiente, a literatura, principalmente distópica, se propõe a precaver a humanidade dos resultados negativos dessa desarmonia entre homens, mulheres e natureza, que, com o passar do tempo, só piora. Nessa perspectiva, a seguir serão analisadas duas distopias: *Umbral* e *O caçador de andróides*, a

fim de vislumbrar os vários aspectos discutidos pela teoria ecocríticas e pela geografia humanista.

#### **4. REVISITANDO *UMBRA* E *O CAÇADOR DE ANDROIDES***

Dadas as características distópicas das obras, a análise que se pretende fazer considera elementos como a reflexão ecológica de ambas as obras e a extinção dos animais, amparadas pela ecocrítica e também pelo ecofeminismo.

Para trabalhar com a teoria de Yi Fu Tuan, a Topofilia, e a perspectiva de lugar, analisaremos a relação dos personagens da obra *O caçador de Androides*, com o planeta Terra, antigo lar de muitos deles, e o planeta Marte, o novo lar de grande parte da

população mundial. Em *Umbra*, será feita uma análise a partir do espaço em que ocorre a narrativa, relacionando-a com a perspectiva de lugar, baseada no espaço devastado e destruído, em contrapartida com o desenvolvimento das cidades. Serão abordados, também nessa análise, vários aspectos comuns a outras distopias, como o lado negativo da evolução da tecnologia e o impacto da modernização das cidades para a sociedade.

Busca-se também produzir uma análise comparativa entre as duas obras, apontando para elementos de convergências e divergências presentes nas narrativas distópicas. Nesse intuito, considerar-se-á contextos sociais em que ambas as obras foram escritas e publicadas. Feitas essas observações preliminares, no tópico a seguir revisitaremos *Umbra (1977)*, mostrando como sua narrativa é construída e como essa distopia se utiliza das temáticas relativas à destruição da natureza para tecer críticas à ação desenfreada do homem em prol do progresso.

#### **4.1 Descobrimo o universo de *Umbra (1977)***

*Umbra (1977)* é uma obra literária distópica de autoria do escritor brasileiro Plínio Cabral, nascido em 1926, em São Pedro do Sul (RS). Amante das Letras e das artes, publicou 22 obras, e em 2000, ganhou o prêmio APCA (Associação Paulista de Críticos de Arte) na categoria juvenil, por *O Mistério dos Desaparecidos*. Em 2003, ganhou o prêmio de melhor romance (também pela APCA), com *O Riso da Agonia*, igualmente vencedor do prêmio de literatura de Passo Fundo. Escreveu também sobre direito e publicidade, área em que trabalhou e lecionou.

Antes de falecer, em 2011, dedicou-se à causa dos direitos autorais, sendo representante do Brasil no Comitê Latino-Americano da IFRRO, que se encarregava do assunto na ONU, além de ser diretor da Câmara Brasileira do Livro. Plínio Cabral viveu durante a ditadura militar brasileira, época conturbada para o Brasil e o mundo. Nesse cenário, *Umbra* foi apontada como obra representativa deste período conturbado de mudanças políticas, sociais e culturais.

A começar pelo título, *Umbra* significa a parte mais escura da sombra, similar à penumbra, o que de forma análoga pode remeter ao período da ditadura no Brasil, considerado, por muitos, como uma fase sombria e nefasta no país, já que torturas, repressão e a não liberdade de expressão eram suas características marcantes.

A obra de Plínio Cabral, inicialmente, descreve uma civilização retraída em um lugar chamado Fábrica. As pessoas que lá viviam dependiam das grandes máquinas para sobreviver; tinham tudo que precisavam, mas apenas subsistiam. Viviam em cubículos com suas famílias, e nenhuma dessas pessoas foram nomeadas na narrativa. Assim, eram chamados conforme suas características ou função que ocupavam: o menino, o velho, o guarda.

Fora da fábrica, o mundo de *Umbra* era horrendo, completamente destruído, escuro e poluído. O Velho, um dos personagens da obra, era o único que ia além dos portões da Fábrica, para pescar “mosqueixes”, uma mutação genética que permitiu a união de moscas e peixes, que habitavam o grande Marental. Ao sair da fábrica para pescar mosqueixes, o velho arriscava sua vida para exercer o que parecia um ofício passado de gerações a gerações. A água do mar era negra, pesada e consistente demais, para qualquer um usufruir de seus dotes naturais. O ar era poluído e pouco amigável, e a terra, por sua vez, não mais produzia frutos.

A água preta borbulhava ao longe, e caminhava para a margem, arrastando-se, rolando sobre si mesma. Vinha numa calma estranha e cheia de perigo. Era preciso cuidado na escolha do lugar exato, para não ser tragado pelo Grande Marental que, às vezes, erguia-se, traiçoeiro, e de golpe apanhava os incautos. (CABRAL, 1977, p. 11)

Ao longo da narrativa, o velho encontra um menino e começa a contar-lhe, em forma de lendas, como chegaram naquela situação desagradável. As narrativas lembram as passagens bíblicas, onde os heróis se assemelhavam a um Messias Salvador. Em uma das narrativas, o Velho menciona a Cidade Morta, que devastava e engolia tudo por onde passava, destruindo principalmente os ecossistemas naturais. A Cidade Morta representava a grande evolução tecnológica e urbana das cidades, que ao invés de melhorar o Planeta, apenas o destruía.

Ao fim da narrativa, o menino decide não herdar os conhecimentos de pesca de mosqueixes do Velho, e segue caminho contrário ao da Fábrica, em busca de vida e esperança.

#### 4.1.1 Desequilíbrio Ecológico: A Cidade que mata e morre

Em *Umbra* (1977), Cabral faz uma crítica pertinente e necessária que contempla muitas das discussões atuais em torno da relação do homem com o meio ambiente. De

maneira velada, mas contundente, o autor faz uma crítica ecológica, utilizando-se de estruturas distópicas para denunciar as ações do homem que reduz os ecossistemas a meros provedores de recursos, sem que haja uma preocupação com o esgotamento destes.

A partir das lendas, o leitor é levado a conhecer um passado que dialoga com o presente, em forma de lembranças. Cada uma delas possui um herói que assume diversos nomes, à medida em que ressuscita na outra Lenda. Eric, Aric, Deric, Teric, Talaric, Taric, Alaric, Laric, Daric, Valderic, Galderic, Genseric, Goderic... treze lendas, no total. Na primeira delas, o herói, Eric objetiva matar a Cidade Morta, pois ela devora os habitantes e tudo que está em sua volta. Ao alcançar o seu objetivo, Eric sucumbe à morte. Os outros que o sucedem, têm a missão de salvar os poucos recursos naturais que ainda restam.

O pássaro, a flor, a água, não resistem à ação do homem e seu potencial tecnológico. Como a terra estava seca e não havia mais raízes para comer, Genseric, conduziu as pessoas até a Cidade Morta onde construíram a Fábrica em sete anos. No entanto, como todos os outros, muito cansado e já velho, o herói enrolou-se no pó da terra e dormiu. Já Goderic, o único que não desapareceu desta maneira, desapareceu pelos ares, voando em sua invenção que fazia lembrar o pássaro de Teric.

É pertinente, notar que os heróis das lendas apresentam uma relação simbiótica com a natureza, ao passo que têm a função de protegê-la, terminam por juntar-se a ela transformando-se em pó, água ou ar. Ivone Gebara (1997, p. 61) fala dessa interdependência do ser humano com a natureza que:

(...) significa acolher como fato básico que uma situação vital, comportamento ou crença é fruto de todas as interações que constituem nossa vida, história, realidade terrena e cósmica mais amplas. Não se trata apenas da interdependência e relação com os outros seres humanos, mas com a natureza, as forças da Terra e do Cosmos.

Na quarta lenda, intitulada “Teric vai à grande mata, e mata”, uma vegetação se estendeu a ponto de se tornar uma grande floresta. Contudo, seu tamanho ameaçou os homens da região, que por sua vez decidiram devastá-la gradativamente, como aponta o fragmento a seguir:

Um dia, porém, chegaram os homens e armas, dizendo: ‘É preciso vencer a mata’ Começou, então, o corte. ‘É preciso construir uma estrada’, acrescentaram. ‘Por ela passarão homens e máquinas’. ‘É a civilização’. (CABRAL, 1977, p. 41)

Por meio dessa lenda, é possível verificar o esforço da natureza para sobreviver ao massacre humano em prol da “civilização”. A respeito do discurso de progresso, os pesquisadores Gilberto Velho e Eduardo Viveiros de Castro (1978) afirmam:

[...] o fardo do homem branco era educar seus “contemporâneos primitivos”, acelerar seu crescimento, que necessariamente iria culminar em um estado idêntico ao já atingido pela civilização do Ocidente. A idéia da *civilização*, assim, perde seu sentido de processo, e passa a definir um estado – a sociedade ocidental – que deve ser atingido pelos ainda não civilizados. (VELHO, CASTRO, 1978, p. 2-3)

Em outros termos, na sociedade sempre houve as concepções de colonizador e de colonizado, sendo o segundo, na maioria das vezes, visto como inferior, e não como “civilizado”. Assim, a ideia eurocêntrica de que os outros povos devem se igualar, ao máximo, ao exemplo europeu de sociedade evoluída e próspera, é uma das causas das práticas antiecológicas, pois a natureza é oferecida como sacrifício para que se alcance o ideal de civilização supostamente gerado a partir do sentimento de superioridade europeu. Ainda em se tratando da lenda “Teric vai à grande mata, e mata”, no fragmento a seguir Cabral convida o leitor a refletir simplesmente sobre a questão do desmatamento:

E de quando em quando tornava, perguntando: ‘E as árvores?’ ‘Quando plantarão?’ E os homens respondiam: ‘Amanhã plantaremos. Hoje há trabalho, mil árvores a cortar. Amanhã’. No amanhã Teric, outra vez, perguntava: ‘Plantaram?’ E eles respondiam: ‘Não. Não plantamos. Amanhã plantaremos.’ Por fim os homens se irritaram, tomando de suas armas e máquinas contra Teric. Ele, porém, não resistiu. Disse apenas: ‘Vocês estão mortos’. (CABRAL, 1977, p. 43)

Considerando o trecho acima, também é possível depreender uma pretensa crítica aos atos praticados durante o Regime Militar no tocante à preservação dos recursos naturais, pois, em nome do progresso, o homem devastava sem nenhum interesse e preocupação com reflorestamento. Outra causa que justifica tal desinteresse é a ideia da supremacia humana, concebida culturalmente quando o homem busca seu lugar como senhor da natureza.

A ecocrítica se baseia nessa relação entre homens e natureza, revelando-se em obras literárias. Enquanto distopia, *Umbrá* (1977) revela o lado soturno dessa relação, em que os seres humanos se tornam vilões de si próprios, pois ao matar quem vos dá alimento e abrigo, ficará à mercê de suas próprias invenções imperfeitas e defeituosas, assim como a sociedade resultante dessa relação conturbada.

Ainda na quarta lenda, vê-se a personificação da natureza disposta a resistir aos efeitos da modernização e progresso, porém sem sucesso.

E a Floresta ressurgia além, mais além. E assim andavam - homens e árvores, numa corrida frenética. Atravessaram rios, vales, montanhas, planícies, e chegaram ao mar. A Floresta deteve-se: não podia ir além das grandes águas. Tentou, é verdade. Mas em vão, as raízes mergulhavam na areia salgada, retorcendo-se, dolorida. (CABRAL, 1977, p. 41)

Nessa perspectiva, Christopher Manes, em seu artigo *Nature and Silence* (1996), discorre sobre o silêncio da natureza, embora esta fique evidente por meio de vários sons, dentre eles o barulho dos animais, o som da água dos rios e do vento, que por não serem como a fala (dom exclusivo do ser humano), silenciam, tornam-se explorados e, por vezes, marginalizados.

Christopher Manes (1996) também faz uma comparação entre as sociedades “civilizadas” e as animistas (aquelas que se baseiam na crença de que existe alma em todas as coisas da natureza). Essas comunidades, em razão de tal peculiaridade, percebem uma voz nos animais, nas águas, nas árvores e acreditam que esses seres, inclusive os inertes, como as pedras, podem interagir e possuir sentimentos, além de ter uma linguagem inteligível e aceitável.

Na sexta lenda da obra de Cabral, há outro fator interessante: uma referência – harmoniosa e aprazível – de uma vida anterior à descrita na atual sociedade de *Umbra* (1977), como mostra o trecho a seguir:

Os seres da Floresta tinham linguagem própria. Faz muito, muito tempo. Foi antes da morte da Cidade Morta. Muito antes. Os velhos contam. Eles não viram, é claro. Mas o Anterior do Anterior do Anterior – e seu pai testemunharam. Os seres da Floresta eram inteligentes. Falavam pouco. Não possuíam palavras. E cada espécie reunia-se em bando. O ciclo da vida era simples: comer, dormir e amar para a reprodução. Depois deitavam-se na terra, enrolavam-se no pó, e morriam. (CABRAL, 1977, p. 49)

É notório no excerto que embora os seres da natureza não tenham uma linguagem semelhante à dos humanos, estes podiam se expressar e viver livremente. Pode-se inferir que “o Anterior do Anterior do Anterior – e seu pai” diz respeito às sociedades primitivas, que viviam em harmonia com os elementos naturais. Eram sociedades animistas, que mesmo não entendendo a linguagem dos seres não-humanos, sabiam que eles também podiam se comunicar.

No entanto, o projeto de civilização tecnológica parece ter modificado a visão de vida em comunidade e o equilíbrio com a natureza. Assim. “Fugia a Floresta, fugiam os seres. Inútil. O homem avançava sempre. E só parou quando não havia mais nada”. (CABRAL, 1977, p. 50)

Então, se ter voz significa ter poder, e se para os homens a natureza não fala, a ela só resta ser mantida sobre o cárcere humano, além de ser explorada e abandonada em benefício do homem. Desse modo, Plínio Cabral, por meio da obra, demonstrou a inteligência dos seres não-humanos em contraponto com a maldade humana, que percorre o planeta e conquista quem não é seu semelhante.

Conforme Menes (1996), o poderio social se concentra em grupos de falantes aforados, tendo personificações históricas, como sacerdotes e reis, autores, intelectuais e celebridades. O discurso dessas pessoas, além de ser aceito por todos, é confiável, ao passo que o discurso das minorias – mulheres, crianças, prisioneiros e pessoas com problemas mentais – é silenciado.

Nesse contexto em que as mulheres não pertencem a um grupo legitimado como dominante, retomamos o conceito de androcentrismo, em que o homem está no topo da pirâmide social e que, por essa razão, faz da mulher sua subordinada. Dessa maneira, entende-se que o ser feminino está no mesmo nível que a natureza: é servil e subalterna.

Em *Umbra* (1977), observa-se que não há personagens femininos propriamente ditos, mas a natureza é descrita como um ser personificado com denominações femininas como mostra o trecho a seguir: “A Floresta, porém, reagiu. A noite as raízes caminhavam, pela terra, brotavam longe, rompendo o cimento, derrubando muralhas e construções”. (CABRAL, 1977, p. 41)

A “Floresta”, como se pode notar, é dotada de ações humanas: “reagir, caminhar, romper, derrubar”. Ademais, em toda a obra, o autor escreve “floresta” com letra inicial maiúscula. Infere-se, a partir dessa observação, que o autor quis dar ênfase à natureza enquanto elemento que possui alma e que, portanto, sofre e agoniza, assim como os seres humanos. Uma outra interpretação que se pode ter, a partir do excerto disposto anteriormente, é que a natureza tem alma feminina e, por isso, é extorquida, a fim de que a “civilização” possa ser garantida.

A teoria ecofeminista, proveniente da ecocrítica, se encarrega de equiparar a luta dos movimentos sociais feministas com a questão ecológica. Na obra de Cabral há vários indícios que revelam aspectos da feminilidade no meio ambiente, inclusive quando a

natureza se torna obscura (e lamentavelmente mortal) e revela sua essência vingativa, que é também um traço das mulheres. “O mundo perdeu. Na terra ficou apenas o Homem. A Cidade Morta cresceu, então, medonha. Desdobrava-se pelo corpo, transbordava de si, e continuava a crescer, insensível.” (CABRAL, 1977, p. 50)

O que se percebe é que depois de muito lutar por sobrevivência, a natureza se tornou uma ameaça aos humanos, em razão da ganância desses seres, além de viver na penumbra, assim como a sociedade que a transformou. As distopias, nesse sentido, retratam as consequências desagradáveis resultantes dos problemas sociais humanos já existentes, além de possuírem uma essência pessimista. A autora Elizabeth Ginway explica uma das relações que existem entre o ser feminino e a natureza dentro da obra, construídas a partir do discurso de que a mulher pode se tornar uma ameaça ao ser confrontada. “Since the only recourse for nature is vengeance, it transforms itself from a nurturing mother into a devouring mother. This is logical form revenge for an entity that has historically been conceived of as female”. (GINWAY, 2010, p. 125)

Fazendo referência ao universo literário das narrativas distópicas, a pesquisadora Chintan Ambalal Mahida (2011, p. 2) comenta:

The first authors to approach literature with a completely pessimistic outlook for the future were called “Cataclysmic” writers. They shared a common fear or distaste for the rapid pace of change, and as a result became defensive against their modern society. Much of their literature contained visions of the apocalyptic end of the world at the hands of men with technology. The world could not get better, they reasoned, only worse. Their work has a distinctly pessimistic tone, which embodied all of the bitterness felt by those left behind by society's rapid pace.<sup>19</sup>

A despeito do pessimismo apresentado na obra de Cabral, há também um propósito idealista. O teor da obra não é de todo negativo, visto que a reencarnação do herói em cada Lenda pode ser interpretada como uma atitude de resistência aos valores capitalistas e/ou imperialista. O texto de Cabral revê as consequências do equívoco que subjaz a ideia de progresso relacionada meramente ao desenvolvimento tecnológico. Tal preocupação é projetada por meio de alegorias, como a terra devastada, o homem sem memória e autômato e a fábrica que protege, principalmente, de uma natureza agressiva,

---

<sup>19</sup> Os primeiros autores a abordar a literatura com uma visão completamente pessimista para o futuro foram chamados de escritores “cataclísmicos”. Eles compartilhavam um medo comum ou desgosto pelo ritmo acelerado da mudança e, como resultado, tornaram-se defensivos contra a sociedade moderna. Grande parte

dona de uma atmosfera completamente irrespirável que remete aos dias umbrosos dos anos de 1960 e aos que se sucederam àquele período.

#### 4.1.2 Mulher, Natureza e Lugar

*Umbra* (1977) é ambientada em meio à tecnologia. De fato, é uma cidade futurista:

a Fábrica era autossuficiente, fornecia alimento, roupas e tudo o mais que um ser humano precisaria para “sobreviver”. No entanto, pela descrição do autor, nota-se que as pessoas que vivem nesse lugar são vazias e não parecem se importar com o ambiente em que vivem e nem possuem qualquer relacionamento afetivo com o espaço, como evidencia o fragmento a seguir:

Nada era importante: cada um fazia o que era necessário fazer, desde tempos imemoriais. E ninguém se importava com o resto. A Fábrica fornecia tudo: roupa sintética, alimento concentrado, figuras visuais e reuniões onde se debatia a história do futuro. As reuniões eram contínuas: havia sempre alguém falando e alguém ouvindo. Mas isto também não tinha importância. (CABRAL, 1977, p. 10)

Observa-se que os indivíduos moradores da Fábrica não esboçavam sentimentos e não pareciam dar valor a nada, pois “nada era importante”. Apenas viviam naquele espaço limitado, acostumados a ter sua rotina diminuta e vazia. Ao confrontarmos essa citação de *Umbra* (1977) com a crítica da geografia humanista, torna-se necessário refletir sobre a padronização dos lugares, modelos de arquitetura e tecnologia que não estimulam emoções

de literatura destes escritores continha visões do fim apocalíptico do mundo nas mãos dos homens com a tecnologia. O mundo não poderia melhorar, raciocinaram, só poderia piorar. Os trabalhos nessa primeira fase tem um tom nitidamente pessimista, que encarna toda a amargura sentida por aqueles deixados para trás pelo ritmo acelerado da sociedade [Tradução nossa].

mais profundas nas pessoas. Segundo Edward Relph (1976, p. 147), conforme citado por David Seamon and Jacob Sowers (2008, p. 43):

A deep human need exist for associations with significant places. If we choose to ignore that need, and to allow the forces of placelessness to continue unchallenged, than the future can only hold an environment in which places simply do not matter. If, on the other hand, we choose to respond to that need and to transcend placelessness, then the potential exist for the development of an

environment in which places are for [people], reflecting and enhancing the variety of human experience.<sup>20</sup>

Relph (1976) fala da importância da construção dos lugares com base na necessidade das pessoas de ter um vínculo afetivo com determinados territórios. O lugar que vivemos é importante, pois enriquece a experiência humana. Percebe-se que a Fábrica em *Umbra* (1977) não possui nenhuma relevância para as pessoas, e isso reverbera na citação de Relph (1976), “the future can only hold an environment in which places simply do not matter”.

Ao relacionarmos essa falta de interesse pelo mundo em que vivem, com a situação desastrosa do planeta Terra na narrativa de Cabral, é notável que a responsabilidade pela destruição da natureza é do ser humano. A sociedade não se importa mais com o ambiente habitado, o que se justifica por suas ações irresponsáveis. Em *Umbra* (1977) parece não haver mais um vínculo afável entre as pessoas e o universo, pois a sociedade havia se limitado a um único espaço:

À noite, ligavam-se os circuitos automáticos, fechando os portões. A Fábrica protegia-se. Além dos muros vagavam seres estranhos. Eram sombras deslizando. Nunca foram vistos, pois não se aproximavam. Nem poderiam fazê-lo. A mais de mil passos estavam as linhas de segurança. Impenetráveis. (CABRAL, 1976, p. 10)

Fábrica e sociedade eram “fechadas” para os sentimentos do mundo e restritas a um pequeno pedaço da Terra. Por conta própria, o ser humano sobrevivia; sem os recursos naturais, mantinha-se por meio do avanço tecnológico, embora para isso tenha precisado praticamente destruir seu planeta.

Yi-Fu Tuan discorre sobre a concepção de cidade como um ambiente perfeito e idealizado para a humanidade:

A Pólis grega propiciava aos homens livres a oportunidade de alcançar a imortalidade de pensamento e de ação e deste modo acender acima da servidão biológica. “O ar da cidade faz o homem livre” é um provérbio alemão da Idade Média: os homens livres vivem dentro dos muros das cidades e os servos fora,

---

<sup>20</sup> Existe uma necessidade humana profunda de associações com lugares significativos. Se optarmos por ignorar essa necessidade e permitir que as forças dos não-lugares continuem incontestadas, então o futuro só pode manter um ambiente no qual os lugares simplesmente não importam. Se, por outro lado, escolhermos responder a essa necessidade e transcender ao não-lugar, então o potencial existe para o desenvolvimento de um ambiente em que os lugares são para as pessoas, refletindo e aumentando a variedade da experiência humana [Tradução nossa].

nos campos. A supremacia da cidade como ideal sobre a vida rural está entrelaçada com os significados das palavras. Desde o tempo de Aristóteles “cidade”, para os filósofos e poetas, representou a comunidade perfeita. Os cidadãos viviam na cidade; os servos e os vilões viviam no campo. A cidade do homem, onde o bispo tinha a sua sede, era uma imagem da Cidade de Deus: no campo longínquo ou sertão estavam os sertanejos; e no distrito rural ou vila (pagus) estavam os campônios ou pagãos. (TUAN, 1974, p. 172-173)

A Fábrica, em *Umbra* (1977), é uma cidade resultante da busca do ser humano por uma “comunidade perfeita”. O “campo”, por seu turno, é secundário e imperfeito, segundo Tuan (1974). Também está implícito que o campo é mais próximo do “natural” e que a natureza ainda permanece viva fora das cidades (e o que está fora da cidade é classificado como oposto à evolução; é a imperfeição). Portanto, a natureza não é modelo de excelência para humanidade e, conseqüentemente, quem vive mais próximo dela também é inferior. Essa ideia de inferioridade, novamente, se estende aos seres femininos, que se relacionam de maneira estereotipada com a natureza.

Conforme dito anteriormente, a obra *Umbra* (1977) não possui personagens femininos, mas sua narrativa é constituída de elementos-chave que são substantivos femininos e quase todos se relacionam com a natureza e os lugares. Esses elementos – Floresta, Cidade Morta, Montanha, Planície, Grande Margem, Terras Baixas, Grande Mata, Flor, Folha e até mesmo Fábrica – possuem características de seres humanos, pois sofrem, sentem desejo de vingança e medo, por exemplo.

Depois das **Terras Baixas**, além da **Montanha**, havia uma **Cidade**. E nela moravam homens e mulheres, agrupados em Centros, numa sucessão de **Fábricas**. Os caminhos eram largos, sem portões. Abruptamente a **Cidade** terminava na terra seca e além da terra não havia mais nada, a não ser outra **Planície**, outro Vale, outra **Montanha**. (CABRAL, 1977, p. 13) (grifo nosso)

Como pode ser observado, esses componentes são todos grafados com letra maiúscula, como se fossem substantivos próprios. Talvez o autor quisesse destacar a importância do lugar, visto que o foco principal dessa obra é a natureza que segue sendo destruída. Ao levarmos em consideração a teoria ecofeminista, que une ecologia e mulher, é possível fazer um paralelo entre a nomenclatura desses itens naturais com os nomes femininos, ao se considerar o emprego do artigo “a”. E essa relação se mostra mais profunda e enraizada, de acordo com Rosemary Radford Ruether:

Entre as ecofeministas ocidentais, essa conexão entre a dominação das mulheres e a dominação da natureza é geralmente estabelecida, em primeiro lugar, no nível cultural-simbólico. Registra-se a forma como a cultura patriarcal definiu as

mulheres como seres “ mais próximos da natureza” ou como seres que, na cisão entre natureza e cultura, estão no lado da natureza. Isso se mostra na maneira como as mulheres foram identificadas com o corpo, a terra, o sexo, a carne em sua mortalidade, fraqueza e “ propensão ao pecado” *vis-à-vis* uma interpretação da masculinidade que a identifica com o espírito, a mente e o poder soberano tanto sobre as mulheres quanto sobre a natureza. (RUETHER, 1996, p. 130)

Com essa concepção, os homens seguem com a ambição de conquistar a natureza e a mulher, sem pensar nas consequências de seus atos, como mostra a obra de Cabral. Em vista disso, *Umbra* (1977) se torna uma obra que se ocupa desse simbolismo naturezmulher, ao demonstrar a angústia do meio ambiente, que é também um sentimento experimentado pelas mulheres na nossa sociedade, em alguns contextos.

Essa forma sócio-econômica de análise ecofeminista, então, vê os padrões culturais-simbólicos pelos quais tanto as mulheres quanto a natureza são inferiorizadas e mutuamente identificadas como uma superestrutura ideológica por meio da qual o sistema de dominação econômica e jurídica das mulheres, da terra e dos animais é justificado e parece “ natural” e inevitável dentro da totalidade de uma cosmovisão patriarcal. (RUETHER, 1996, p. 130)

Dessa maneira, tendo em mente que as distopias são um tipo de literatura engajada, é possível vislumbrar a crítica ecológica presente na obra, e a teoria ecofeminista pode ser uma possível interpretação dos motivos pelos quais a humanidade está cometendo tantos erros no que diz respeito à preservação ambiental. A dominação da mulher faz parte dessa estrutura hierárquica problemática, onde o homem se coloca no topo, em detrimento da natureza e em comparação com a mulher na estrutura social. A seguir, no fragmento de *Umbra* (1978), evidencia-se o desejo de dominação do homem, que usa sua inteligência para cercar e matar, a fim de possuir a grande natureza:

Havia homens na floresta. Mas o Homem separou-se pouco a pouco. Construiu paliçadas, ergueu muralhas, e começou a matar. Veio o medo, então. Os seres da floresta tinham medo. Fugiam, matavam também, procurando reagir. O Homem, porém, era solerte, artiloso, traiçoeiro. Escondia-se nos grandes troncos, cavava o chão, subia a copa das árvores. E atacava. Por quê? Ninguém sabia. Primeiro para comer. Depois pelo prazer de matar. Era o seu ofício. (CABRAL, 1978, p. 49-50)

Na obra de Cabral, as pessoas são apáticas: simplesmente aceitam sua realidade medonha e insatisfatória, o que remonta a citação anterior, em que Ruether (1996, p. 130) diz que “o sistema de dominação econômica e jurídica das mulheres, da terra e dos animais é justificado e parece ‘natural’”. A sociedade de *Umbra* (1977) aparenta ter desistido de lutar para mudar os erros do passado, resignou-se ao desgosto, talvez por assentir a sua

culpa, ou mesmo por ainda assim não enxergar que aquele modo de vida é resultante de sua hierarquia social discriminatória e de ideologias que pregam o progresso às custas da dominação da natureza e, conseqüentemente, da mulher.

Tal apatia fica clara na sétima lenda, intitulada: “ Alaric, a Flor, e o amor da Flor”:  
 “Os Buscadores, na verdade, já não buscavam mais. Era inútil tentar. ‘Não existe água’, disseram. ‘Nós sabemos. A terra é seca, daqui até o fim do mundo’”. (CABRAL, 1977, p. 56). É bastante emblemática a nomenclatura usada para denominar o grupo de pessoas encarregadas de encontrar água na Terra, “os Buscadores”, que, na verdade, já haviam abandonado sua busca e se conformado com a extinção da água (o bem mais precioso para a raça humana, mas que para muitos parece ser infinito, embora se saiba que uma parte da população sofre com a escassez da água potável).

A pesquisadora Ynestra King (1989) explica que a diversidade é importante para se ter um ecossistema saudável, assim como uma padronização e simplificação do meio ambiente, e que a cultura de massa disseminada pelo mercado pode acarretar problemas:

(...) the wiping out of whole species corresponds to reducing human diversity into faceless workers or to the homogenization of taste and culture through mass consumer markets. Social life and natural life are literally simplified to the inorganic for the convenience of market society. (KING, 1989, p. 458-459)<sup>21</sup>

As indústrias, quase sempre em busca de lucro, contribuem para essa homogeneização da cultura e estimulam a ideia de que produtos naturais são ultrapassados ou ineficientes, o que pode influenciar pessoas a não mais perceberem a importância de se preservar o meio ambiente, já que a tecnologia, as indústrias e a “modernidade” darão conta de abastecê-las e satisfazê-las. Há uma passagem na terceira lenda de *Umbrá* (1977), intitulada “Deric morre quatro mortes e desaparece na chuva da terra”, que pode ser uma crítica a essa noção de que o “progresso” e a modernidade, sejam a solução para tudo:

Depois os homens se reuniam e trabalhavam para filtrar a água e bebê-la. Não conseguiam. Mais trabalho, mais impostos, taxas, parcelas, tributos. Inútil. (...) Deric, olhando para aquilo compreendeu tudo. Gritou: ‘Vim para te matar.’ Então a Cidade riu, gargalhando, e respondeu: ‘Vivo dos homens. Os homens vivem de mim. Não posso morrer.’ Deric perguntou curioso: ‘Por que matas?’ E

---

<sup>21</sup> (...) A eliminação de espécies inteiras corresponde à redução da diversidade humana em trabalhadores sem rosto ou à homogeneização do gosto e da cultura através dos mercados de consumo de massa. A vida social e a vida natural são literalmente simplificadas para o inorgânico para a conveniência da sociedade de mercado. [Tradução nossa]

a Cidade retrucou: ‘Não mato. Transformo a terra. Olha e verás’. (CABRAL, 1977, p. 38)

Nesse fragmento é possível analisar que a Cidade representa a modernidade, que multiplica o trabalho das pessoas, limita os recursos e aumenta os tributos ao governo, o que se reflete nas relações de poder, pois quem tiver mais dinheiro, mais possibilidade tem de usufruir daquilo que o mercado oferece. Assim, a ideia de progresso se destaca como um dos principais motivos do extermínio da natureza, da diversidade cultural, além ser um meio de discriminação das minorias.

Também é cabível uma análise do conceito de “lugar sem lugaridade”, de Edward Relph, em *Umbra* (1977), quando da descrição da vida na Fábrica.

Atravessou os portões e dirigiu-se para o Grandio. O velho sentia-se, agora, tranquilo e seguro. Passou pelo Centro, vendo as figuras esguias, muito altas, em torno dos mostradores. **Já ninguém mais fazia perguntas, nem jogos. Não havia interesse.** As respostas eram sempre iguais. Cansavam. “O que é uma cidade?” **“Cidade é uma sucessão de Centros e Nichos dispostos de forma irregular e sem lógica objetiva”.** (CABRAL, 1977, p. 18-19) (grifo nosso)

Observa-se que apesar do sentimento de segurança que a Fábrica proporcionava, a vida lá dentro era maçante, em razão do desinteresse das pessoas, ou seja, não havia mudanças ou encantamentos por parte dos moradores da Fábrica. Além disso, para os moradores, a Cidade é simplesmente “uma sucessão de Centros e Nichos dispostos de forma irregular e sem lógica objetiva”. Em outros termos, a cidade não estabelecia relação alguma com as pessoas; parecia apenas um recipiente, esvaziado de significado para os seres humanos. Acerca do conceito de lugar, o pesquisador Luiz Carlos Schneider (2015, p. 69) diz que:

[...] é definido como um espaço antropológico e que apresenta características identitárias, relacionais e históricas. Inclui ainda a possibilidade dos percursos que nele se efetuam, dos discursos que nele se pronunciam e da linguagem que o caracteriza. A oposição a estes espaços são os não-lugares, ou então, todos não identitários e com os quais o sujeito não consegue estabelecer vínculos relacionais durante a sua ocupação.

Assim, pode-se classificar a Fábrica como um não lugar, já que as pessoas que lá habitam não possuem uma relação estreita com seu lar, ou seja, não possuem vínculos e apenas estão presas à única realidade que conhecem. A Fábrica não é identitária; as pessoas que vivem lá não têm nome próprio; o único a ter um adjetivo como vocativo é o contador

das lendas, o Velho; o pescador de *mosqueixes*. Esse, sim, possuía algum conhecimento; alguma memória. Será que é porque era um dos que se aventura além dos portões?

Não se poderia viver fora da Fábrica. Essa era uma ideia antiga, sem lógica, de que ninguém mais falava. Ele saía, é verdade, para caçar Mosqueixes ou, simplesmente, andar. Mas nem todos faziam isso. Eram poucos. Eram raros. A maioria deixava-se ficar ali, no calor no Nicho ou, então, caminhavam pelo Grandio, iam ao Centro, faziam perguntas. Depois voltavam para alimentar-se e dormir. (CABRAL, 1977, p. 19)

Na passagem anterior é visível a rotina desinteressante e nada desafiadora da população de *Umbra*. Por ser uma distopia, a obra de Cabral tem os mesmos princípios das utopias, que buscam o paraíso onde ninguém tem problemas, e apenas vivem com tudo que necessitam, sem se preocupar com absolutamente nada. Essa falta de experiências com o ambiente, a quase ausência de reflexão e exploração de sentimentos mais profundos, possivelmente se deve à privação da individualidade e ao mesmo tempo de uma identidade coletiva.

Os não-lugares, portanto, e ao contrário dos lugares, são esvaziados do princípio de sentido para aqueles que o ocupam ou habitam. Em sua expressão urbana ou arquitetônica apresentam uma arquitetura estandardizada voltada ao modismo e ao consumo, concepções de ambiências funcionais e de caráter transitório e que, sendo plenamente reconhecidos e assimilados pela sociedade moderna, não promovem relações sociais autênticas e genuínas (BARTOLY, 2011, p. 76, apud SCHNEIDER, 2015, p. 69)

A Fábrica é exatamente o que está expresso na citação anterior: uma grande construção estandardizada, padronizada, voltada apenas para o consumo; possui características de um ambiente transitório, pois exerce tarefas funcionais, como produzir alimento, mas ao mesmo tempo é um ambiente permanente, uma vez que é o lar daquelas pessoas; o paraíso que almejavam. No entanto como todo lugar estandardizado, não “promove relações sociais autênticas e genuínas”.

Se fizermos um paralelo com as lendas que descrevem o que parece ser a vida anterior da Terra, observa-se que foi um processo desenfreado de modernização que destruiu a natureza verde do planeta e gerou a Fábrica. Não obstante, antes mesmo de haver este lugar, já existiam outros semelhantes, como a Cidade Morta, que também era um não-lugar, pois não estabelecia vínculos sociais indenitários com os grupos de pessoas.

Diante do exposto, depreende-se que *Umbra* (1977) é uma obra bastante crítica que desenvolve uma rede de pensamentos a respeito de várias situações-problema do nosso cotidiano e, ao mesmo tempo, sinaliza um futuro ainda mais desacertado e pernicioso.

No tópico a seguir, será disposta a análise da distopia *O Caçador de Androides* (1968), de Philip K. Dick, que perfaz um contexto similar ao de *Umbra* (1977), o que dá oportunidade para novas reflexões.

#### **4.2 A narrativa de Philip K. Dick**

Philip K. Dick foi um norte-americano que escreveu obras de ficção científica inovadoras, iniciando sua carreira de escritor na década de 50, mas só obteve sucesso em 1962, com o livro “O homem do castelo alto”, livro ganhador do Prêmio Hugo. Ao todo, Dick escreveu 44 livros e 121 contos. Várias de suas obras foram adaptadas para o cinema, dentre elas *Minority Report* adaptada em 2002, *Total Recall*, em (1990 e 2002) e *Blade Runner* (1982 e 2018).

*O caçador de Androides* (1968) é uma obra cujo título original é “Do androids dream of electric sheeps?”, conhecida no Brasil com o título de “Blade Runner, o caçador de androides”, ou somente “O caçador de Androides”.

A estória se desenvolve em um ambiente pós-apocalítico, em que se vê o planeta Terra à beira da destruição completa, representada pela grande evolução tecnológica que alimentou armas nucleares tão potentes a ponto de eliminar boa parte dos animais, deformar genes humanos, assassinar a maioria deles e expulsar uma pequena parte da população terráquea (para viver em uma colônia em Marte). A “Guerra Mundial Terminus” já havia acabado, mas a poeira nuclear havia se impregnado no ar, fazendo os seres humanos viverem à mercê dela.

Essa poeira danosa e maléfica possivelmente é o fio condutor da narrativa, pois por consequência dela surgiu a colônia em Marte e a cultura de que emigrar parecia a melhor solução para as pessoas “não especiais”, que tinham seus genes inteiros e sem mutação, mas que possuíam uma vida útil curta, caso permanecessem na Terra.

Um dos personagens importantes da estória é considerado um especial, John Isidore, que sofre o dilema de não poder mais ser classificado como normal. Os não especiais, quando migravam para Marte, eram presenteados com androides de última

geração para bem servi-los no planeta estranho. No entanto, alguns desses robôs haviam se rebelado contra seus possuidores e retornaram ao planeta de origem.

Nesse contexto da narrativa, entra em cena Rick Deckard, o caçador de androides, cuja missão era bastante perigosa, pois tinha que caçar robôs, a fim de conseguir recompensas em dinheiro para, então, realizar seu sonho de ter um animal de estimação de verdade (que eram bastante caros, já que estavam praticamente em extinção). Rick Deckard, possui uma companheira em casa, Iran, sua esposa, uma humana que contribui com diálogos interessantes com o marido, e Rachael Rosen, sua companheira de missão e mulher androide.

O enredo gira em torno dos dilemas que o protagonista passa durante sua missão, e ao mesmo tempo, mostra a atmosfera “cinzenta” e negativa que corrompe o planeta Terra. Portanto, é uma distopia; narrativa que causa aflição, mas que também sincroniza o desconforto com a meditação sobre os problemas gerais que temos hoje.

A narrativa se inicia com Rick Deckard acordando com sua esposa, Iran, que, a todo momento, parece muito irritada e descontente, além de fazer severos julgamentos à profissão do marido. No mundo futurista há máquinas que estimulam sensações e sentimentos nas pessoas, como se elas precisassem disso, para não sucumbir à desesperança.

Rick Deckard tem uma profissão um tanto peculiar: é um “caçador de androides”, cuja missão é “aposentar” os últimos androides modelo Nexos 6, os modelos mais perfeitos já criados e que são altamente semelhantes aos espécimes humanos. Isso faz com que aposentá-los não se torne uma tarefa fácil, já que eliminar um ser humano por acidente implicaria em uma grande punição.

Iran, a esposa, não aprova a profissão do marido, pois sente pena dos androides “mortos” por Rick. Iran é uma mulher aparentemente deprimida e angustiada, pouco entusiasmada com o mundo em que vive. Ela se assemelha a um viciado em drogas, ao se conectar ao aparelho condicionador de emoções frequentemente, isto é, ela se mantém em uma vida superficial e pessimista.

Por outro lado, Deckard sonha em ganhar a tal recompensa para adquirir um animal de estimação. Os animais protegidos por humanos em suas casas representam status social, pois eram muito caros, razão pela qual nem todas as pessoas poderiam comprá-los. Apesar da crítica da esposa em relação à sua profissão, Deckard se engaja em uma missão bastante perigosa, pondo até mesmo a sua vida em risco.

Primeiramente, o caçador de andróides usa sua intuição e submete algumas pessoas ao teste na “escala Voigt- Kampff”, uma espécie de polígrafo conectado às pessoas e que classifica suas reações – tidas a partir uma lista de perguntas controversas a serem respondidas – a partir do movimento de ponteiros.

Dependendo do resultado do teste, o pesquisador definia se o indivíduo era um andróide ou uma pessoa. Entretanto, durante a narrativa, nem sempre foi possível utilizar a escala, pois os andróides se recusavam e ainda envolviam Rick em grandes problemas. Em um desses episódios, Rick foi ironicamente salvo por uma andróide que trabalha em uma grande companhia responsável por criar os modelos Nexus 6.

Ao longo da história, sempre é posto em destaque o caos ao redor do mundo, onde muitos seres humanos são obrigados a migrar para outros planetas, principalmente para a colônia no planeta Marte. O planeta Terra havia se tornado uma ameaça para a saúde humana, pois muitos haviam morrido em decorrência da Grande Guerra Mundial Terminus, e milhares ainda iriam morrer por causa de uma poeira radioativa resultante da guerra. Para alguns, não havia mais saída, pois nem mesmo eram considerados mais humanos, para outros, ficar na Terra significaria simplesmente permanecer em seu lar, apesar de todo o caos instalado.

#### 4.2.1 Mulheres andróides, mulheres humanas e o planeta Terra

*O caçador de andróides* (1968) apresenta um mundo futurista e altamente desenvolvido em termos de tecnologia. As pessoas possuem máquinas que controlam suas emoções, sendo possível programá-las para terem diversas sensações. Em uma discussão entre Rick e a esposa Iran, é mencionada uma dessas máquinas, “o órgão condicionador *Penfield*”, que através da discagem de códigos estimula humanos a terem diferentes sensações. No contexto da discussão, Iran comenta ter discado um código que a faz ficar depressiva por quase um dia inteiro, já que ela se sentiu muito incomodada com o fato de ter sido indiferente ao edifício vazio, pois muitas pessoas ou morreram, ou se mudaram para Marte, dada a situação deplorável do planeta Terra. Rick fica muito irritado com a atitude dela e tenta convencê-la a não agir, afinal, esse não parece ser o propósito da máquina, embora ela explique o porquê de sua atitude, conforme o fragmento a seguir:

Deixara que essa informação permanecesse num segundo plano; como a maioria das pessoas, não queria verificá-la diretamente – Naquele momento – continuou

Iran –, quando desliguei o som da TV, eu estava num estado de espírito 382. Acabava justamente de discar isso. De modo que, embora intelectualmente eu ouvisse o vazio, não o sentia. Minha primeira reação foi de agradecimento, porque a gente podia comprar um órgão condicionador Penfield, mas depois, compreendi como isso era doentio, sentir a ausência de vida, não só neste prédio, mas em toda parte, e não reagir, compreende? Acho que não. Mas isso era, antes, considerado como sintoma de doença mental, chamavam a isso de “ausência do afeto apropriado”. (DICK, 1968, p. 5-6)

Nesta passagem, observamos que, de fato, deve ser difícil para qualquer pessoa diferenciar humanos e andróides, já que os próprios seres humanos não se sentem como humanos, uma vez que precisam de uma máquina que regule suas emoções. Ao experimentar a “ausência humana”, Iran se sentiu angustiada, pois não sabia mais como era sentir solidão e todos os sentimentos negativos que perpassam por um ser normal. Então, ela resolveu que, ainda que por meio do aparelho, deveria se sentir deprimida diante do mundo em que vivia, por menor que fosse esse sentimento.

Na perspectiva do ecofeminismo, as mulheres possuem uma sensibilidade maior para com a natureza, por isso são próximas a ela. Essa similaridade, algumas vezes, atribui um aspecto negativo para o sexo feminino, pois, assim como natureza, a mulher pode ser considerada um ser selvagem e menos “racional”. No entanto, por uma perspectiva mais otimista, a sensibilidade interpretada como uma característica negativa pode vir a ser uma ferramenta de mudança. Iran resolveu, por um momento, refletir sobre a situação terrível de seu planeta e, ao contrário de Rick, ela não queria se distanciar de sua “humanidade”, mesmo que para isso sacrificasse sua satisfação emocional, artificialmente construída através da tecnologia. O trecho a seguir demonstra essa reflexão mais profunda que a personagem teve a esse respeito:

Assim, deixei desligado o som da TV, sentei-me ao meu órgão e fiz uns experimentos. Finalmente, descobri uma combinação para desespero. – Seu rosto moreno, animado, mostrou satisfação, como se ela houvesse realizado alguma coisa de valor. – De modo que coloquei isso em minha programação duas vezes por mês. Acho que é um período razoável de tempo para a gente se sentir impotente a respeito de tudo, de ficar aqui na Terra, depois que toda a gente sabida emigrou. (DICK, 1968, p. 6)

Ficar na Terra poderia significar a morte, em razão da poeira nuclear que se espalhava no ar e ia matando as pessoas aos poucos ou as deformando, a ponto de não serem mais consideradas humanas, ou “úteis”, já que não podiam mais procriar e dar continuidade à civilização humana. No próximo recorte, presenciaremos as dificuldades

sofridas por essas pessoas que vivem em um ambiente pouco natural e hostil para a saúde humana, com o intuito de discutir a questão ecológica tratada na obra.

O legado da guerra mundial terminus perdera algo de sua potência; os que não puderam sobreviver à poeira estavam mortos há muito tempo e ela, mais fraca agora e enfrentando sobreviventes mais fortes, apenas desequilibrava mentes e propriedades genéticas. (DICK, 1968, p. 8)

A teoria ecofeminista leva em conta a influência das religiões nas práticas antiecológicas do ser humano, pondo em evidência o fato de que assim como o homem se vê superior aos elementos naturais e aos animais, ele também se empenha em subverter a mulher à sua vontade. Ruether (2005, p. 45) discorre sobre o forte antropocentrismo na religião cristã:

Specifically the passage in Genesis 1:26, ‘Let us create man in our image, after our likeness and let them have dominion over the fish of the sea and over the birds of the air and over the cattle and over the earth’, was the source of a claim to unbridled mastery of humanity over nature that is the root of the ecological crises.<sup>22</sup>

Esse pensamento teve um papel importante na geração de um sentimento de indiferença para com a natureza, e pode ter causado a crise ecológica que vivemos hoje. Para a teoria ecofeminista, certas ideologias, como a descrita na citação acima, precisam ser modificadas. O planeta poderá ser preservado a partir do momento em que as mulheres possam ser ouvidas, pois o sentimento de superioridade do homem diante de muitas coisas acarreta muitas consequências negativas para a humanidade.

As distopias, como já dito, não apenas narram histórias futurísticas, mas apresentam os problemas do presente e os possíveis resultados catastróficos que eles possam gerar. Tais resultados marcam também as relações pessoais que se mostram superficiais ou inexistentes. Na citação a seguir, notamos a prepotência de Rick com relação à esposa:

Muito bem, desisto. Vou discar. Tudo o que você quiser que eu faça, felicidade sexual extática... Eu me sinto tão mal que suporto mesmo isso. Droga. Que diferença isso faz?

---

<sup>22</sup> Especificamente a passagem em Gênesis 1:26, ‘Vamos criar o homem à nossa imagem, à nossa semelhança e deixá-los ter domínio sobre os peixes do mar e sobre as aves do ar e sobre o gado e sobre a terra’, foi a fonte de uma reivindicação ao domínio desenfreado da humanidade sobre a natureza que é a raiz da crise ecológica. [Tradução nossa]

— Eu disco para nós dois — ofereceu-se Rick e levou-a para o quarto. Ao consolo da esposa, discou 594, o satisfeito reconhecimento da sabedoria superior do marido em todas as coisas. (DICK, 1968, p. 7)

Após uma longa discussão com o marido, Iran acaba por ser vencida pela insistência dele em decidir por ela, até mesmo em controlar suas emoções. Notamos uma típica situação em que o marido é o guardião e provedor da esposa, e, portanto, se sente no direito de persuadi-la a fazer sua vontade. Assim, em um mundo caótico e superficial, onde quase não há mais vida natural, buscamos a premissa do ecofeminismo em que:

[...] the ideology which authorizes oppressions such as those based on race, class, gender, sexuality, physical abilities, and species is the same ideology which sanctions the oppression of nature.<sup>23</sup>(GAARD et al., 1993, p. 1)

É perceptível que o planeta, na obra de Dick, encontra-se em condições deploráveis em razão de uma sociedade que se sentia e se sente superior à natureza, da qual, na verdade, necessita vitalmente. Essa ideologia de opressão e domínio da natureza também se faz presente na relação homem e mulher. Essas relações estão diretamente ligadas e podem ser a causa de tantos infortúnios gerados pela devastação do meio ambiente.

Outra personagem feminina muito importante na obra é Rachael Rosen, classificada como uma androide Nexos 6, isto é, uma androide construída para se parecer infinitamente igual a um ser humano.

Mais uma vez, retomando a ideia de que as distopias não retratam apenas um cenário futurístico, na obra de Dick elas representam a realidade vigente. Mesmo em um suposto futuro evoluído, as mulheres continuam sem ter a liberdade de decidir sobre muitas coisas, como por exemplo, seu próprio corpo;

— Você é engravidada — continuou Rick — por um homem que prometeu casar com você. O homem vai embora com outra mulher, sua melhor amiga. Você faz um aborto e...

— Eu nunca faria um aborto — retrucou Rachael — De qualquer modo, não posso. Significa prisão perpétua e a polícia anda sempre vigilante. — Desta vez, ambos os ponteiros saltaram violentos para o vermelho. (DICK, 1968, p. 30)

---

<sup>23</sup> Ecofeminismo é a teoria que tem envolvido vários campos de investigação e ativismo feminista: movimentos da paz, movimentos relacionados ao trabalho, cuidado e saúde da mulher, e movimentos antinucleares, ambientais e liberação de animais. Adentrando na percepção de ecologia, feminismo e socialismo, a premissa básica do ecofeminismo é que a ideologia que autoriza opressões como aquelas baseadas em raça, classe, gênero, sexualidade, habilidades físicas e espécies é a mesma ideologia que sanciona a opressão da natureza. [Tradução nossa]

É importante ressaltar que se trata de uma obra que, ao que tudo indica, tenta alertar para as adversidades que a civilização humana irá enfrentar ou já enfrenta. Muitas vertentes do movimento feminista incluem em suas pautas a questão da liberdade de escolha da mulher de ser mãe ou não. No Brasil, por exemplo, há algumas exceções de liberação do aborto, como em casos de estupro. Já em outros países, como a Irlanda, o aborto somente é possível em último caso. Renata Martins (2017)<sup>24</sup>, responsável por uma matéria sobre o assunto em um site de notícias, ressalta:

Segundo a Anistia Internacional, o país tem uma das leis de aborto mais restritivas do mundo, sendo considerado pela organização injusto e intolerante em relação às mulheres. O aborto é permitido somente em caso de risco à vida da gestante. Há casos documentados pela Anistia em que o aborto foi negado a mulheres cujos fetos já estavam mortos em seus ventres; obrigando-as a prosseguir com a gravidez durante meses. O aborto ilegal pode render uma pena de até 14 anos de prisão.

Sendo assim, o autor de *O caçador de Androides* (1968) talvez estivesse manifestando uma crítica à legislação de proibição do aborto, visto que, toda a sua obra configura críticas às ações humanas, não somente com relação a destruição do planeta, mas também em relação às regras político-sociais regidas pelo governo. Tolher a liberdade das mulheres aparenta ser um aspecto negativo dessa sociedade que vive de ruínas, tecnologia avançada e quase nenhuma liberdade. Isso demonstra que a sociedade representada na obra de Dick é orientada pelo patriarcalismo, onde os homens possuem direitos a tudo, enquanto as mulheres, não. Acerca dessa desigualdade, as pesquisadoras Lorena Lúcia Monteiro e Livia Freire Silva tratam das divisões de trabalho:

Engels e Marx se referem à relação homem/mulher como a primeira divisão do trabalho já feita, a primeira opressão de classes, com a opressão do sexo feminino pelo masculino. Diz ainda que esse período dura até nossos dias(...). (MONTEIRO, SILVA, 2018, p.3)

É problemática essa percepção de que esse primeiro princípio de opressão do ser feminino ainda perdure. Mesmo considerando que muitas mudanças já aconteceram através da luta das mulheres por seus direitos, ainda há muito o que se refletir e discutir para converter essas divisões de trabalho em condições igualitárias.

---

<sup>24</sup> No site <https://www.dw.com/pt-br/a-legisla%C3%A7%C3%A3o-sobre-aborto-no-mundo/a-414140716> possível encontrar a matéria sobre a legislação do aborto na Irlanda e em outros países.

Outro ponto a ser destacado na obra, que se adequa perfeitamente à teoria ecofeminista, é a exploração dos animais. Os animais fazem parte da dominação humana e assim como as mulheres, eles pertencem a uma categoria inferior na lógica patriarcal.

A população que permanece no planeta vive enclausurada em cidades decadentes e vazias, envenenada pela radiação que danifica seus genes. A maioria dos animais foi extinta e possuir um deles é uma prova distinta da empatia humana, mas principalmente é um símbolo de status. Quanto mais raro o animal, maior o status do proprietário. Pessoas que não podem pagar por um animal de verdade compram animais sintéticos. (DICK, 1968, p. 2)

Percebe-se que a extinção animal se deu pela radiação produzida nas guerras. Consequentemente, os homens tentam, de certa forma, sanar tal problema, responsabilizando-se pelos animais que restaram. Em contrapartida, a comercialização desses animais gerou uma obsessão por parte da população que detinha maior poder aquisitivo. Os animais eram vendidos em um catálogo e vistos como objetos de grande valor, pois quanto mais animais uma pessoa possuía, mais status poderia ter. Sobre isso, Monteiro e Silva discorrem:

A crueldade com os animais é algo perceptível dentro das relações sociais na sociedade nativa e na nossa. A base econômica de nossa sociedade é de exploração, seja ela de indivíduo para indivíduo, como correu no Brasil como colônia de extração, até os dias de hoje, ou a exploração animal. As relações de exploração não permanecem estagnadas, sempre tem que ser revigoradas de alguma forma, o capitalismo tem que se adequar para suprir as necessidades humanas. O que se pretende dizer aqui, é até onde essas necessidades são usadas como ética e respeito aos demais. (MONTEIRO, SILVA, 2018)

Os personagens da obra de Dick, aparentemente acreditam estar reparando seus erros que causaram a extinção dos animais. No entanto, estão apenas tentando se livrar da culpa, saciando apenas suas “necessidades humanas”.

O planeta Terra do futuro descrito por Philip K. Dick é um lugar onde as pessoas se tornam cada vez mais solitárias, vivendo em redes sociais virtuais sem nenhuma interação real. A tecnologia é renovada todos os dias, graças a fábricas que poluem o ar e os rios, tornando a vida natural cada vez mais insustentável.

#### 4.2.2 Lugar sem Lugaridade em *O Caçador de Androides*

O conceito de lugar para a geografia é também um dos importantes pontos de partida para o estudo ora realizado. Werther Holzer (1998, p. 76), afirma que “lugares

possuem personalidades”, e elas variam de acordo com o contexto. Por exemplo: se uma pessoa mora em Fortaleza, tem uma visão diferente de alguém que é apenas um visitante; o primeiro pode conhecer mais detidamente as qualidades e os defeitos da cidade, ao passo que o segundo pode ter percebido apenas superficialmente esses detalhes.

Além disso, a “personalidade” está relacionada diretamente ao tipo de experiência que a pessoa teve com determinado lugar. Portanto, um lugar se torna sem lugaridade quando as experiências do ser humano nesse espaço não foram boas, ou tal ambiente é considerado estranho quando comparado ao lugar de origem do outro.

Em *O caçador de Androides* (1968), de Philip K. Dick, percebe-se essa relação entre o lugar e o ser humano quando se constata que os habitantes do planeta possuem uma escolha de não mais viver na Terra e de ter uma nova vida em Marte, pois o ar da Terra era daninho para a saúde humana em decorrência das grandes radiações e da poluição extrema oriunda da guerra.

Rick Deckard, o protagonista da obra, teria essa escolha, mas aparentemente possuía uma grande missão no local que trabalha e que o faria ganhar um prêmio em dinheiro que lhe permitiria comprar um animal de estimação de verdade. Deckard ainda considerava o planeta Terra um lar, pois mesmo em meio a tanta poluição, ainda sonhava em ter um animal de estimação para cuidar junto da esposa, em sua casa na Terra, como mostra o trecho a seguir:

Deixava, na verdade, de fazer parte da humanidade. Ainda assim, aqui e ali, pessoas recusavam-se a emigrar. Isto, mesmo para os indivíduos envolvidos, constituía uma irracionalidade que confundia. Logicamente, todos os regulares já deviam ter emigrado. Talvez, deformada como estava, a Terra continuasse familiar, uma coisa à qual se apegar. Ou, possivelmente, o não-emigrante pensava que o toldo de poeira acabaria finalmente por se esgotar. (DICK, 2014, p. 13)

Percebe-se claramente uma relação topofílica entre Deckard e o planeta Terra. Segundo Tuan “o meio ambiente pode não ser a causa direta da topofilia, mas fornece o estímulo sensorial que, ao agir como imagem percebida, dá forma às nossas alegrias e ideais” (TUAN, 1980, p. 129). O fragmento acima trata de “Terra familiar”; a geografia humanista se encarrega de discutir pequenos espaços que podem significar diferentes emoções para diferentes grupos. Na obra de Dick, essa perspectiva de lugar se manifesta através de uma percepção global, já que, de uma forma distópica, perderíamos o nosso planeta e teríamos a opção quase que obrigatória de morar em um novo pedaço do universo.

A geografia humanista faz uma reflexão bastante pertinente sobre o fato de as pessoas serem forçadas a sair de sua nação por motivos econômicos ou socioculturais. Se isso já traz grandes dilemas, questiona-se o quão seria traumática uma emigração planetária. Neste sentido, Edward Relph (2014, p. 21) destaca os aspectos de lugar que aparecem em diferentes discursões com o objetivo de que a reunião de todos eles possa embasar uma ou mais teorias válidas sobre lugar. Ele introduz esses aspectos fazendo primeiramente a distinção entre *lugar* e *lugares*. Segundo ele:

(...) geografia como estudo de lugares se refere a descrição e comparação de diferentes partes específicas do mundo; geografia como estudo de lugar baseia-se (e ao mesmo tempo transcende), naquelas observações particulares para esclarecer as maneiras como os seres humanos se relacionam com o mundo. (RELPH, 2014, p. 22)

Considerando a situação distópica da sociedade retratada na obra de Dick (1968) e utilizando como base dois aspectos de lugar descritos por Relph. (2014, p. 22), é pertinente afirmar que o aspecto que mais se assemelha à situação da sociedade na obra de Dick é o *lugar como reunião*; este aspecto refere-se a uma identidade que construímos, conforme o lugar em que estamos.

Relph (2014, p. 22) cita como exemplo a cidade do Rio de Janeiro, onde as pessoas construíram sua identidade, agruparam características, qualidades, experimentações e tudo que possa ter significados em comum para aquela comunidade, fazendo com que essas pessoas se “reúnam” física e espiritualmente neste local. Um lugar que não reúna pessoas e experiências não é considerado, portanto, lugar. Na citação de Dick, observa-se a mesma situação:

De qualquer modo, permaneceram milhares de indivíduos, a maioria aglomerada em áreas urbanas, onde podiam mutuamente se ver, se animar com a presença mútua. Estes pareciam ser os relativamente sensatos. (DICK, 2014, p. 13)

*O caçador de Androides* (1968) retrata esse sentimento das pessoas que vivem na Terra, mesmo sabendo que podem morrer pela grande quantidade de gases nocivos e descartam a oportunidade de migrar para um lugar diferente, ou seja, preferem ficar onde é o seu *lugar de reunião*. Marte, que é o planeta para onde muitos já migraram, seria possivelmente um *lugar sem lugaridade* e *não lugar*. *Lugar sem lugaridade*, então, seria o oposto de *lugar de reunião*, pois “sempre que a capacidade do lugar de promover a

reunião é fraca ou inexistente, temos não-lugares ou lugares-sem-lugaridade”. (RELPH, 2014, p. 25)

*O caçador de Androides* (1968) nos leva, ainda, a refletir sobre como o lugar geográfico em que vivemos pode ser tão “espiritual”. Nessa perspectiva, resgatar o relacionamento que o homem tem com o seu planeta é primordial para que haja mudanças; exatamente o que a teoria ecofeminista tem como propósito.

#### **4.3 *Umbra e o Caçador de Androides*, convergências e divergências: a essência das distopias**

Neste tópico, serão discutidas similaridades e diferenças entre *Umbra* (1977) e *O caçador de Androides* (1968), levando em consideração vários aspectos já abordados anteriormente, como a degradação da natureza, governos totalitários e outros aspectos que caracterizam uma distopia.

Como dito anteriormente, o conceito de distopia surgiu antes mesmo de se ter um termo para nomear literatura desse gênero. As utopias soavam pretenciosas demais para descrever um futuro para humanidade, que seguia cometendo erros catastróficos. A realidade vigente era excessivamente decepcionante para crer em mudanças radicais quase milagrosas em um futuro não muito longínquo. Assim, as distopias surgiram com o intuito de desmistificar o futuro glorioso que a humanidade esperava e demonstrar o destino sombrio que as ações humanas do presente poderiam gerar.

Nesse viés, o conceito apresentado por Araújo (2018) dialoga com o universo literário das distopias ora apresentadas:

[...] as distopias podem ser conceituadas como narrativas especulativas, cujos cenários futurísticos apresentam sociedades, aparentemente perfeitas, moldadas pelo discurso manipulador de seus governantes, onde o progresso é fator essencial e necessário para a harmonia do homem com o espaço onde habita. Neste sentido, vive-se o presente sem questionar o passado e o futuro será sempre um espelho do presente, perpetuado pelo discurso de opressão. (ARAÚJO, 2018, p 05)

A narrativa de *Umbra* (1977) contempla um passado e um presente, pois descreve como a humanidade chegou a viver em um ambiente distópico e mostra os resultados das suas ações no presente. A obra de Cabral (1977) sugere que a grande evolução tecnológica, a poluição e a descaracterização de todo um lugar foi o que gerou tanta destruição. O

narrador aponta que existe uma “cidade morta” que engole tudo que vê pela frente e que foi construída nos moldes do progresso. Dada a padronização que se tem hoje nas cidades, com pessoas cada vez menos preocupadas em preservar lugares importantes, a suposta modernidade transformou cidades em espaços degradantes, personificados como

“monstros”, como mostra o trecho a seguir:

Crestava a terra, empestava os ares. Exalava mau cheiro, mergulhada em fezes e urina. Expandia-se e ao mesmo tempo, comprimia, apertava, empilhando corpos sobre corpos. Sucediã-se os cubículos, lado a lado, por distâncias incomensuráveis, até a vista perder-se. Depois, sobrepunham-se: cubículo sobre cubículo, formando andares que subiam ao fim dos céus. (CABRAL, 1977, p. 23)

Esse cenário de destruição também é evidente em *O Caçador de Andróides*. A Terra não é mais um planeta capaz de suprir as necessidades do homem, ao contrário, é um ambiente hostil e ameaçador:

Potencialmente, continuar na Terra significava o indivíduo, de repente, ver-se classificado como biologicamente inaceitável, uma ameaça à hereditariedade cristalina da raça. Uma vez classificado como especial, o cidadão, mesmo que aceitasse a esterilização, desaparecia da história. Deixava, na verdade, de fazer parte da humanidade. (DICK, 2014, p. 13)

Em ambas as obras, o processo tecnológico transformou o habitat natural do homem em um lugar inabitável. Nesse sentido, Relph (2014) diz que o lugar é algo que precisa ter significado para a vida humana; se alguém se sente seguro, feliz e parte de um lugar, conseqüentemente esse lugar terá grande importância. Contudo, ironicamente, tanto na *Fábrica*, de Cabral, quanto em *Marte*, de Dick, o ambiente artificial fazia com que as pessoas se sentissem mais seguras que em seus habitats.

Emblemática também é a imagem da cidade que devora, nas duas obras analisadas. Assim como Dick, Cabral descreve a cidade como um lugar horrendo, nada acolhedor e de pouco valor para seus habitantes:

Andava sempre. E continuava a crescer. E a exigir mais. A ela se ofereciam, diariamente, grandes sacrifícios. Cedo, o sol anda longe, corriam todos tresloucados, deixando os cubículos, atropelando-se no desespero de chegar. Aonde? Ninguém sabia. Um lugar, um ponto qualquer, outro cubículo, o trabalho, o retorno – e aquele cansaço enorme. E gritavam todos. E rugiam. Ela era doente. Eles eram doentes. Apegavam-se com desespero, à própria doença, buscando salvar-se na loucura comum. (CABRAL, 1977, p. 24)

As palavras “gritos”, “rugidos”, “loucura” sugerem que não há um sentimento de pertencimento àquele lugar, mas uma topofobia completa; o lugar que deveria acolhê-los, os devora. O crítico Gary K. Worfe (1979), nessa perspectiva, traz uma importante contribuição ao apontar que:

[...] Cidades que outrora foram organizações sociais para promover a proteção do indivíduo contra um ambiente hostil e caótico devem agora investir mais e mais de seus recursos para a proteção do indivíduo contra o ambiente hostil e caótico em que a própria cidade se tornou. As visões inocentes do passado se tornaram armadilhas do presente, e é tentador culpar os visionários... (WORFE, 1979, p. 87)

Sobre o assunto, Relph (2014) comenta que a extirpação de lugares que antes possuíam uma história para pôr em seus lugares paisagens estandardizadas é a causa de uma indiferença para com a importância do *lugar*. Isso, de certo modo, torna a humanidade menos “humana”.

O edifício impressionava-o: grande e moderno, possuía um bom número de empregados puramente burocráticos, de alta classe. Os grossos carpetes, as caras escrivaninhas de madeira autêntica, lembraram-lhe que a coleta e remoção de lixo tornara-se, desde a guerra, uma das mais importantes indústrias da Terra. O planeta inteiro começava a transformar-se em sucata e mantê-lo habitável para a população restante exigia que o lixo fosse ocasionalmente tirado do caminho... ou, como Buster Amigão gostava de dizer, a Terra morreria sob uma camada — não de poeira radiativa — mas de entulho. (DICK, 1968, p. 49)

No trecho acima, observa-se que a presença de edifícios grandes e modernos foi possivelmente contrastada propositalmente com a situação problemática da grande produção de lixo no planeta. Imagina-se que “a camada de entulho” seja o preço alto que as cidades tiveram de pagar pela modernização, visto que quanto mais “moderna”, mais consumo, e quanto mais consumo, mais descarte de lixo diário.

A teoria ecofeminista e os estudos de lugar têm em comum a mesma reflexão acerca dos problemas supracitados, tais como o crescimento desenfreado das cidades, que refletem na perda da identidade das pessoas que possuem relação com determinados lugares, na inquietação oriunda da geografia humanista, além da poluição e degradação do meio ambiente, que decorrem da falta de preocupação com o desenvolvimento sustentável.

Um importante elemento de convergência entre as obras estudadas é a falta de individualidade ou subjetividade de seus personagens. Em *Umbra* (1977), os personagens

da narrativa, em sua maioria, não possuem nomes ou personalidade. A quebra do individualismo, assim como o vazio de memória são características de algumas distopias.

De acordo com o pesquisador Chintan Ambalal Mahida (2011, p. 2), as características entre a maioria das distopias são:

- (1) A hierarchical society where divisions between the upper, middle and lower classes are definitive and unbreakable (Caste system).
- (2) The propaganda and the educational system have the purpose of preserving the Caste system.
- (3) The cancellation of individuality.
- (4) The presence of symbols presented as commandments of a religious faith, that at the same time summarize and hide the aims of the state.
- (5) The constant surveillance by state police agencies.
- (6) Back story of a disaster that justifies the dramatic social changes.
- (7) A protagonist that doubts of the society.
- (8) More advanced technologies. <sup>25</sup>(MAHIDA, 2011, p. 2)

Nas sociedades descritas por Dick e Cabral, é possível ver o poder e vigilância das agências de polícia, principalmente na testagem das pessoas, para saber se já se tornaram geneticamente modificadas a ponto de não servirem mais como “humanas”. Além disso, também a sociedade é fragmentada em castas, como acima mencionado, já que existem os seres humanos saudáveis, os especiais e os andróides, que acabam também marginalizados nessa estrutura social.

Para si mesmo, pensou amargamente John Isidore: e para mim, também, sem eu ter que emigrar. Era um especial há mais de um ano, e não apenas no tocante aos genes deformados de que era portador. Pior ainda, não conseguira passar no teste de faculdades mentais mínimas, o que o tornava em linguajar popular, um debilóide. Sobre ele descia o desprezo de três planetas. (DICK, 1968, p. 14)

Na citação anterior se observa que havia uma população marginalizada; as pessoas com genes deteriorados não tinham escolha entre morar na Terra ou não. Os exames ficam a cargo do departamento de polícia, o que evidencia o grande poder dessas agências, que efetivamente são vigilantes das pessoas. Em *Umbra*, os indivíduos também são controlados e vigiados, vivem presos a uma rotina que inclui “toque de recolher”.

Quando, na tela, aparecia um número, seu portador caminhava para o Centro: sabia perfeitamente o que fazer: uma unidade simples de trabalho, outra unidade simples de alimentos. Fora sempre assim, desde os tempos. À noite, ligavam-se os circuitos automáticos, fechando os portões. A Fábrica protegia-se. (CABRAL, 1977, p. 10)

- <sup>25</sup>(1) Uma sociedade hierárquica onde as divisões entre o meio superior e classes mais baixas são definitivas e inquebráveis (sistema de castas).
- (2) A propaganda e o sistema educacional têm a propósito de preservar o sistema de castas.
- (3) O cancelamento da individualidade.
- (4) A presença de símbolos apresentados como mandamentos de uma fé religiosa, que ao mesmo tempo resume e esconde os objetivos do Estado.
- (5) A vigilância constante por agências policiais estaduais.
- (6) Voltar a história de um desastre que justifica a dramática social.
- (7) Um protagonista que duvida da sociedade.
- (8) Tecnologias mais avançadas. [Tradução nossa]

A esse respeito, o pesquisador Huai-Hsuan Huang (2017, p. 34) afirma que “when facing death, humans cannot keep their identity stable”<sup>25</sup>, ou seja, com a pressão de governos ou entidades detentoras de poder totalitário, as pessoas são coagidas a todo momento e o medo as impede de exercer sua individualidade e identidade, tornando-as, de fato, instáveis ou quase nulas diante do sistema.

Na décima lenda de *Umbra* (1977), intitulada “Os Reis do mundo contra Valderic”, observa-se a organização de um governo soberano, em que quatro pessoas se intitularam reis do mundo, líderes de um povo que aparentemente vivia sem liderança. Os reis ofereceram instrumentos melhores para obtenção de alimentos ao povo, alegando melhorias em suas vidas. Tudo era dividido em quatro parcelas, e a quarta pertenceria aos reis, pois ofereceram “tecnologia” que traria avanços para a vida comum. Era justo.

No entanto, os reis do mundo procriaram e tiveram filhos, e assim requisitaram o aumento da quarta parcela, pois seus filhos eram reis e mereciam ganhar também. Com o passar do tempo, os filhos dos filhos dos reis também tiveram filhos e pediram o aumento da quarta parcela. Consequentemente, a parcela já havia aumentado consideravelmente, contudo, o trabalho ainda era imenso, e isso fez com que o povo já não visse mais vantagem naquela forma de governar.

O povo queixava-se, comia menos, vivia mal. E murmurava. Era difícil entregar a parcela dos Reis. (...) Irritaram-se, então, os Reis com tanto atraso e voltaram-se contra o povo, ‘É preciso castigá-los’, diziam. E colocavam os faltosos nas fendas baixas da terra, onde a respiração era difícil. E os homens sofriam, contorcendo-se em dores, o pó entrando pelos pulmões. Tinham medo. (CABRAL, 1977, p. 71)

---

<sup>25</sup> “Quando os seres humanos encaram a morte não conseguem manter suas identidades estáveis”. [Tradução nossa]

Esse recorte descreve como o poder se constrói nos governos ditatoriais, assim como o que Plínio Cabral escreveu sobre a ditadura militar no Brasil. O medo das pessoas se torna sua maior fraqueza, a manipulação acontece de forma sutil, quando são oferecidos às pessoas meios que tornam a vida aparentemente mais fácil.

Daí as pessoas se tornavam endividados com aqueles reis que impunham suas próprias leis. Além disso, ao verem a insatisfação do povo, utilizavam-se do poder que detinham; um poder que oprime, castiga e que, conseqüentemente, é capaz de praticamente eliminar a subjetividade das pessoas, que vivem apenas para o trabalho e pouco ou quase nada recebem como recompensa.

Logicamente, esse tipo de ideologia não se aplica somente a governos ditatoriais, porque o detentor de poder tem, em si, um único objetivo: manipular e usufruir daquilo que está em seu domínio, de modo que quanto mais poder tiver, menos liberdade e qualidade de vida proporcionará ao povo.

One of the features in Dystopia might be related to this result: the illusion that the dystopia is, in fact, a perfect utopian world. What people expect to reach an ideal world is based on Humanity and Reason, which means this society should be well-ordered and well-organized. However, in order to maintain this stable social structure in real world, governors have to be oppressive or even totalitarian, then that is not what people expect to happen in Utopia. (HUANG, 2017, p. 37)<sup>26</sup>

De acordo com a passagem anterior, a sociedade tem uma imagem de perfeição que vai de encontro com os ideais de qualidade de vida que o ser humano deseja para si, pois se a organização da sociedade depende da entrega do poder ao governo, os governantes irão usufruir de seus plenos poderes para normalizar e regular tudo que está em seu poderio, ainda que isso custe a vida dos mais fracos e a humanidade se torne desumana.

Tal crítica também é notada na décima lenda:

‘ Nós temos a Lei.’ ‘Que Lei?’ Perguntaram.  
‘A Lei, que é quatro.’ ‘Para que serve?’ Interrogaram.

---

<sup>26</sup> Uma das características da distopia pode estar relacionada a esse resultado: a ilusão de que a distopia é, na verdade, um mundo utópico perfeito. O que as pessoas esperam para alcançar um mundo ideal é baseado na Humanidade e na Razão, o que significa que essa sociedade deve ser bem ordenada e bem organizada. No entanto, para manter essa estrutura social estável no mundo real, os governantes têm que ser opressivos ou até totalitários, então não é isso que as pessoas esperam que aconteça na Utopia. [Tradução nossa]

‘Para ordenar a vida.’ ‘Nossa vida assim é boa. Com ela estamos satisfeitos.’  
Insistiram os estranhos: ‘Com a ordenação em quatro será melhor, muito melhor.  
Nós somos os reis do mundo. Nós sabemos.’ (CABRAL, 1977, p. 70)

Isso também se verifica em *O Caçador de Androides* (1977), quando nota-se que a sociedade é regulada por lei, lei essa que determina quem é “normal” a partir de suas habilidades reprodutoras, e mesmo que isso signifique estar em um patamar maior nas classes sociais, a quantidade de filhos era controlada. “Até agora, exames médicos gerais, feitos mensalmente, diziam que ele estava bem: era um homem que podia reproduzir-se dentro das quotas estabelecidas pela lei” (DICK, 1968, p. 8) Isso se devia ao grande poder que o governo possuía, pois a todo momento na obra haviam regras extremistas, logo, o poderio dos governantes poderia ser considerado totalitário.

Apesar da ordenação da sociedade em *Umbra* (1977), as pessoas não ficaram felizes por muito tempo; elas buscavam uma vida tranquila e não pensavam em leis; produziam apenas o necessário para viver uma vida pacata. Portanto, possuir um governo significaria que alguém ditaria regras, que, dependendo das proporções, trariam insatisfação e revolta à população.

Por essa razão, os governos totalitários utilizam de meios poderosos para permanecerem no poder. A mídia, por exemplo, é um veículo de grande influência e difusão de notícias que nem sempre são verdadeiras e muitos governos, por exemplo, se estruturam com base na propagação de notícias falsas. Esta tendência é recorrente em distopias como *Brave New World* (1932), de Aldous Huxley e de *Nineteen Eighty-Four* (1949), dentre tantas outras.

I suggest that media and propaganda are two of the main methods governors manipulate people in this totalitarian society. The function of this program is to brainwash people’s mind that governors have the authority and power to destroy their lives even young children cannot be exempt. In this case, many people will not risk to put themselves in danger and eventually become governors’ slaves.<sup>27</sup>(HUANG, 2017, p. 35)

Nessas circunstâncias, é fácil se instalar um governo que mais traz malefícios do que benefícios para a população. Um governo totalitário, que detém o controle das

---

<sup>27</sup> Eu sugiro que a mídia e a propaganda são dois dos principais métodos que os governantes usam para manipular as pessoas nessa sociedade totalitária. A função desse programa é fazer uma lavagem cerebral na mente das pessoas para que elas acreditem que os governantes têm autoridade e poder para destruir suas vidas, até mesmo crianças pequenas não podem ser isentas. Neste caso, muitas pessoas não correrão o risco de se colocar em perigo e acabarem eventualmente se tornando escravas dos governantes. [Tradução nossa]

informações, é fundamental para conter revoltas de quem é da oposição. Por outro lado, as pessoas realmente acreditam que são frágeis e que por isso devem acatar a qualquer atrocidade ordenada pelo governo. Todavia, também é evidente que o governo perde força quando um grande movimento de oposição acontece. Por essa razão, pequenas revoltas tendem a ser abafadas pela mídia que manipula e ridiculariza a minoria que se levanta contra o governo.

Em *O caçador de Androides* (1968), o governo da Terra não era diferente, eles possuíam um canal de TV, onde se passavam as notícias aparentemente manipuladas. Além disso, o governo realizava o controle da classificação de pessoas, como especiais ou normais, pois somente os normais poderiam ir embora do planeta; os especiais, não. Outra característica do governo é que este parecia estar constantemente ligado aos departamentos policiais, que possuíam um grande poder na tomada de decisões.

John Isidore, o debilóide, era considerado especial e, portanto, não podia emigrar para Marte. Assim como ele, muitos viviam na mesma situação de opressão e subvida, onde até sua identidade de ser humano era questionada. As pessoas claramente viviam com medo de jamais sair da Terra, embora muitos preferissem realmente ficar.

- Lá na Terra, Sra. Klugman, nos velhos dias, a senhora também se preocupava com a possibilidade de ser classificada como especial?
- Oh, meu marido e eu quase morríamos de preocupação. Claro, logo que emigramos, a preocupação desapareceu, felizmente para sempre. (DICK, 1968, p. 14)

O canal do governo parecia provocar nas pessoas o interesse por deixar o planeta, e as amedrontava com testes que poderiam deixá-las fora da migração para Marte, além de as fazerem sofrer preconceito no seu próprio planeta, como acontece com John Isidore.

Tanto em *O caçador de androides* (1968) quanto em *Umbra* (1977), o ambiente é de opressão, seja pelo governo, seja pela própria população. As pessoas se sentem oprimidas, vivem com medo de serem classificadas como “debilóides”, e quem não é, acaba se tornando opressor também. A “normalidade”, então, torna-se também status, como se percebe no discurso da Sra. Klugman.

Em suma, são inúmeras as análises possíveis em obras distópicas. As características já mencionadas são bastante compartilhadas entre essas narrativas, que são a essência de uma distopia. Tais características revelam o que os autores criticam e denunciam na sociedade.

Esse trabalho vislumbrou várias dessas críticas, utilizando conhecimentos variados como âncora, sendo eles a perspectiva de lugar, na geografia humanista, a ecocrítica, o ecofeminismo, e os elementos distópicos em comum com outras distopias, a fim de trazer à tona reflexões acerca da situação caótica em que a sociedade vive e tentar buscar soluções para tais problemas.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em termos gerais, é significativo e pertinente o diálogo entre a literatura e outras disciplinas, como a geografia humanista, pois isso viabiliza uma reflexão mais ampla sobre aspectos sociais da vida humana que necessitam de ponderação. A função da literatura, além de tantas outras, é instigar e gerar reflexões sobre os problemas sociais, sendo estes o principal alvo das distopias. Portanto, estabelecer conexões entre a perspectiva de lugar, o ecofeminismo e as distopias pode motivar a ocorrência de muitos debates e discussões frutíferas no meio acadêmico.

As obras analisadas neste estudo possibilitam reflexões atuais que dialogam com as discussões levantadas não apenas no ambiente acadêmico, mas também no meio político e econômico, haja vista seu caráter interdisciplinar e universal. Portanto, tratar das transformações e mudanças sociais oriundas do processo de modernização tecnológica requer uma visão ampliada da relação entre homem e ambiente, o que nos faz ver na literatura uma vertente propícia para observações de caráter social, pois ainda que seja subjetiva e ficcional, retrata a realidade e, desse modo, provoca questionamentos, e por vezes, desconforto e inquietações.

Nesse viés, as distopias correspondem a um retrato perfeito da função literária, pois o intuito principal das obras distópicas é elucidar as possíveis sequelas futuras geradas a partir de problemas atuais, por meio de narrativas que envolvem elementos ficcionais advindos da ficção científica e fatos da realidade atual.

Um dos principais pontos que analisados nas obras *Umbral* (1977) e *O caçador de Androides* (1968) foi a questão ecológica, atualmente considerada uma das maiores adversidades para o ser humano a nível global. Acerca desse impasse, é sabido que há uma

quantidade expressiva de filmes e livros publicados, uma vez que o tema trata da sobrevivência humana.

Em razão da escolha por trabalhar particularmente com essa abordagem, a Ecocrítica se tornou imprescindível na análise das duas obras e, em conjunto com a perspectiva de lugar, foi possível compreender o pensamento dos autores acerca do universo por eles imaginado; um universo onde a natureza ou está completamente apagada, o que se reflete na personalidade confusa e deprimida dos personagens, ou ela aparece como punidora, lançando mão de vingança para castigar a humanidade que a usou e a maltratou sem precedentes.

A respeito deste item, também se fez uma análise da semelhança entre mulher e natureza, já que as duas desenvolvem uma característica que lhes foi atribuída pela sociedade patriarcal: a servidão. Natureza e mulher são instrumento de transição para a sociedade moderna; não possuem nem voz, nem participação efetiva nas decisões universais. Considerando tal fato, a teoria ecofeminista é indispensável no tratamento das injustiças tanto com as mulheres quanto com a natureza, visto que ambas são justificadas por discursos que, como dito anteriormente, as classificam como servis, em outros termos, meras ferramentas para a humanidade seguir seu curso.

As obras analisadas em consonância com as teorias mencionadas apenas esclarecem ou impelem seus leitores a perceberem que a realidade deve ser questionada, uma vez que as distopias provocam desalento e aflição, a fim de mostrar os erros cometidos pela humanidade, e também as soluções.

Sabemos que imensas catástrofes ambientais são consequência da ação do homem na natureza, embora saibamos que tais catástrofes pudessem ser evitadas, caso a população conhecesse as decisões de como usar os recursos naturais. No entanto, as medidas tomadas são aquelas que beneficiam apenas um grupo isolado de pessoas; aquelas que são as detentoras do poder e fazem uso deste para manipular os meios de comunicação e confundir as pessoas, deixando-as vulneráveis à realidade cruel.

Outra constatação, feita com o desdobramento dessa dissertação, mas não menos importante, foi perceber os ganhos decorrentes das semelhanças existentes entre o ser feminino e o meio ambiente, o que antes era visto de modo negativo. E mais: se a sensibilidade feminina é um atributo que faz da mulher um “ser menos racional”, e se os indicadores de que a razão excessiva foi a responsável por levar o planeta a este caminho nefasto de destruição e extinção, buscar a sensibilidade humana e retornar às raízes dos

povos nativos talvez conduza a um novo caminho, que seja um caminho de preservação dos bens naturais e, conseqüentemente, da humanidade.

A sensibilidade, a valorização das experiências e o relacionamento mais íntimos do ser humano com o seu lugar de origem (meio ambiente e animais) faz com que o homem se veja como parte de um todo. Daí, quebrar o paradigma de que o homem é “proprietário” da natureza, e da mulher, em meandros da sociedade patriarcal, parece ser uma solução cabível em meio aos terrores que vive e poderá viver a humanidade.

Estudar literatura, destarte, enriquece o conhecimento humano e, academicamente, abre caminhos para novas teorias, já que novos conhecimentos, ainda que imbuídos de subjetividade, em algum momento produzem ações concretas e efetivas em prol do bem-estar da sociedade.

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Adriana. *Espectros da ficção científica – a herança sobrenatural do gótico no cyberpunk*. 2008. Disponível em: <[http://www.bocc.ubi.pt/\\_esp/autor.php?codautor=768](http://www.bocc.ubi.pt/_esp/autor.php?codautor=768)>. Acesso em: 07 mai. 2018.
- ARAÚJO, Naiara Sales. Ficção Científica E Distopia: Considerações acerca da Cidade e do Corpo em *Umbral* (1977) e *Asilo nas Torres* (1979). *Afluente: Revista de Letras e Linguística*. v. 3, n. 7, jan./abr. 2018.
- \_\_\_\_\_. *Brazilian Science Fiction and the Colonial Legacy*. São Luís: Edufma, 2014.
- BALDESSIN, Marcell Giglioli Stoppa. *A ficção científica como derivação da utopia: “a inteligência artificial”*. 2006. Dissertação (Mestrado) - Curso de História e Teoria Literária, Unicamp, Campinas.
- BERTONI, Estêvão. Plínio Cabral (1926-2011): “Foi jornalista, escritor e jurista”. 2011. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/cotidian/ff1809201115.htm>>. Acesso em: 23 mai. 2018.
- BUCKINGHAM, Susan. Ecofeminism in the twenty-first century. *The Geographical Journal*, [s.l.], v. 170, n. 2, p.146-154, 23 jun. 2002. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1111/j.0016-7398.2004.00116.x>>. Acesso em: 23 mai. 2018.
- CABRAL, Plínio. *Umbral*. São Paulo: Summus Editorial, 1977.
- CANDIDO, Antonio. *Literatura e Sociedade*. Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2006.
- CHIZZOTTI, Antonio. *Pesquisa em ciências humanas e sociais*. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1995. Congresso latino-americano de gênero e religião, 2017, São Leopoldo. *Anais do Congresso Latino-Americano de Gênero e Religião*. São Leopoldo: Est, 2017. 10 p. Disponível em: <<http://anais.est.edu.br/index.php/genero>>. Acesso em: 16 mai. 2018.
- DENNIS, Benoît. *Literatura e Engajamento: De Pascal a Sartre*. Bauru: Edusc, 2002.
- DICK, Philip K. *O caçador de Androides*. Estados Unidos: Aleph, 1968.
- DUTRA, Daniel Iturvides. Ficção científica brasileira: um gênero invisível. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p.222-232, dez. 2009.
- FIGUEIREDO, Carolina Dantas de. Da utopia à distopia: política e liberdade. *Eutomia: Revista de Literatura e Linguística*, Pernambuco, v. 01, n. 03, p.324-362, jul. 2009.
- FIGURELLI, Roberto. Sartre e a literatura engajada. *Revista Letras*, [s.l.], v. 36, p.89-111. Universidade Federal do Paraná, 2010. Disponível em:

<<http://dx.doi.org/10.5380/rel.v36i0.19255>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

GAARD, Greta et al (Ed.). *Ecofeminism: "women, animais, nature"*. Filadélfia: Temple University Press, 1993.

GEBARA, Ivone. *Teologia Ecofeminista: "Ensaio para repensar o Conhecimento e a Religião"*. São Leopoldo: Olho D'água, 1997.

GINWAY, M. Elisabeth; CAUSO, Roberto de Sousa. Discovering and Redescoving Brazilian Science Fiction: An overview. *Extrapolation*, Texas, v. 51, n. 1, p.13-39, 2010.

GINWAY, M. Elizabeth. **Brazilian Science Fiction: Cultural Myths and Nationhood in the Land of the Future**. Lewisburg Bucknell University Press: Rosemont Publishing And Printing Corp., 2010.

GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold (Ed.). **The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology**. Athens: University Of Georgia Press, 1996.

\_\_\_\_\_. *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens: University of Georgia Press, 1996.

GLOTFELTY, Cheryl. Introduction. In: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold. *The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology*. Athens And London: University Of Georgia Press, 1996. p. 3-409.

HOBGOOD-OSTER, Laura. *Ecofeminism: Historic and International Evolution*. 2002. Disponível em: <<http://users.clas.ufl.edu/bron/PDFChristianity/Hobgood-Oster--Ecofeminism-International Evolution.pdf>>. Acesso em: 04 fev. 2018.

HOLZER, Werther. *Um estudo Fenomenológico da Paisagem e do Lugar: A crônica dos viajantes do século XVI*. 1998. 257 f. Tese (Doutorado) - Curso de Geografia, Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1998.

HOLZER, W. O conceito de lugar na geografia cultural-humanista: "uma contribuição para a geografia contemporânea". *GEOgraphia*, Niterói, v. 5, n. 10, p. 113-123. 2003.

HUANG, Huai-hsuan. *Distinguishing Patterns of Utopia and Dystopia, East and West*. 2017. 105 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Master Of Liberal Arts In American Studies, Department Of Humanities And Cultural Studies, University Of South Florida, Florida, 2017.

MAHIDA, Chintan Ambalal. Dystopian Future in Contemporary Science Fiction. **Research Paper - English**, [s.l. : S. N.], v. 1, n. 1, p.1-3, jun. 2011. Disponível em: <[http://www.academia.edu/1446073/Dystopian\\_Future\\_in\\_Contemporary\\_Science\\_Fiction](http://www.academia.edu/1446073/Dystopian_Future_in_Contemporary_Science_Fiction)>. Acesso em: 19 set. 2018.

MANES, Christopher. Nature and Silence. In: GLOTFELTY, Cheryll; FROMM, Harold. **The Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology**. Athens: University Of Georgia Press, 1996. p. 3-409.

MOLINA-GAVILÁN, Yolanda et al. Chronology of Latin American Science Fiction, 1775-2005. *Jstor*, Indiana, v. 3, n. 34, p.369-431, nov. 2007.

NUNES, Diogo César. Da literatura como (particip)ação política: “modernidade, utopia e ficção distópica”. *Revista de História Comparada*, Rio de Janeiro, v. 02, n. 06, p.113-137, nov. 2012.

OLIVEIRA, Fátima Régis de. Ficção Científica: uma narrativa da subjetividade homemáquina, Rio de Janeiro: *Contracampo*, set. 2003.

OZIEWICZ, Marek. Speculative Fiction, *Oxford Research Encyclopedia of Literature*, Oxford University Press, [s.l.], p.1-27, 29 mar, 2017. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1093/acrefore/9780190201098.013.78>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

PAVLOSKI, Evanir. 1984: “a distopia do indivíduo sob controle”. 2005. Tese (Doutorado em Letras) - Curso de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

RELPH, Edward. Reflexões Sobre a Emergência, Aspectos e Essência de Lugar. In: MARANDOLA, Eduardo; HOLZIER, Werter. *Qual o Espaço do Lugar?:* “Geografia, Epistemologia, Fenomenologia”. São Paulo, p. 17-287, *Perspectiva*, 2014.

ROCHA, Samir Alexandre. Geografia humanista: “História, conceitos e o uso da paisagem percebida como perspectiva de estudo”. *Raega - O Espaço Geográfico em Análise*, [s.l.], Universidade Federal do Paraná, v. 13, p. 19-27, 30 jun. 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.5380/raega.v13i0.7670>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

RUETHER, Rosemary Radford. *Integrating Ecofeminism Globalization and World Religions*. Lanham, Maryland: Rowman And Littlefield Publishers, Inc., 2005.

SANTOS FILHO, J. C.; GAMBOA, S. S. *Pesquisa Educacional: quantidade e qualidade*. 6. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SCHNEIDER, Luiz Carlos. Lugar e não-lugar: espaços da complexidade. *Ágora*, [s.l.], v. 17, n. 1, p.65-74, 30 set. 2015. APESC - Associação Pro-Ensino em Santa Cruz do Sul. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.17058/agora.v17i1.5311>>. Acesso em: 16 mai. 2018.

SILIPRANDI, Emma. Ecofeminismo: “contribuições e limites para a abordagem de políticas ambientais”. *Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável*, Porto Alegre, v. 1, n. 1, p.61-71, 2000.

SPIVAK, Gayatri Chakravorty. *Pode o subalterno falar?* Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

TORRES, Maximiliano. O ecofeminismo: “Um termo novo para um saber antigo”. Rio de Janeiro, *Terceira Margem*, v. 1, n. 20, p.157-175, jun. 2009.

TUAN, Yi Fu. *Topofilia: “Um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente”*. São Paulo: DIFEL, Difusão Editorial S.A, 1980.

VELHO, G. e VIVEIROS de CASTRO, E. B. O Conceito de Cultura e o Estudo das Sociedades Complexas: uma perspectiva antropológica. Artefato: Jornal de Cultura. Rio de Janeiro: Conselho Estadual de Cultura, n. 1, Jan.1978.

WARREN, Karren J. Taking Empirical Data Seriously, An Ecofeminism Philosophical Perspective. In: \_\_\_\_\_. *Ecofeminism: “Women Culture Nature.*

Bloomington e Indianapolis”: Indiana University Press, Cap 1, 3-20, 1997.

WOLFE, Gary. *The Known and the Unknown. The Iconography of Science Fiction.* Kent, Ohio: Kent State University Press, 1979.